

WLADIMIR OLIVIER

# ROSALINDA

## ÍNDICE

Notícia inicial .....	
1. Rosaura .....	
2. Rodolfo .....	
3. Rodrigo .....	
4. Isaura .....	
5. Sílvia .....	
6. Lauro .....	
7. Honório .....	
8. Lavínia .....	
9. Clóvis .....	
10. João .....	
11. Heitor .....	
12. André .....	
13. Engrácia .....	
14. Frederico .....	
15. Ipojuçã .....	
16. Laerte .....	
17. Rute .....	
18. Roberta .....	
19. Laura Beatriz .....	
20. Aduino .....	
21. Eugênia .....	
22. Paulo .....	
23. Olegário .....	
24. Débora .....	
25. Esmeralda .....	
26. Eduardo .....	
27. Noêmia .....	
28. Aristides .....	
29. Juliana .....	
30. Nilce .....	
31. Atanásio .....	
32. Natanael .....	
33. Neide .....	
34. Davi .....	
35. Adélcio .....	
36. Harmonia .....	
37. Leandro .....	
38. Claudionor .....	
39. Jurandir .....	
40. Bianca .....	
Epílogo .....	

## NOTÍCIA INICIAL

Deus é pai de amor e de misericórdia.

A partir dessa concepção, todas as criaturas se favorecem com suas infinitas bênçãos.

Por isso, quando os espíritos se atrevem a comparecer perante a humanidade encarnada, trazem o conforto e o consolo da existência que vibra além-túmulo, a caracterizar a necessidade de elevar-se o ser humano espiritualmente, para que usufrua, em paz e harmonia, os bens superiores das virtudes.

De que adianta aos materialistas a renitência em não admitir nada que possa reger-se através de leis desconhecidas para o padrão físico do ambiente terrestre? Poderão aumentar o gozo dos bens terrenos, evidentemente, por meio do bem-estar do corpo, e desenvolver a inteligência até o limite da percepção de todas as leis cósmicas ou universais. Sem a crença, porém, de que se aplicam todas as equações a outras realidades ou círculos existenciais, a perspectiva da grandeza da própria criatura se restringirá ao alcance de cada um.

No plano da benquerença entre as pessoas é que se filtram os sentimentos e emoções e que se compreende a necessidade de que todos os bem-amados obtenham recursos para tornar a vida mais feliz e mais proveitosa. Simples deformidades físicas ou tremendos aleijões morais irão provocar grave esforço de entendimento, ou os indivíduos depreciarão a natureza, fermentando a ideia de que o que existe se pauta por injusta e seletiva lei geral. O mal acabará entendido como fruto do desequilíbrio das coisas e das mentes, sem qualquer repercussão moral intrínseca, dado que a vida se conterà entre o nascimento e a morte.

Ora, a concepção espiritualista derruba tais barreiras, projetando a sorte de cada um para conseqüente e irredutível futuro, a partir da compreensão e das realizações carnavais.

Dado que afirmamos a condição de entidades do mundo espiritual, é de crer-se que o princípio imaterial se coloque em primeiro lugar para as considerações dos leitores. Caso assim não seja, tudo quanto escrevermos se resumirá no pensamento de que existe um encarnado que se faz passar por médium, mas que, na verdade, se utiliza dos recursos da imaginação para a criação de um mundo fantástico.

Plasticamente, o nosso ditado irá adquirir as feições do discurso humano quanto ao arresto argumentativo e à construção dialética, inclusive no que diga respeito às estruturas narrativas, descritivas, poéticas, psíquicas, emocionais e outras.

Sendo assim, nada melhor do que confiar em que o texto resultante deste trabalho possa conter soluções para certos problemas, dificuldades e preocupações dos amigos que nos lerem, a ponto de lhe indicarem a leitura a pessoas de seus círculos sociais, ampliando consideravelmente a abrangência dos ideais espíritas aqui consignados.

Claro está que existem as obras da codificação de Allan Kardec, para as quais endereçamos todos quantos se interessem pelos aspectos filosóficos, científicos, morais e religiosos com tratamento superior. Nem poderia ser diferente. Depois, existe toda uma biblioteca de teóricos e práticos do espiritismo, cada qual orientado para aspectos ímpares da doutrina dos espíritos.

A nossa contribuição, como se verá, estará circunscrita a comentários sobre as atividades do dia a dia de algumas personagens empolgadas em dramas do coração. Trata-se de um romance de costumes contemporâneos, a incentivar as reflexões fundamentadas nas virtudes essenciais da pregação de Jesus.

Quanto às informações relativas a quem somos e de onde proviemos, conclua o bondoso leitor através de percuciente análise do texto.

Que Deus nos ampare em nossa ambiciosa empresa!

## 1. ROSAURA

Na flor de seus doze anos, a doce menina abria-se para a vida naquele dia. Rosalinda menstruava pela primeira vez.

A mãe, Rosaura, cercava-a de cuidados, explicando-lhe as sensações pelas quais passaria:

— Não se deixe impressionar, querida, pelo sangue.

— Eu sei que é natural, mãe. A professora nos disse que o processo fisiológico demonstra a fertilidade da mulher. Quer que lhe diga os nomes científicos?

— Não precisa. Mas é bom que você saiba que o ciclo menstrual se repete a cada vinte e oito dias.

— Eu sei, eu sei. Como sei que o fluxo sanguíneo deve durar três dias. Se for maior, é bom ir ao médico.

— Como você está se sentindo?

— Muito alegre.

— Não está com cólicas?

— A professora disse que alguma cólica é possível. Se o mal-estar for grande é que o problema é da cabeça e não do corpo.

— No meu tempo a gente não sabia nada disso. Minha mãe me preparou para terríveis dores e eu até precisei dizer que estava precisando de comprimidos, caso contrário ela ia pensar que eu era diferente.

— Você não está querendo que eu diga nada que não esteja passando...

— Eu quero que se sinta muito bem, feliz e grata a Deus por ter uma primeira vez tão esclarecida e confiante. Você está confortável com o absorvente?

— A professora disse que a gente deve trocar depois de uma hora, da primeira vez, para observar se tudo está normal. Vamos ver se está?

Sem esperar resposta, sem cerimônia, abaixou a calcinha e deslocou a pequena almofada úmida o suficiente para justificar a troca.

A naturalidade da atitude surpreendia Rosaura. Lembrava-se de sua primeira vez e da vergonha que sentiu ao contar à mãe. Ao pai, nem pensar, ao contrário da filha, que anunciou a todos da casa a chegada do mês-tru, inclusive ao irmão dois anos mais velho, correndo o risco de receber algum motejo. No entanto, o beijo carinhoso que ele lhe pespegou na bochecha enterneceu-a, pelo amor que revelava.

— Você acha que está tudo bem?

— Claro que está.

— Por que, mãe, você nunca me mostrou um absorvente seu, para me dar ideia de como seria?

— A sua professora não lhe disse que antigamente as mulheres não julgavam certo exhibir sua condição?

— Disse, mas você é diferente.

— Sou nada. Sempre tive as minhas inibições. Do jeito que você está levando o seu caso, eu até fico arrepiada, pensando se não seria melhor proceder de modo mais reservado...

— Eu quero que todo mundo saiba que estou maravilhada.

— E o que você está sabendo a respeito da tensão pré-menstrual?

— A síndrome de tensão pré-menstrual é um fenômeno da mente que pode ocorrer em dias que precedem a menstruação e se caracteriza por maior ou menor irritabilidade, podendo causar insônia e instabilidade emocional. A mulher pode ainda ter dor de cabeça, nos seios, no abdômen, prisão de ventre e muito cansaço.

— Na ponta da língua?

— Quando se trata da gente, compreender e decorar constituem uma necessidade e um prazer. Foi assim que a professora nos ensinou.

— Não se esqueça, sabichona, de que uma coisa é a teoria, outra, bem diferente, é a prática. Quando você sentir que está reagindo mal por causa da tal síndrome, como você disse, veja se não vai descontar tudo nas pessoas. Entendeu?

— Vou entender melhor quando chegar a hora.

Ambas se abraçaram e a mocinha foi logo em busca do telefone, onde passaria as próximas horas contando a novidade às amiguinhas.

## 2. RODOLFO

Um ano depois, Rosalinda foi chamada pelo pai, preocupado com as atitudes que vinha tomando em relação aos amigos e colegas.

— Precisamos acertar nossos ponteiros, querida, porque não estou tão tranquilo quanto sua mãe, vendo você tomando tantas liberdades com a rapaziada.

A juvenzinha fez menção de levantar-se para chegar-se ao pai, mas este a deteve com um gesto:

— Fique aí mesmo, mocinha. Não me venha com agrados, porque vou pensar que você está querendo esconder alguma coisa.

Rosalinda amou:

— Puxa, pai, como o senhor pensa mal de mim...

— Penso muito bem, querida. Em mim mesmo é que não confio. Quando você vem tão cheia de dengues, logo me deixa desarmado e hoje eu quero ter uma conversa séria com você.

— Tudo bem, mas não precisa...

— Eu acho que preciso, sim.

— Então, pergunte diretamente o que deseja saber.

— Você está namorando alguém?

— Não entendi.

— Claro que entendeu. Você está firme com algum deles?

— O conceito de *namorar* mudou, pai. *Namorar* agora significa que as pessoas vivem maritalmente, como marido e mulher. Você quer saber se estou *ficando* com alguém?

— Ou isso.

— Não, só estou *azarando* sem nenhum compromisso.

— Quer dizer que *ficar* é o mesmo que eu entendia como *namorar* e *azarar* é o que eu chamava de *flertar*?

— Como você quer que eu saiba?...

— Não se faça de desentendida. A sua professora deve ter explicado como se dão os encontros entre homens e mulheres.

— A professora de Português não gosta que a gente use a gíria, por isso nos pediu um trabalho de pesquisa a respeito.

— Eu não estou interessado nas palavras. Eu quero saber o que você anda fazendo com os rapazes.

— Estou aprendendo a conhecê-los. Na verdade, eles não gostam muito de se mostrar como são. O que eles querem, você bem sabe.

— Não sei. Diga você.

— Ora, pai. Eles querem *transar*.

— Ou seja...

— Eles querem conhecer as meninas no sentido bíblico, conforme diria o padre no púlpito.

— Ou seja...

— Não insista, porque já entendeu o que estou dizendo e eu não preciso traduzir cada ideia que exponho para o seu jargão particular.

— É verdade. Quer dizer, é verdade que você não precisa explicar cada coisinha, mas não é verdade que eles só pensem *naquilo*.

— Ou seja...

O pai não se surpreendia com a vivacidade da filha, mas divertia-se com ela, provocando o mais possível a galhofa, para amenizar o que havia preparado para dizer.

— Ou seja, todos querem relacionar-se com o maior número de moças, para descobrir uma com quem casar e criar família. É isto o que acontece com eles?

— Você não acha que os meus colegas estejam procurando casamento, está? Diz isso porque não quer ir diretamente ao assunto.

— Tem razão. Sua mãe me disse para falar bem claramente o que está preocupando-me. Então, diga-me: você tem tomado cuidado para não engravidar?

A mocinha não pôde evitar um sorriso malicioso.

— Pai, que é isso? Meu hímen está intacto, se é essa a sua preocupação. Quer ver?

— Menina, não seja abusada.

— Então, eu mostro pra mãe.

— Ela não está interessada neste assunto. Eu é que só agora criei coragem para conversar abertamente a respeito de sexo.

— O que você chama de *abertamente* é o que vem fazendo até agora?

Rodolfo precisou admitir que a observação implícita era justa:

— Se você quiser saber, nem meu pai nem minha mãe nunca falaram comigo assim.

— Mas na escola...

— Os padres e os professores não tocavam no assunto. Quando muito, no confessionário, me diziam que certas coisas eram pecado. Lá eles perguntavam tudo, mas não davam nenhuma explicação: só penitência, quando a gente dizia que tinha feito alguma coisa escondido.

— Eu estou sabendo o que se faz escondido. A professora tem insistido com a gente para tomar cuidado com as infecções...

— E você tem tomado cuidado?

— Claro! Eu só tenho treze anos, mas sinto todas as sensações que qualquer mulher sente.

Rodolfo começava a perder o controle do tema. Não era, positivamente, aquele o rumo que desejava ter imprimido à conversa. Então, tentou encerrar o diálogo:

— Veja se entendi: você não obtém com os rapazes o mesmo prazer que consegue sozinha? É isso?

— Você não acha que está querendo saber demais?

— E se você engravidar?

— E para que existem as *camisinhas*, desculpe, os preservativos?

— Não me diga...

Aí a mocinha não resistiu e foi abraçar o pai, sussurrando-lhe ao ouvido:

— Obrigado, pai, pelo seu amoroso interesse. Entendi a sua preocupação. Não pense que eu vá dar esse tipo de trabalho a vocês. Vocês estão dando-me uma educação que só me deixa orgulhosa dos pais que possuo. Confie em mim, por favor.

— Nós confiamos em você, mas temos medo da liberdade que os jovens têm hoje em dia. Não passa um dia sequer sem que a gente fique sabendo que uma adolescente ficou grávida, deixando o filho para os avós cuidar.

— Se Deus quiser, isso jamais vai acontecer comigo, porque eu desejo ter uma carreira profissional vitoriosa e estou prevenida para não cair nesse tipo de armadilha. Fique sossegado, paizinho.

— Quer dizer que você não ficou sentida comigo?...

— Claro que fiquei!...

Sorria a diabinha, faceira, a mangar dos pruridos sentimentais do pai.

### 3. RODRIGO

O irmão ouvira falar dela no círculo dos colegas.  
Rosalinda terminava o primeiro grau e Rodrigo estava passando para a terceira série do segundo grau.

— Estão dizendo que você está de paquera com três ao mesmo tempo.

— Quem *estão dizendo*?

— Os meus amigos.

— É mentira.

Rodrigo insistiu:

— Onde existe fumaça, existe fogo.

— Eles acendem a fogueira e querem dizer que eu forneço a lenha? Sai dessa, meu irmão.

— Quer dizer que você...

— Quer dizer que eu vou ficar na minha. Eu sei o que eles estão querendo. Eles acham que só porque estão mais adiantados e são mais velhos vão pegando todas as meninas da minha classe.

— Pelo menos duas eu já *tracei*.

— Você está jogando o verde pra colher maduro. Quer que eu pergunte quem foi. Aí vai querer confirmar se elas contam as coisas que fazem.

— Você está por fora. Só porque fez quatorze anos, pensa que sabe o que vai pela minha cabeça. Sai dessa você...

— Espere aí. Vamos esclarecer uns pontos. Você disse que *traçou* duas colegas minhas. Por que disse *pelo menos*: você não tem certeza de quantas foram?

— A Marisa e a Clarinha.

— *Traçou* nada. Essas duas não estão nem aí com colegiais. O negócio delas é com universitários. Você quer que eu *dê bandeira*. Então, eu preciso saber se você já conversou sobre sexo com o papai ou a mamãe.

— Claro que nós conversamos.

— E eles não disseram para respeitar as mulheres?

— Eles disseram para eu tomar cuidado com a AIDS.

Rosalinda não esperava a resposta, mas retornou ao tema que a estava interessando:

— Pois eu acho que você deve tomar cuidado com a língua, falando mal das minhas colegas.

— Voltamos ao começo. Eu vim conversar com você justamente porque estão falando de suas *gentilezas*. Um deles disse que estão chamando você de *Dona Dativosa*.

— E você não brigou com ele?

— Ele veio falar comigo. Não ficou espalhando por aí, mesmo porque mexeram também com a irmã dele.

— E não é isso que os rapazes fazem? Um tem sucesso aqui, outro ali e logo dizem pra todo o mundo o que fizeram. Eu estou bem prevenida.

— Quer dizer que eles têm razão no que disseram?

— Três de uma vez? Você ficou maluco?

— Estou tentando tirar a limpo, porque não quero ver o nome da minha irmã na boca do povo.

— E quem é que vai tapar a boca do povo? Mas eu sei o que aconteceu. Se você prometer não ir tirar satisfação, eu conto o milagre e dou o nome do santo.

— Eu não posso prometer uma coisa sem saber do que se trata.

— Então, lá vai o milagre: um sujeito veio me dar uma *azarada*. Quer *ficar* comigo. Um *galinhão* conhecido. Boa pinta. Acha que vai levar todas pra cama. *Comigo, não, violão*, como diz a vovó. Deixei o *cara* na mão. Se as minhas colegas não estivessem perto... Ele me ameaçou pegar à força.

— O pai está sabendo disso?

— Claro que não. Você acha que eu não sei me defender. Pus o maior medo nele, que tive muitas testemunhas.

— Você chamou a polícia?

— Não precisou. Eu só disse que ia contar tudo pra mãe dele. Afinou. Mas deve ter descontado, falando mal de mim por aí, o miserável.

— Qual é o nome do *santo*?

— Vou ficar apenas no milagre.

Rodrigo precisou de alguns instantes para se refazer do susto. Finalmente, voltou à carga:

— Quer dizer que aqueles três que falaram, não existem?

— Claro que não. Só existe um: o Claudinho, você bem que está sabendo. Mas a gente ainda não passou de uns *amassos*. Quero ter a certeza de que ele gosta de mim de verdade.

— E isso interessa? Não basta a amizade?

— Você não entende nada mesmo.

— Gostaria de entender.

— O que eu preciso saber é se ele é carinhoso, se não vai me machucar, se aceita *transar* com *camisinha*. Essas coisas.

Rodrigo olhou espantado para a irmã. Sabia que a pirralha gostava de escandalizar as pessoas, mas pareceu-lhe que as atitudes estavam estabelecendo-se no cérebro dela com muita possibilidade de realização. Deu uma de conselheiro experiente:

— Pois você deve tomar muito cuidado, porque ninguém aprende nada com quem nada sabe. Na hora do *vamos ver*, ele pode pensar que está com uma prostituta e vai fazer tudo errado.

— Isso é coisa de dizer à sua irmãzinha?

— Pois eu acho que você está suficientemente desenvolvida para ouvir falar a respeito das coisas da vida, ainda mais porque não põe trava nenhuma na língua. Quem fala o que quer, ouve o que não quer.

— Por falar nisso, como estão as coisas entre você e a Glória?

— Terminamos. Ela só se interessa pelos artistas. Quando aparece alguém de carne e osso, cai fora.

— Você está curtindo uma boa dor de cotovelo.

— As mulheres gostam de fazer isso com os homens. Mas se você me garante que não está saindo com três...

Rosalinda abraçou o irmão, beijando-o no rosto, sem acrescentar mais nada.

Rodrigo se desvencilhou do carinho e rumou para o quarto, ruminando com dificuldade aquela indigesta manifestação de voluntariedade da irmã.

#### 4. ISAURA

Rosalinda aproveitou o tumulto natural da festa de bodas de prata dos pais para acercar-se da avó. Pegou-a num canto do salão, esclarecendo desde logo:

— Vó, eu acho que você pode me tirar algumas dúvidas.

— Claro, Rosinha, tudo o que você precisar.

— O que eu queria saber é se você se apaixonou pelo vô Roberto ou se teve outros namorados antes dele.

A senhora, recentemente entrada na casa dos sessenta, não se sentiu à vontade diante da pergunta direta e incisiva da neta. Ganhou tempo:

— Qual é o seu interesse em saber isso?

— É que eu admiro muito como vocês dois se tratam, respeitando-se tanto mutuamente que me parece que foram feitos um para o outro e que nunca houve outra pessoa entre vocês.

— Você já fez quinze anos. Está na idade de seu baile de debutante...

— Isso é para gente rica.

— No meu tempo, todo mundo que tivesse uma situação econômica razoável oferecia uma festa às mocinhas quando completavam quinze anos.

— Essa ideia foi sugerida lá na minha classe, mas a maioria não quis nem saber.

— Mas era uma ocasião tão linda para os jovens começarem a se aproximar das moças.

— Foi assim que a senhora conheceu o vô?

— O meu pai foi meu par.

— Não foi o que perguntei.

— Não foi lá que eu conheci o velho. Foi só três anos mais tarde, no casamento da tia Isabel.

— Mas, pelo que entendi, a senhora conheceu alguém na sua festa de quinze anos.

A senhora aproximou a cadeira mais um pouco da jovem e murmurou-lhe ao ouvido:

— Você guarda um segredo?

— Claro, vô. Sou um túmulo.

— Lá eu conheci um rapaz mais velho que eu uns seis ou sete anos. Era homem formado. Distinto. Elegante. Com um sorriso lindo. Um bigode bem aparado. Cabelos longos e sedosos, bem penteados e repartidos do lado.

— Ele a tirou para dançar.

— Não tirou. Se não fossem meu pai e meus irmãos, tomava *chá de cadeira*.

— Ele veio conversar com você...

— Ele nem notou que eu existia.

— Foi uma *azaração* unilateral.

— Como assim?

— Deixe pra lá.

— Eu acho que entendi. Você quis dizer que ele não correspondeu ao meu interesse.

— Isso mesmo. Mas você se encontrou com ele depois.

— Na escola. Ele era um dos professores novos e foi padrinho de uma de minhas colegas.

— Com quem acabou casando...

— Casou, mas foi com uma colega dele, a professora de Matemática.

— O seu amor foi o que a gente chama de amor platônico.

— É isso aí.

— O que eu queria saber é se não houve outro namorado firme, alguém com quem você teve um relacionamento e depois desfez.

— Não tive, não. Quando seu avô apareceu é que me derreti toda.

— E esse amor foi pra toda a vida.

— Você sabe disso.

— E ele não teve outras antes de você? Ou depois?

Isaura se perturbou com a segunda pergunta. Fez de conta que não ouviu e respondeu à primeira:

— Ele namorou bastante, antes de mim. Quando nós firmamos compromisso, ele deixou de ir atrás delas.

— Que você saiba.

— Ninguém me disse nada que não confirmasse o amor que ele me protestava. Mas qual é o seu interesse nestas coisas que dizem respeito somente a nós dois?

— É que ninguém me diz nada que se relacione com os mais velhos, a não ser *no meu tempo não era assim, no meu tempo a gente se respeitava* e coisas semelhantes.

— Sabe o que acontece?! Eu vou explicar. As pessoas não gostam de lembrar as coisas ruins, principalmente se, no presente, foram superadas as dificuldades.

— Eu tenho muitos colegas cujos pais se separaram. Isto quer dizer que a fidelidade nem sempre é o caminho que as pessoas seguem.

— Um dia você irá compreender melhor como é que se dá a união ou a desunião dos casais. Mas você não me explicou ainda por que tanto interesse.

— Nem você me disse se, depois que o vô a conheceu, ele teve algum caso.

— Isso você vai ter de perguntar a ele.

— Por quê?

— Porque eu não tenho nenhuma informação a lhe prestar.

— Vovozinha, não se amofine, por favor. Eu vou dizer a razão de minhas perguntas e depois você responde.

— O que eu tinha para dizer já disse.

— Tudo bem. Você vai pensar melhor depois que eu lhe disser o meu motivo.

— Vamos ver.

— Eu desmanchei com o Cláudio.

— Eu gosto muito dele.

— Deixe-me explicar. Você está disposta a guardar o meu segredo como eu vou guardar o seu?

— O meu túmulo está bem mais recheado que o seu.

— Boa. Gostei. Mas a verdade é que ele queria passar às vias de fato e eu não achei que seria uma boa. Aí ele arrumou uma que...

— Já entendi. Você agiu muito bem, preservando-se para seu futuro marido.

— Eu acho que você não entendeu direito. Eu não estou querendo *preservar-me para meu futuro marido*.

Isaura estava incomodada com o rumo da conversação. Estava arrumando uma desculpa para despachar a neta, achando que não era a pessoa mais indicada para ouvir tais confidências. Quando ia sugerir que ela conversasse com a mãe, já Rosalinda estava descrevendo seu relacionamento com o rapaz:

— Ele queria fazer de tudo. Como eu me neguei, achou que a minha virgindade é que era o empecilho.

— Como é que ele chegou a tantas intimidades?

— Ora, vó, não é só médico que faz exames ginecológicos.

Isaura passou da lividez que vinha mantendo para um rosado afogueado das faces, quase perdendo o fôlego. Mas manteve a dignidade à vista de considerar que a jovem estava realmente precisando de seus conselhos. Resolveu ouvi-la mais um pouco, não deixando de observar:

— Você, daqui a pouco, vai responder a uma pergunta que vou fazer.

— Está certo. Pois bem, o empecilho não era a virgindade, mas o fato de ele ser um grosseirão. Sempre que a gente se encontrava, lá ia ele me levando para o escurinho, para um canto longe das vistas alheias, ou até onde já estavam outros casais em atividade sexual. Eu sei que este tipo de coisa você não admite. Mas precisa compreender que é assim que os adolescentes estão vivendo hoje em dia.

— Posso fazer a minha pergunta agora?

— Ainda não. Preciso contar que ele fez a minha *caveira*, dizendo pra todo o mundo que tinha conseguido o que não conseguiu.

— Eu acho estranho que você fala todas as coisas abertamente, mas está se segurando com relação a dar nomes aos bois.

— Eu só não falo feleção, masturbação, coito anal, sodomia e outros termos para não escandalizar a minha querida vovozinha. Paciência, agora já falei.

— Onde você aprendeu tudo isso?

— Minha mãe me emprestou um livro, quando eu perguntei certas coisas que ela não quis ou não soube explicar. Lá havia muito mais do que eu queria saber.

— Eu não sabia que ela tinha um livro sobre educação sexual.

— Foi o livro que meu pai deu pro Rodrigo. Faça a sua pergunta agora.

— Antes da minha pergunta, eu quero saber qual a lição que você vai tirar das respostas que eu lhe dei.

— Uma grande lição. Agora já sei que a juventude atual age muito mais de acordo com os apelos da natureza que a de seu tempo. Isto significa que a nossa visão da vida é outra. Talvez mais adulta, talvez menos hipócrita, talvez mais responsável...

— Explique *responsável*, por favor.

— É que agora as próprias moças e rapazes respondem por si mesmos, não dependendo dos pais. Se a gente erra e tem o apoio deles, fica tudo mais fácil de vencer, sem culpa nem acusação.

— Não estou preparada para discutir com você um assunto sobre o qual nunca pensei. No meu tempo, as pessoas achavam que esse comportamento era, no mínimo, imoral, para não dizer coisas mais pesadas, sem querer ofendê-la. Mas se as coisas estão nesse pé, não será a opinião dos mais velhos que irá mudar o pensamento dos jovens. O que talvez possa ocorrer é uma série de decepções e frustrações que irão repercutir, como já está acontecendo, no procedimento dos filhos, muitos sem saber direito como agir em relação ao afeto que deveriam dedicar aos pais, aos irmãos e até aos colegas. Mas isto não serve para você, que está num lar harmonioso e equilibrado. Graças a Deus! As emoções, minha neta, é que deveriam ser melhor preservadas. Você mesma se sentiu traída quando o seu namorado foi buscar o carinho de outra. Mas essas atitudes devem ser esperadas diante de tanta liberalidade sexual.

— Entendo e agradeço a sua consideração. Qual era mesmo a sua pergunta?

— Eu vou perguntar mas você não precisa responder. Adotando a sua linha selvagem de querer saber tudo, eu lhe peço para pensar nas razões físicas ou religiosas da existência do hímen: para que serve essa película que tanto sofrimento tem causado à humanidade?

Rosalinda parou para refletir. Finalmente, abraçando a avó, observou:

— Eu nunca pensei nisso. Como também sequer suspeitava que você fosse tão longe neste assunto. Vou pesquisar e depois eu venho conferir a sua resposta.

Quando Isaura se viu só, deixou o copinho de champanhe quase cheio sobre a mesa e foi tomar ar no jardim.

## 5. SÍLVIA

O encontro com a outra avó se deu pouco depois de Rosalinda completar dezesseis anos.

— Vó, você sabe por que as mulheres nascem com hímen?

— Eu acho que o hímen é uma proteção natural contra os micro-organismos, nos primeiros anos de vida.

— Sem o hímen, o que poderia acontecer às meninas?

— Atualmente, tal apêndice orgânico não tem muito sentido nas sociedades higiênicas e limpas. Onde impera a sujeira, o hímen constitui um empecilho para a penetração de objetos que poderiam conter bactérias prejudiciais à saúde.

— Se eu entendi, quer dizer que o hímen bloqueia a entrada de um dedo contaminado, por exemplo?

— Isso mesmo.

— Mas, por outro lado, uma vez instalados os micro-organismos, o hímen não pode ser um fator prejudicial ao tratamento?

— Ao tratamento, não, porque existem antibióticos para serem ministrados por via oral ou para serem injetados. Quanto aos remédios de uso tópico, existem procedimentos médicos que não encontram dificuldades de acesso ao interior da vagina.

— Você não acha que o hímen é mais do que um elemento físico? Todo mundo sempre quer saber se a gente ainda é virgem ou não. Quando eu digo que sou virgem, me tratam como criança.

— A sociedade é muito preconceituosa quanto a isso. Existem lugares em que é possível anular o casamento quando o marido, na noite de núpcias, descobre que a moça não possui mais hímen. Existem até casos em que o homem se aborrece e acusa a mulher de traição, sem que esta tenha culpa de possuir um hímen elástico o suficiente para não se romper, dando a impressão de que nem existe.

— Para mim isso é novidade.

— Você pretende ser médica?

— Eu ainda não resolvi qual a carreira para a qual tenho mais vocação. A medicina exige muito estudo. Eu não sei se vou conseguir ser alguém tão importante na vida.

— Estou perguntando porque as explicações científicas são muito mais complexas do que simples notícias de uma conversa informal. Por que você está tão interessada nesse tema?

— É que, apesar de eu ter ainda o meu hímen, eu não me considero virgem. Primeiro porque eu acho que ser virgem é um estado de espírito. A moça não deixa ninguém se aproximar fisicamente e impõe uma distância ao namorado, no máximo permitindo que ele passe as mãos nos seios, por exemplo. Segundo porque eu não vejo razão para não manter relações sexuais normais, uma vez que a gente sente vontade, ou melhor, uma vez que a libido age sobre a nossa natureza, obrigando-nos a pensamentos eróticos.

— Você está querendo passar da masturbação ao coito?

— Se eu encontrar a pessoa certa.

— Quem é a pessoa certa para você?

— Alguém que me respeite e que não vá contar pra todo mundo o que a gente fez entre quatro paredes.

— Ou no banco de trás do carro...

— Você não vai querer que sua neta querida se entregue de maneira tão desajeitada.

— Eu não quero nada. Se você souber evitar uma gravidez indesejada e prevenir-se contra a aquisição das doenças venéreas, vai ter apenas de suportar uma reação psicológica desfavorável, já que poderá arrepender-se, se não era exatamente aquilo que estava esperando.

— Quer dizer que você não me reprovaria se eu lhe dissesse que não sou mais virgem?

— Iria mais longe nas observações, dado que as suas reações emotivas seriam bem mais profundas.

Rosalinda hesitou. Percebendo, porém, que a avó poderia suspeitar de que a verdade fosse outra, apressou-se em desfazer qualquer impressão errada:

— Eu sou sincera. Eu posso contar todos os lances das *bolinações* com os meus namorados. Só não chegamos ao clímax através da penetração. O resto fizemos sem sentimento de culpa ou de vergonha. É isso que não está me deixando satisfeita comigo mesma. Parece que, se eu chegar em casa sem o hímen, estarei

ofendendo minha mãe e toda a minha família. No entanto, o Rodrigo é até incentivado a ter experiências sexuais. Isso não é justo.

— O seu namorado atual, o que diz?

— Ele chegou pensando que a entrada estava livre e desimpedida. Quando esbarrou com a minha negativa, ficou meio indeciso, não querendo ser o primeiro, porque ele é *de maior* e eu não. Ficou com medo da responsabilidade.

— E como é que ele se satisfaz?

— No começo, eu achava melhor que procurasse profissionais competentes. Agora eu mesma resolvo.

— Ele faz promessas de casamento ou apenas vai levando adiante o caso, enquanto está bom para ele?

— Por que você está mais interessada nele do que em mim?

— Desculpe, querida. Você tem razão. É mania da gente querer agarrar quem está à mão. Se ele não serve para deixar você contente, é melhor que caia fora.

— Vó, também não é assim.

— Diga, então, o que você quer ouvir.

— Eu gostaria que você me orientasse quanto a vencer os receios ou os pruridos de hipersensibilidade relativos aos fatos da consciência.

— Quem tem capacidade para se exprimir com tanta argúcia, através de termos tão complexos e eruditos, não deve ter dificuldade de compreender o quanto de paixão está sentindo. Você não acha?

— Pra dizer a verdade...

— Posso adivinhar?

— Adivinhe. Não está tão difícil.

— Você resolveu se entregar e veio arrumar uma confidente com quem contar depois do fato. Não me fazendo de cúmplice, tudo bem.

Rosalinda entendeu o recado. Sabia que podia confiar em Sílvia, saindo decidida a terminar de vez com seu dramazinho juvenil. Considerou que a infância ficaria definitivamente encerrada, caso precisasse ocupar sua mente com problemas mais adultos, afastando de uma vez por todas os escrúpulos.

## 6. LAURO

Um dia, Rosalinda chegou do médico em pânico. Foi diretamente à escola, exigindo conversar com o professor Lauro. Tinha um assunto urgente a tratar.

O bedel não gostou de interromper a aula mas, à vista da insistência da garota, resolveu que era melhor atender.

Quando o jovem senhor se deparou com a rapariga, sentiu um frio na espinha.

— Vamos à sala dos professores, que deve estar vazia nesta hora —, pediu-lhe ele, sem tocá-la, olhando para todos os lados.

Assim que entraram, repreendeu-a:

— Eu não falei que era perigoso a gente se encontrar aqui?

— Estou grávida.

O homem sentou-se, deixando-a de pé. Colocou as mãos na cabeça e escondeu o rosto. Finalmente, observou:

— Você está certa disso?

— Estou vindo do médico. Todos os exames deram positivo.

— Vamos ter de providenciar o aborto.

A palavra chocou a juvenzinha, que enfatizou:

— Eu não vou assassinar o meu filho.

— E eu não quero pagar pensão para um...

la dizer *bastardo*, mas achou por demais ofensiva a expressão.

Rosalinda ia colocando os pensamentos no lugar. Finalmente, concluiu:

— Bem que eu estava desconfiada que você ia dar pra trás. Enquanto a gente *transava*, tudo estava bem.

— Você sempre soube que eu sou casado e que amo minha mulher.

— Eu mereci isto. Pois bem, vim revelar que você vai ser pai mais uma vez. Você não vai querer assumir a paternidade, mas fique sabendo que não tem direito de ignorar o fato de eu ter somente dezessete anos.

— Eu te mato!

— Faça isso. Você vai ver como é bom enfrentar a lei.

— E quem é que vai ficar sabendo?!...

— Existem quatro pessoas que sabem quem é o pai da criança. Você vai ter de matar mais dois.

— Para quem você contou?

— Conte para o médico e para mais uma pessoa cujo nome você vai ficar sem saber. Mas se vai me matar, faça isso logo, porque meus pais também vão ficar sabendo por mim mesma.

Lauro não quis ir adiante no confronto. Percebeu que tinha muito mais a perder. Imaginou se Rosalinda não seria capaz de criar a criança sozinha, sem atribuir a paternidade a ele. Sondou-a:

— Se nascer, como é que você vai registrar?

— Meu filho vai ficar sabendo quem é o pai através da certidão de nascimento.

— E seu eu não permitir?

— Para que existe exame de DNA? Agora há cem por cento de certeza.

— Você vai destruir minha vida.

— Você está destruindo a sua vida. Não seria mais fácil ficar contente e deixar as coisas correrem?

— Minha mulher não vai aceitar.

— Vai, sim, porque eu não vou querer você como marido. A sua covardia vai marcar o nosso relacionamento. E eu vou sempre achar que você estará me traindo com outras alunas.

Rosalinda fez menção de se retirar, mas Lauro a segurou pelo braço.

— Vê se me larga...

— Espere um pouco. Eu estou com medo. A gente sempre usou camisinha.

— Nem sempre. Mas eu não vou ficar lembrando essas coisas.

— Será que o filho é meu mesmo?

— Outra vez? Sabe de uma coisa, vai pra...  
Não concluiu o xingamento. Julgou que o amante era bastante vil sem ser preciso que ela o colocasse no devido lugar.

— Rosinha...  
— Que Rosinha que nada. Vê se me esquece.  
— Você não vai contar nada para suas colegas.  
— É bom que elas saibam com quem podem estar lidando.  
— Eu vou perder o emprego e o registro.  
— Pensasse nisso antes.  
— Não faça isso comigo.  
— Você é quem quer matar o filho e a mãe.  
— Eu lhe peço perdão, em nome das horas de felicidade que passamos juntos. Você não queria um homem experiente para começar a vida sexual? Por que agora me vem com esta de arruinar a minha vida? Não foi bom para você também?

— Não se esqueça de que as pessoas vão me ver barriguda e vão querer saber quem é o pai.  
— Diga que o pai fugiu, que morreu, que...  
Não conseguia lembrar uma terceira hipótese.

— Eu vou dizer que o pai não quer responsabilizar-se pelo que fez. Mas eu lhe prometo não falar o seu nome a ninguém, desde que você me prometa não se aproximar de nenhuma aluna, enquanto não puder assumir um compromisso sério na vida.

— Você acha que eu vou querer passar de novo por uma situação destas?  
— Eu estou achando que sua mulher vai descobrir um dia que *galinhão* tem fora de casa. E vai deixar você na mão. Escreva o que estou dizendo.

Desta feita, ela saiu sem promessa e sem permitir que ele a segurasse.

Quando Lauro voltou à classe, estava lívido, a ponto de todos os alunos ficarem em silêncio, aguardando por alguma notícia devastadora. Ao invés disso, disse ele:

— Estão querendo me derrubar. Mas eu sou mais eu, vocês vão ver. Quem pode me dizer quem escreveu *Os Lusíadas*?

E antes que algum pirralho fizesse alguma gozação, ele mesmo respondeu:

— Foi um português, Luís Vaz de Camões, que tinha um olho só mas enxergava mais que muita gente.

## 7. HONÓRIO

Pouco tempo depois de falecer a esposa, Sílvia, Honório foi visitar o filho, desejoso de ter uma conversa com a neta. Assim que a pilhou sozinha, trocando a criança, logo introduziu o assunto que o vinha preocupando:

— Lindinha — só ele a chamava assim —, o que é que tanto você conversava ultimamente com sua avó?

— Ela me ajudava a entender todo o processo de crescimento do feto e quais deveriam ser os cuidados para prevenir futuras doenças. Foi ela quem me esclareceu de uma vez por todas que eu devo amamentar até os dois anos de idade.

— Ela não lhe falou nada a respeito da doença que sofria?

— A vó não era de se lastimar.

— Isso eu sei. Só no fim é que a família ficou sabendo da gravidade do câncer. Mas fazia dois anos que ela estava tomando remédios fortíssimos contra a dor, até que, nos últimos seis meses, precisou tomar morfina.

— Eu só fiquei sabendo disso depois que ela morreu. Foi minha mãe quem me disse.

— Eu é que contei a ela. E sobre ter frequentado um centro espírita, ela lhe disse alguma coisa?

— Ela me dava só bons conselhos. Às vezes, falava que o mundo servia para as pessoas melhorarem o procedimento e me dizia para nunca causar um mal a ninguém. Eu acho que ela tinha medo que eu abortasse ou repudiasse a minha filha.

— Ela nunca me revelou se estava preocupada com você. Eu acho que ela confiava em seu discernimento.

Rosalinda deixou a filha trocada no colo do avô e, sem cerimônias, passou a cuidar dos bicos dos seios descobertos. Honório disfarçou, carregou a bisneta até a janela mostrando as árvores do jardim. Lembrava-se dos seios da falecida, que feneceram com o tempo, enquanto os da neta estavam na plenitude da tumescência materna.

— Vô, me passe a menina. Por que você está me perguntando a respeito de religião?

— Depois que ela morreu é que percebi que vinha lendo uns livros escondida.

— Por que faria isso?

— É que sempre foi muito positiva, achando que nada existia fora da matéria. Se eu soubesse que estava interessada nos espíritos, talvez ficasse envergonhada.

— Bobagem, vô! A vó não ia...

— Eu é que ia estranhar. Acho que ela não queria mudar minha crença católica. Ela sempre foi com muito má vontade à missa. Ia para não ter de me ouvir depois.

— Então, para você, ela está no céu, de braços dados com os anjos.

Ficaram ambos um longo tempo a observar a criança sugando alegremente o leite. Quando Laura Beatriz parou de mamar, adormeceu.

— Você segura a menina até ela arrotar? Eu vou pôr uma fralda no seu ombro.

Honório pegou a netinha com todo o cuidado, sentindo-lhe o peso, achando que estava bastante desenvolvida para os cinco meses de idade. Aí lhe veio à mente uma dúvida antiga:

— Esse nome, Laura Beatriz, como é mesmo a história dele?

— A vó não contou?

— Ela disse que foi o pai quem fez o registro e que você não gostou do nome.

— Eu pedi que ele registrasse com o nome de Beatriz. O parvo, querendo deixar uma lembrança na minha cabeça, colocou o nome dele: Lauro. Daí o Laura Beatriz.

— Pelo menos ele assumiu a paternidade.

— Depois que a mulher largou dele, o tonto achou que podia fazer o que bem entendesse na vida. Agora tem de dar aula manhã, tarde e noite, pra pagar a pensão e sustentar outra mulher.

— Você não está exigindo nada, pelo que seu pai me disse.

— Ele não tem de onde tirar. Depois, a gente não precisa.

— Não precisa mesmo. Agora que parei de comprar remédios e de pagar médicos e hospitais, tem sobrado algum que estou reservando para quando chegar a minha hora. Se você precisar, está às ordens.

— Não vou precisar, não. Está tudo sob controle. Você sabe que o coitado ainda vem ver a filha e toda vez traz alguma coisa pra ela?

— Está agradecido a você.

— Pelo menos não foi mandado embora da escola.

— E se ele quiser voltar?

— Deus me livre! Ele já fez o que tinha de fazer. Fique em paz onde está, que eu vou levando a minha vida com a cabeça tranquila. Mas você não me disse se está pensando na minha avó lá com os anjos.

— Lindinha, quem está lendo aqueles livros agora sou eu. Lá diz que a gente, depois que morre, vira espírito, ou melhor, o espírito da gente se liberta da matéria e fica na erraticidade, até voltar a se encarnar. Ela não lhe falou nada nesse sentido?

— O que ela me disse é que a minha filha era um espírito antigo que estava voltando para viver na Terra de novo.

— E você acreditou?

— Não acredito nem desacredito. A verdade é que ela me dá muito trabalho. Se não fosse a minha mãe, eu não ia saber como fazer para continuar estudando. Minha mãe é mais mãe do que eu. Mãe duas vezes. Eu sirvo para produzir leite e trocar as fraldas. Na hora de brincar com ela, os outros é que aproveitam.

— Pode deixar que a menina vai ter de passar por umas doencinhas tristes. Eu me lembro quando Rodolfo era bebê e pegou catapora...

— Aí, minha mãe vai pôr toda a responsabilidade em cima de mim. Já estou vendo: “O filho foi você quem quis. Agora cuide dele.”

— Não seja maldosa. Em todo o caso, a sua língua está bem mais comportada. Mas você não acha que, se ela disser isso, estará carregada de razão?

— Até você, vô? Me deixe desabafar um pouco.

— E pensar que meninas bem mais novas estão brincando de boneca com suas crianças. Ao menos você já completou dezoito anos...

— Não me venha com essa. Está querendo dizer que tenho de proceder como uma adulta? Vai passar ainda muita água debaixo da ponte...

— Ninguém está proibido de sonhar. Você, com um novo príncipe encantado...

— Vire essa boca pra lá!...

— ... eu, com o dia em que vou receber uma comunicação de sua avó através de um médium.

— As coisas estão nesse pé? O que o seu confessor diz disso?

— Eu não acho que seja pecado. Quem me diz se Deus não criou o mundo para a gente poder aprender as coisas como elas são e não conforme o que ensinam os padres?

— Vô, me passe a menina, que eu vou colocar no berço.

Ambos saíram do quarto pé ante pé, sem fazer barulho, e logo se congoçaram com os demais membros da família.

## 8. LAVÍNIA

Quando Rosalinda se viu forçada a reconhecer seu fracasso escolar, mediante a reprovação sofrida nos exames vestibulares, em que não alcançou média sequer para sua terceira opção para Enfermagem, muito menos para Medicina, resolveu que o melhor seria abandonar de vez a pretensão acadêmica.

Rogou ao pai, que julgara por demais ambiciosa aquela escolha, uma vaga na casa de comércio que dava sustento à família. Rodolfo, na verdade, achou que ela iria dar-se bem no ramo das *lingeries* em que ele mesmo era exímio.

No primeiro dia de contato com os produtos à venda, descobriu a moça que estava bastante familiarizada com as peças, reconhecendo cada tecido e cada confecção, sendo precisa na avaliação dos preços e da margem de lucro conveniente para manter a freguesia.

Assim, como presente de aniversário, ao completar dezenove anos, Rodolfo propôs que ela tomasse conta de uma pequena loja que abriria em nome dos dois, o que ela aceitou de muito bom grado.

Que mais ela poderia desejar?

— Eu quero levar sua melhor vendedora: a Lavínia.

Relutou o pai em aceitar a condição, mas, no final, acabou por concordar, entregando a funcionária por empréstimo, permanecendo ela com o vínculo empregatício na matriz.

Lavínia aceitou de pronto a transferência, por várias razões, a mais importante relativa ao fato de que iria constituir-se em uma espécie de gerente geral, com aumento de responsabilidade e decorrente aumento de salário.

— Você vai ver, meu bem, disse Lavínia, tomando a iniciativa, que nós vamos ter sucesso.

De fato, após três meses e várias campanhas de *marketing* subsidiadas pelo pai, a casa começou a dar mostras de que fixava clientela privilegiada, caracterizando-se como boutique de luxo aberta à classe média.

Num dia fraco de vendas, Rosalinda desejou conhecer mais intimamente a funcionária, sabendo ser também mãe e solteira:

— Quantos anos tem o Flavinho?

— Está para completar cinco.

— Você está com vinte e quatro. Não tem vontade de se casar?

— Se eu achasse um moço sério, que me respeitasse e gostasse do meu filho, eu topava.

— Você tem namorado?

— Às vezes, eu me encontro com o pai. A gente vai fazer uns programas, mas ele não está a fim de se amarrar.

— Ele não ama você?

— Se amasse, ia querer ficar comigo. Ele diz que ama sua liberdade. Ele ama mesmo várias que lhe dão o que ele quer.

— E ainda assim, você sai com ele...

— Eu gosto dele. Agora o mal já está feito.

— Ou o bem, porque o Flavinho é uma graça.

— Eu também acho.

— Foi você quem quis ficar grávida ou aconteceu?

— Eu queria segurar o pai. Não consegui. Mas não me arrependo. Se tivesse casado comigo, ia ser bem pior.

— Ainda bem que você tem essa compreensão.

— Se você me permitir, vou discordar.

— Como assim?

— Eu quero discordar do fato de que a compreensão seja o principal. O principal é eu estar empregada e ser capaz de me manter independente da minha família. É diferente do seu caso. Mas você vai vencer na vida e depois vai entender o que estou dizendo.

— Você tem razão. Eu sou a própria *filhinha de papai*. Mas o que estou querendo saber é uma coisa bem diferente. Eu gostaria que você me contasse se os rapazes a procuravam logo depois de você ter dado à

luz. Estou perguntando porque sinto que causo uma espécie de repulsa e olhe que muitos nem sabem que tenho uma filha em casa.

— Você está amamentando. Aí está o seu problema. Os homens sentem o cheiro.

— Será?

— Você não fez o curso pré-natal. Eu fiz. Lá as médicas insistiam com as solteiras que não estranhassem que nenhum homem se oferecesse para cuidar da mãe e do filho. Elas faziam questão de dizer que quem encontrasse um marido ganhava na loteria. Até para as casadas preveniam que era comum os maridos procurarem outras mulheres nesse período. Diziam que os homens sentiam inveja do filho. Também disseram que muitos, por causa disso mesmo, queriam manter relação sexual na cama da maternidade, como a afirmar seus direitos de posse.

— Você guardou tudo isso na memória...

— Guardei muito mais. O mais importante foi quanto a como cuidar da criança. Como eu dei de mamar por quase dois anos, sei bem do que você está falando. Mas a verdade é que também não sentia muita vontade. Foi só depois disso que eu saí com o pai.

— Ele reconheceu a paternidade?

— Eu não quis.

— E a pensão?

— Quando a gente sai, sou eu que pago todas as despesas. Você entendeu o drama?

— E quando você está sozinha, não fica com vontade de passear, dançar, ver um filme...

— Eu saio regularmente três noites por semana: segunda, sexta e sábado. Meus pais ficam com o neto. É bom também para o menino, que vem passando a vida toda com as *tias* da creche. Você tem sorte de deixar a sua sempre em casa com a avó.

— Não se esqueça que isso tem seu preço, porque a coitadinha está aprendendo a gostar das comidas salgadas, já estranhando bastante o peito.

— Seu pai sempre me deixou ir dar de mamar duas vezes por dia.

— Isso sequer passou pela minha cabeça. Minha mãe ia querer que eu ficasse lá o dia todo. Ela já andou criticando meu pai por me dar esta parceria. Mas, aonde você vai com tanta regularidade?

— Eu frequento um centro espírita.

— Umbanda?

— Não. Espiritismo onde se estudam os livros de Kardec.

— Mesa branca...

— Se você falar assim lá, vai receber um sermão de duas horas. Para eles, a cor da mesa ou da toalha não tem a menor importância. Aliás, eles não gostam também que se diga que a macumba, a umbanda e o candomblé sejam chamados de espiritismo.

— Minha falecida avó Sílvia frequentou também um centro.

— Eu conheci sua avó lá. Ela era uma mulher muito culta e inteligente. Quando não se chegava a um acordo sobre algum assunto, era ela quem vinha com as explicações.

— Mas meu avô me disse que era novata...

— Pode até ser, mas quando eu comecei a ir, ela já lá estava.

— Será que meu avô sabe disso? Eu acho que ele pensa que ela só lia os livros às escondidas.

— Talvez ele pensasse assim antes. Agora, ele tem ido sempre e deve ter confirmado com os mais antigos que sua avó era assídua.

— Vou ter de esclarecer isso com ele.

— Faz tempo que vocês não conversam?

— Sobre essas coisas, faz. Acho que mais de um ano. Agora que ele se casou de novo, tem ido pouco lá em casa. Só nas festinhas.

— A mulher dele é lá do centro. Você não sabia?

— Eu não gostei dela. Quando ela acompanha o velho, não desgruda dele nem pra fazer xixi.

— Você está de prevenção. Dona Engrácia é pessoa muito querida no centro. Eu acho que teve medo de ser mal recebida em sua casa porque seus pais são católicos e não devem ter gostado de ver o velho *virar a casaca*.

— Vai ver que é isso.

— Você não quer ir comigo um dia assistir uma conferência?

— Só se for para conversar com minha avó.

— Pra isso, precisa de uma sessão de incorporação mediúnica. Mas essas reuniões não são públicas e não é qualquer pessoa que é admitida. Precisa, antes, conhecer um pouco da doutrina.

Naquele momento, uma cliente interrompeu a confabulação e as confidências se encerraram, levando Rosalinda para casa uma série de questões íntimas.

## 9. CLÓVIS

Sentados no restaurante, um diante do outro, enquanto esperavam ser servidos, Rosalinda olhava fixamente para o namorado, deixando-o até um tanto constrangido.

— Por que você não tira os olhos de mim?

— Clóvis, eu não queria que fosse assim, mas hoje nós vamos terminar.

— Você não gosta mais de mim...

— Ao contrário. Eu até que gosto de você, mas não podemos continuar e você sabe bem o porquê. Não me obrigue a descrever suas manobras para se aproximar de mim.

— Você não acha natural que a pessoa que se apaixona pela outra faça de tudo para conquistá-la?

— Você pensa que sou boba? Até que fui, durante seis meses, mas me abriram os olhos para suas atitudes. É melhor você não insistir. Vamos comer e depois cada um vai para o seu lado.

— Não têm sido bons os nossos momentos de amor?

— Mais ou menos.

— Não foi o que você sempre disse.

— Olhe aqui, Clóvis. Vamos deixar de palhaçada, 'tá?!... Eu estou tendo muita consideração em despedi-lo numa boa. Não me obrigue a revelar tudo o que sei a seu respeito.

— Eu confesso que estou desempregado e que não disse nada a você para não preocupá-la.

— Por favor, não insista.

— Você acha que não tenho capacidade para arranjar outro emprego?

— Quando você entrou na loja como representante comercial, sabia muito bem o que estava pretendendo. E eu caí como um patinho. Você está de olho é no meu dinheiro. Quer viver comigo com renda suficiente para manter os seus vícios e os seus luxos. Pensa que não estou sabendo que você vinha explorando os seus pais, até que eles deram um basta e mandaram você embora de casa?

— Eles quiseram fazer um teste...

— Que teste, que nada! Eles ficaram desesperados com o desaparecimento de todas as joias, quadros e outros objetos de valor que você queimou. Bem que eu desconfieei quando me ofereceu aquele *fininho*. Foi o seu erro fatal, porque até aquela hora eu não via nada de errado, apesar de me terem prevenido.

— Quem preveniu?

— Você quer saber mesmo?

— Foi a sua empregada.

— Ela também me deu uns conselhos, mas quem me abriu os olhos foi meu pai. Foi ele quem ligou para a firma para quem você dizia trabalhar e lá informaram que você não passou de um estágio de dois meses.

Naquele momento chegou a pizza, que foi servida pelo garçom juntamente com a garrafa de vinho tinto.

Nenhum dos dois, contudo, tocou nos talheres.

Clóvis mantinha os olhos esgazeados, incapazes de se confrontarem com o olhar persistente da moça. Finalmente, arriscou:

— Você já completou vinte anos, tem uma filha para criar e eu estou disposto a dar meu nome a você.

— Você está querendo dizer que eu não presto? Que não vou conseguir alguém melhor que esse traste que você é? Está muito enganado. No começo, eu me encantei com o seu jeito, com o seu sorriso, com o seu brinquinho moderno e até fiquei caída pela tatuagem no peito. Mas você é um egoísta. Do modo como está levando a vida, não vai demorar para enfrentar a polícia.

— Eu não sou nenhum bandido.

— Quem rouba os pais...

— Eu estava desesperado.

— E não está mais, só porque tem retirado dinheiro da minha bolsa, fingindo pagar as contas dos motéis?

— Vamos comer, meu bem. Eu acho que você vai melhorar...

— Isso é típico de você. Viu que está perdido e quer se aproveitar até o fim. Mas esta é a última refeição que eu vou pagar. É bom comer bastante, porque eu não vou mandar embrulhar a sobra.

A atitude do rapaz mudou completamente. Em vez da melifluidade dos gestos e da contenção das palavras, impregnou um sorriso sarcástico no rosto e, mesmo com a boca cheia, disse:

— É pena que as coisas estão acabando deste jeito. Eu tinha planos para o futuro. Vou ter de arrumar outra.

— Nem quando quer ser sincero você fala a verdade. O que você é é um cafajeste, doente mental.

— Pode me ofender à vontade. Mas o que você gozou comigo vai ficar no seu passado.

— Era o que eu estava esperando que dissesse. Assim, não vou ficar com remorso.

— Você é uma tontinha que qualquer um leva pra cama. Vamos lá saber quantos se aproveitaram de sua “liberalidade”.

— Você não tem nada com isso.

— Mas que você jurou que me amava, disso não vou me esquecer.

— Eu disse que achava que estava me apaixonando, o que é muito diferente. Amar mesmo, jamais. Você diz que me usou. Pois não sabe o quanto eu queria usar você. Mas não deu: você é muito fraco de cama.

— Não é o que as outras dizem.

— Elas estão iludidas pensando que você tem recursos, só porque mantém a roupa bem cuidada e está sempre usando perfume. Aposto que sua mãe é quem lava, escondida de seu pai.

— Já que você sabe tudo, fique sabendo que vai precisar fazer um exame de sangue. Eu sou soropositivo.

— Finalmente, um gesto nobre. Obrigado por me dizer o que eu já sabia. Esse exame, eu já fiz e deu negativo. Você não reparou que faz dois meses que a gente não *transa*? É que eu estava esperando o resultado do exame de esperma da camisinha que guardei e do meu exame de sangue.

O ar de superioridade desapareceu da fisionomia do rapaz. Abaixou a cabeça. Bebeu o último gole de vinho. Levantou-se da cadeira. Aproximou-se de Rosalinda. Beijou-a na testa e retirou-se, levando consigo a sua desgraça.

Diante do prato que permanecera intocado, Rosalinda deixou escorrer algumas lágrimas silenciosas, chamando a atenção das pessoas das outras mesas. Foi quando entraram o pai e o irmão para ampará-la.

## 10. JOÃO

Não foi sem grande emoção que Rosalinda se ajoelhou no confessionário, levada por um conjunto de dúvidas e incertezas e pela pressão da mãe, que não se conformava com o fato de que Laura ainda não tinha sido batizada. Mas a moça não quis confessar-se com o padre da paróquia e foi em busca de um desconhecido na catedral.

Após a recepção cordial da voz que vinha do escuro, Rosalinda informou:

— Padre, faz muitos anos que não me confesso, por isso o senhor vai ter de ter paciência comigo.

— Eu a conheço?

— Não, padre.

— Por que não procurou um sacerdote conhecido?

— Tenho medo de que ele possa fazer confidências ou dar indiretas para minha mãe.

— O segredo do confessionário é inviolável. Não será por que você tem vergonha dos próprios pecados?

— O meu nome é Rosalinda. E o seu?

— João.

— Padre João, quanto tempo eu posso ficar conversando com o senhor?

— Quanto os seus joelhos aguentarem.

— É para as pessoas ficarem pouco tempo que este estrado é de madeira?

— Faz parte da penitência. Mas eu estou aqui para ouvi-la dizer que se arrependeu de haver pecado.

— Eu sei que ofendi as leis da igreja, mas não matei nem roubei. A verdade é que tive uma filha com um homem casado, mas eu não achei que cometi nenhum pecado, desejando o marido de minha próxima.

— Veja bem, Rosalinda. Só o fato de você não ter frequentado a missa todo domingo, pelo que me parece que aconteceu...

— Não frequentei mesmo.

— Só isso bastava para justificar sua presença no confessionário. Em todo o caso, a Igreja permite que os fiéis se entendam diretamente com Deus, desde que ofereçam a ele a intenção sincera de se arrependerem. Aí, por iniciativa própria, rezam um ato de contrição e outras orações, conforme sintam necessidade, e podem considerar-se livres dos pecados. É bem diferente quando apresentam problemas de rebeldia e dificuldades de aceitação dos princípios básicos do cristianismo, o que caracteriza falta de fé, e isto constitui motivo para não receber o perdão eclesial. Recomenda-se, neste caso, que a pessoa estude um pouco de teologia, voltando às aulas de catecismo, e se disponha a reafirmar sua convicção católica. Não será este o seu caso?

— Eu gostaria de ter a fé que minha mãe me recomenda, embora eu ache que ela mesma não acredite em tudo que a Igreja ensina.

— Vamos restringir-nos ao seu ponto de vista. Deixe a sua mãe entender-se com o confessor dela. O que está preocupando tanto você que resolveu procurar um sacerdote?

— Eu estou com vinte e um anos completos e moro sozinha, com minha filha, faz seis meses. Mas estou sempre na casa de minha mãe e ela está insistindo para que eu batize a menina. Eu não vejo nenhuma necessidade disso. Se fosse tão importante, nenhum chinês, indiano, japonês ou pessoas de outras religiões deixariam de batizar os filhos. Para ela, porém, parece que o mundo vai acabar.

— Você acha que está cometendo um pecado não batizando sua filha?

— Sinceramente, eu acho que não.

— Então, por que veio procurar-me? Está querendo que eu diga para não batizar? Isso eu não posso dizer, porque o sacramento do batismo, como você deve saber, foi instituído a partir do batismo de Nosso Senhor Jesus Cristo e serve para tornar o pagão um membro da comunidade católica, mesmo que, mais tarde, a própria Igreja exija que haja uma confirmação desse ato, através da crisma. Você está parecendo-me bem mais instruída para ter de ouvir as coisas básicas da religião. Que mais você gostaria de me contar?

— Meu avô está frequentando um centro espírita. Ele acredita que os espíritos podem vir conversar com os vivos.

— O que é que você acha? Posso deduzir que você andou lendo alguma obra de Allan Kardec?

— Já me passaram alguns livros dele, mas eu não me atrevi a ler nada. É verdade.

— Está com medo de ver fantasmas?

— Eu sei que a Igreja afirma que algumas crianças viram e conversaram com Nossa Senhora. Isso não constitui um fenômeno mediúnico?

— Com a bênção de Deus, esse tipo de milagre pode realizar-se. Contudo, veja bem, é muito mais comum que haja uma possessão demoníaca, pela fraqueza da fé das criaturas e sua falta de vigilância. Eu estou dizendo isso porque é o que acontece nas casas espíritas e nos terreiros de umbanda e de candomblé.

— Minha mãe disse que isso é suficiente para o sujeito ser expulso da Igreja.

— A Igreja só excomunga quem faz declaração pública contra ela. O que se passa no íntimo das pessoas é algo que deve ser resolvido entre ela e o Criador. Eu sei que você pode lembrar-se da Inquisição. Mas, graças a Deus, o nosso Papa já se penitenciou perante a humanidade dos erros de interpretação de certas épocas obscuras, em que o clero não discernia bem os valores espirituais e morais, misturando o poder temporal com o poder espiritual.

— Posso confiar-lhe um problema meu?

— Eu fiz todos os votos, inclusive o da obediência aos cânones sagrados da confissão. O que eu ouvir será como que ouvido pelo Senhor. Se eu perdoar os seus pecados, será em nome dele.

— Eu, Padre João, não me considero uma pecadora, por mais que o senhor possa citar-me as leis de Deus, da Igreja ou os pecados capitais. Eu acho que a natureza impõe às pessoas uma cobrança física e mental. Eu sou uma trabalhadora, mas, às vezes, me deixo ficar em casa sem fazer nada. Nem por isso acho que cometi o pecado da preguiça. E assim por diante. Mas eu não sei o que pensar a respeito de uma certa pessoa que eu abandonei à própria sorte. Vou resumir porque meu joelho já está doendo.

— Quer ir à sacristia? Lá você vai poder ficar sentada.

— Estou bem. O que aconteceu é que conheci um rapaz que não valia nada e que desejava acomodar-se ao meu lado. Era um viciado e tinha o vírus da AIDS. Eu soube que ele desenvolveu a doença, acabando por falecer. Mas eu nunca fui visitá-lo, com muita raiva do que ele quase fez comigo. O senhor acha que eu pequei?

— Se a sua consciência está incomodada, trata-se de um problema a ser resolvido. Eu agradeço que você tenha vindo conversar com um padre, apesar de todas as suas indagações íntimas. Na verdade, você não devia nada a ele, pelo que entendi. Como não é possível voltar atrás para restabelecer o vínculo rompido, sugiro-lhe que se apegue ao santo de sua predileção, rogando para amenizar os sofrimentos daquela criatura, porque, com certeza, deve estar no purgatório, uma vez que, em tais casos, as pessoas, em geral, têm recebido a extrema-união, arrependendo-se dos pecados na hora da morte. Isto é que caracteriza a benevolência de Deus, que é pai de todos nós e que nos perdoa, conforme nos ensinou Jesus, Filho de Deus e Segunda Pessoa da Santíssima Trindade.

— Muito obrigado, Padre João.

— Se você não está lembrada do ato de contrição, leia aí do lado. Enquanto isso, eu vou dar-lhe o perdão de Deus para todos os seus pecados, porque compreendi que você não pretende viver com remorsos a vida toda. Como penitência, exijo que reze três terços e mande rezar três missas pelas almas do purgatório, às quais você deverá assistir.

Rosalinda ficou com vontade de discutir o castigo que lhe estava sendo imposto, mas limitou-se a uma leitura fria do texto, cuja lembrança estava totalmente esmaecida em sua memória. Mal percebeu que a portinhola se fechava, escondendo aquela sombra que a recebera com tanta consideração.

Já em casa, a moça considerou que não havia outra coisa a fazer senão orar pela alma do defunto, misturando as chamas do purgatório às correrias nas trevas, segundo uma explicação que lhe dera Lavínia.

## 11. HEITOR

Na véspera de completar vinte e dois anos, Rosalinda conheceu Heitor. Deveria tê-lo encontrado antes, porque era filho do dentista que cuidara de sua dentição desde a infância. Talvez por ser mais velho dez anos, somente quando ela resolveu ceder à recomendação de colocar um aparelho nos dentes é que um prestou atenção no outro.

— Você é a irmã do Rodrigo?

— Sim.

— Jogamos futebol juntos. Ele é bem mais novo. Aposto que continua jogando.

— Que eu saiba, foi convidado para participar da seleção estadual.

— Futebol de campo?

— Futebol de salão, eu acho.

— Eu parei. Agora, só nos fins de semana, no clube, entre os pernetas.

— Futebol de salão?

— Futebol na areia. Agora eu vou pedir que fique com a boca aberta para colocar a massa do molde.

Vai demorar um pouco. Mas não se incomode com a saliva que eu vou sugar com o aspirador.

Enquanto tratava da boca, Heitor ia admirando todo o belo conjunto do corpo harmonioso da moça.

— Meu pai me pediu para cuidar bem de seus dentes, porque você deu muito trabalho a ele a vida toda. Você deveria ter colocado o aparelho há uns dez anos ou mais. Agora sua boca estaria uma maravilha. Mas nunca é tarde para ficar ainda mais bonita.

Hesitava em introduzir um tema mais íntimo, mas criou coragem:

— Ele me disse que você tem cuidado bem dos dentinhos de leite de sua filha, bem diferente dos seus, pelas jaquetas e obturações.

Julgou que fora crítico demais e quis remendar:

— Para o futuro, vamos ver se, nas próximas vezes que engravidar, a perda do cálcio seja compensada.

Rosalinda quase não estava prestando atenção na conversa fiada, preocupada com a saliva que lhe enchia o fundo da boca.

— Pronto! Vou retirar o molde. Você poderá descansar um pouco.

De fato, enquanto Heitor limpava os excessos de massa, a paciente pôde reparar melhor na forma pela qual o jovem senhor cuidava do molde. Admirou, sobretudo, a concentração que demonstrava no serviço, achando que era uma pessoa de confiança.

Foi quando ela perguntou de chofre:

— Quantos filhos você tem?

— Não tenho filhos, mesmo porque sou solteiro.

— Não casou porque não deu certo ou já tem alguma história de separação, de divórcio?

Heitor não respondeu de imediato. Não queria fazer confidências mas também não podia deixar a moça iludida. Então, confessou:

— Eu nunca me interessei muito pelas mulheres. Elas são boas colegas. São pessoas que me inspiram muito amor, mas não me atraem. Sou capaz de admirar um belo corpo, como o seu, se me permitir elogiá-la, mas não vou além disso, se é que você me entende.

— Você é *gay*!...

— *Gay*, propriamente, não. Tive uns casos mas jamais me apaixonei por ninguém.

Sempre tão despachada, Rosalinda não sabia como prosseguir naquele ritmo franco e leal.

Foi Heitor quem adiantou a conversa:

— Eu acho que, se encontrasse alguém com a mente aberta, homem ou mulher, seria capaz até de constituir família. Quais são as suas opções sexuais?

— Eu sou feminina, heterossexual, e nunca olhei para as mulheres de maneira erótica. Tenho amizades sinceras mas nunca me passou pela cabeça transformar isso em algo mais sério, no sentido dos relacionamentos íntimos.

— Eu gostaria de conhecê-la melhor. Gostei do seu modo de encarar os fatos da realidade. Eu acho que a gente pode desenvolver mais estes assuntos, se é que você não vai ficar constrangida que a vejam comigo.

— Quando eu lhe contar a história dos meus relacionamentos, talvez você é que vai sentir vergonha.

— Já sei que o pai de sua filha é casado e que você *cortou um doze* para se livrar de um cafajeste que acabou falecendo.

— Quem lhe contou tudo isso?

— Alguém que sentou nesta mesma cadeira.

— Você não vai me dizer quem foi?

— Eu não acho importante.

— Mas como é que o meu nome surgiu na conversa?

— Se você sair comigo, eu posso contar-lhe, desde que você me prometa discrição.

— Vamos fazer o seguinte: como seu pai vai à festa que minha mãe vai promover domingo que vem, você vai junto. Finalmente, ela conseguiu batizar a neta. Aliás, os netos, porque o filhinho do Rodrigo também vai ser batizado.

— Mas é uma reunião familiar.

— Para minha mãe, não. Ela está querendo mostrar para as carolas da paróquia que conseguiu vergar a filha.

— Você é contrária à religião?

— Até que não. Eu só acho que as pessoas devem decidir a respeito das coisas que lhes concernem.

— Você vai me desculpar, mas tem gente esperando a vez.

— Até domingo, às onze da manhã. Você vai almoçar conosco.

— Eu não prometo. Talvez, eu passe à tarde. Vamos ver. Marque uma hora para a semana que vem, para ajustarmos o aparelho.

Quando trocaram um aperto de mão, Rosalinda fez questão de beijar as faces do rapaz.

## 12. ANDRÉ

Rosalinda estava cansada com as frustrações amorosas de toda a vida. Aos vinte e três anos de idade, considerava-se bastante adulta para arcar com a responsabilidade de um lar, já não se importando se o homem da vez tivesse ou não rendimentos suficientes para as despesas decorrentes de um bom padrão de vida.

Foi quando apareceu André.

André foi-lhe apresentado por Heitor, com quem ela mantinha um relacionamento de pura e ingênua amizade há mais de ano.

Naquela tarde de sábado, tendo deixado Laura Beatriz com os avós, Rosalinda preparou-se para ceder seus favores ao moço, sabendo, embora, tratar-se de um folgazão, cujo mérito maior era ser divertido, colocando as pessoas à vontade, tendo sempre uma palavra oportuna ou um silêncio compreensivo.

Dizia-se estudante de Direito, mas jamais tal fato o impediu de comparecer a qualquer reunião social, usufruindo sempre as benesses de seu sorriso simpático e complacente.

Estimulou Rosalinda o empenho com que André se dedicava a satisfazer as mulheres, atraindo-as com mimos e atenções. De onde vinham os recursos para se manter alinhado e bem disposto? Dizia que o pai lhe dava substanciosa mesada, sem jamais entrar em detalhes.

Combinaram encontrar-se no parque, sob frondosas árvores, na cálida tarde de verão. Ele afiançara-lhe que precisavam ter uma conversa bem séria, que “iria definir o futuro de ambos”, conforme lhe sussurrara ao ouvido, ao saírem da palestra a que compareceram a convite de Rosaura, no Círculo das Senhoras Católicas, onde um velho sacerdote discorreu a respeito do tema do livro que estava lançando: *A Liberdade Sexual Perante o Evangelho*.

Quando Rosalinda chegou, já lá se encontrava André trajando uma camiseta branca de gola alta, esportiva, combinada com a calça azul claro, presa ao tornozelo, fazendo ressaltar um belo par de tênis estrangeiro, colorido, novinho em folha.

Ao ver que Rosalinda se aproximava, levantou-se do banco e foi ao encontro da moça, a quem afetuosamente beijou em ambas as faces, galanteando-a com um terceiro beijo “para casar”.

— Vamos sentar à sombra, que a sua bela cútis não pode sofrer a inclemência dos raios do nosso maravilhoso astro rei.

— Você está muito poético, hoje.

— E você está linda, com esta tonalidade de rosa nas faces, combinando com a linda rosa que você é.

Faceiramente, Rosalinda tocou-o com o cotovelo, fazendo o seio roçar o braço do rapaz.

Sentados juntinhos no banco do jardim, diante do pequeno lago por onde deslizava um casal de marrecos, ambos ansiavam pelo desfecho daquele decisivo encontro.

Mas André não se resolvia a abrir o jogo. Foi Rosalinda quem lembrou-o do compromisso daquela tarde:

— O que de tão importante você tem a me dizer, a ponto de definir o nosso futuro?

— Eu acho que o Heitor está interposto entre nós dois.

— Você deve saber que a nossa relação é meramente intelectual.

— Vocês têm saído juntos todas as semanas. Às vezes, mais de uma vez. Eu sei que vão a cinema, que frequentam restaurantes, que assistem a espetáculos teatrais e até já estiveram em reuniões religiosas, como aquela de ontem.

— Isto só tem acontecido porque eu não tenho um namorado que me leve a distrair do trabalho de cada dia. Se eu tivesse um homem com quem vivesse maritalmente, certamente o Heitor seria descartado.

— E você não sente falta de alguém com quem possa compartilhar os momentos felizes ou mesmo infelizes?

— A bem da verdade, é esse homem que estou procurando.

— Posso fazer-lhe uma pergunta indiscreta?

— Claro que pode. Eu nunca escondi minha vida sexual de ninguém. Até já lhe contei a respeito do Lauro e do Clóvis. Quer saber o nome dos outros quinze ou dezesseis namorados que tive desde os meus treze ou quatorze anos?

— Não era a respeito deles que eu ia perguntar. O que eu quero saber, se você me perdoar de antemão, já que está longe de mim querer magoá-la ou ofendê-la, é quando foi a última vez que você transou, uma vez que me afirma que com o Heitor as relações são bucólicas, ingênuas, puras...

Rosalinda não achava necessários tantos rodeios. Teria ele medo de que ela pudesse estar com alguma doença venérea? Não respondeu diretamente:

— Você está querendo saber se meus atos sexuais têm sido abençoados pelo sentimento do amor ou se constituem apenas um imperativo físico. É isso?

— Não importa a afeição que você possa ter tido pelo parceiro.

— Então, quer saber se sou promíscua. Não é isso?

— Não interprete mal as minhas palavras. A pergunta é simples e merece uma resposta numérica: tantos anos, ou meses, ou dias...

— Pois eu acho que não vou responder. Estou estranhando muito que você esteja levando os preparativos para esse lado. É muito esquisito, quando se deseja uma mulher, ficar perguntando a respeito de sua vida sexual. Você não acha?

— Você não está afirmando que não vem satisfazendo-se com o Heitor?

— Você não está duvidando de mim. Está?

— Claro que não. Estou achando que você está perdendo tempo com ele.

— Claro que não estou. Nós conversamos muito a respeito de tantos assuntos. Foi todo um universo novo que ele me revelou. A cultura dele é vastíssima. Ele é uma pessoa inteligente e sensível. Falta-lhe apenas um interesse apropriado pelo sexo frágil, talvez por ele mesmo ser muito frágil.

— Pois eu nutro por ele a mesma admiração. Eu o conheci bem antes de você e sinto falta de nossos passeios, de nossas conversas, de nossa intimidade.

Rosalinda caiu das nuvens. Não era ela a quem André visava. Era ao Heitor.

Sentiu um desejo enorme de agredir o rapaz à sua frente. Em vez disso, não conseguiu sopitar uma gargalhada e uma exclamação:

— Que burra que eu fui em não perceber a sua intenção. Mas deveria estar claro: eu é que não vi, interessada em levá-lo pra cama e mantê-lo sob minhas asas. Bem feito pra esta galinhona boba! Eu que aprenda mais esta.

Foi assim que se tornaram esporádicos os encontros com o dentista, resumindo-se, finalmente, às consultas para ajuste e retirada definitiva do aparelho dentário.

### 13. ENGRÁCIA

Quando Rosaura ligou para a filha, avisando que o avô Honório estava internado, tendo sofrido um derrame cerebral, não deixou clara a gravidade do ataque. Foi quando entrou no quarto, onde se achava a esposa, que percebeu que o velho senhor estava inconsciente.

— Dona Engrácia, como está o meu avô?

— O médico acaba de sair dizendo que desta noite não passa.

— Mas é tão grave assim?

— Ele só está respirando graças aos aparelhos. O que os médicos apuraram é que está em situação vegetativa. Se, por acaso, sobrevivesse, ficaria em coma permanente.

— Mas não existe nenhuma esperança?

— Nenhum remédio será capaz de curá-lo.

— E a senhora está tão conformada assim?

— Eu aprendi que a morte é uma contingência da vida. Todos nós vamos ver o nosso dia chegar e passar.

— Ver chegar, está certo. Mas como nós poderemos ver passar?

— Com os olhos do perispírito.

— Perispírito?

— Sim. Nosso corpo espiritual.

— Não entendi. Quer dizer que as almas possuem outra espécie de corpo?

— Dizem certos religiosos orientais que todos nós temos sete ou nove corpos.

— Para mim é novidade.

— Você achava que a gente morria e tudo acabava?

— Eu sempre achei que existia outra vida, ou outra existência, mas de caráter meramente espiritual.

A alma iria para uma região de bem-aventurança ou de sofrimentos eternos. Mas sem corpo.

— Você está pensando como os católicos. Mas fique sabendo que eles acreditam que haverá um juízo final, quando as trombetas celestes despertarão os mortos, que assumirão seus corpos materiais, à espera de ir usufruir a felicidade ou o castigo pelos pecados por todos os séculos da eternidade. A ideia de assumir logo um corpo etéreo, em outra dimensão, me parece mais lógica e plausível.

— O miserável do José, que desejava arrastar-me para sua seita, querendo impor-me cabelos e saias compridos, como se fosse dono de mim, dizia sempre que eu iria arder no inferno. Ficou comigo três meses e logo eu o despachei, porque nem na cama ele era bom.

— Esse tal eu não conheci.

— Depois do meu desencanto com o André, há um ano atrás, fiquei com a pulga atrás da orelha e descartei vários pretendentes. Todos queriam ficar comigo numa boa, sem responsabilidade. O único que me pareceu sério, justamente porque frequentava um culto protestante, foi esse tal. No fundo, ele queria uma escrava, tanto que me propôs que eu ficasse em casa, enquanto ele tocava os negócios na loja.

— Mas você *bancou* a ingênuia...

— A senhora não entendeu. Eu estava precisando de um homem que fizesse que me sentisse uma verdadeira mulher.

— No sentido bíblico, naturalmente.

— Naturalmente. Vejo que a senhora entendeu. Quando ele me falou em pagar o dízimo, eu fiquei de orelha em pé. Mas a imposição do vestido, dos cabelos e da leitura da Bíblia estava escondendo algo muito mais terrível. Um dia, eu o peguei bolinando a Beatriz. Não deixei por menos. Fui à Delegacia da Mulher e denunciei o sujeito. Sei que não vai dar em nada, mas a repercussão que o caso teve fez que se mudasse de bairro e de seita.

— Não fiquei sabendo de nada disso.

— Pois é. Existem pessoas na religião que são bem mais materialistas do que aqueles que não acreditam em nada. A senhora está falando em corpo espiritual, em peri...

— Perispírito. Trata-se de uma palavra inventada pelos espíritos que deram as instruções para Kardec escrever as obras básicas do Espiritismo.

— Pois esse perispírito não é também uma forma de entender o lado de lá também como formado de matéria?

— Matéria mais sutil, embora matéria. Enquanto o espírito não for perfeito, deverá habitar mundos em que vai passar por proações, por testes para aperfeiçoamento nas virtudes. Quando estiver em condições de perfeição, Deus o chamará para o seu reino de glória eterna.

— Quer dizer que o meu pobre avô amanhã estará vestindo uma roupa nova, num plano diferente do nosso?

— Você entendeu perfeitamente. Mas a roupa não é nova, pois a trajamos em conjunto com a matéria. E ela é muito útil para o contato entre viventes e desencarnados.

— Mas, Engrácia, não existe nisso uma certa injustiça, uma vez que ele só fez o bem na Terra?

— Então, não irá sofrer. Será levado para um local de repouso, onde reaprenderá a utilizar os membros do seu corpo espiritual...

— Estou pensando no coitado do Clóvis, que morreu jovem e que bem pouco fez em favor do próximo.

— O aidético?

— Sim.

— Se esse desrespeitou as leis naturais, vai ter de aprender a respeitá-las, seja do lado de lá, seja voltando a encarnar-se.

— Mas ele já não sofreu o suficiente?

— Sofreu mas não o suficiente. Sua quota de sofrimento estará conforme à justiça de Deus, pode ter a certeza disso.

— Ele precisará reencarnar?

— Provavelmente, por ter falhado numa tentativa de realizar algo positivo em favor de seu crescimento moral, ele mesmo vai julgar que deve retornar.

Depois de refletir um pouco sobre tudo o que ouvira, Rosalinda ainda se mantinha na defensiva. Não sendo este seu modo de ser, buscou um ponto diferente para atacar:

— Engrácia, eu fiquei sabendo que vocês não iam mais ao centro espírita. Por isso, eu pensei que tivessem mudado de religião.

— Eu trabalhei por mais de quarenta anos pelos assistidos de diversos centros. Agora nós ficamos cansados. Temos de ceder a vez aos mais novos. Mas não é verdade que abandonamos o Espiritismo. Uma coisa é o Movimento Espírita, ou seja, os centros, uniões e federações espíritas, que trabalham pela divulgação da doutrina e pela população em geral. Outra coisa é a fé que adquirimos e que nos impõe uma conduta compatível com o lema deixado por Kardec para a humanidade: Fora da caridade não existe salvação.

— Mas se vocês deixaram de atender às necessidades dos pobres...

— Deixamos de trabalhar, de desempenhar atividades em prol da formação doutrinária das pessoas e do bem-estar das famílias. A nossa idade nos permitiu, por outro lado, proporcionar aos que servem a Jesus naquelas casas de benemerência que ficassem com a consciência aliviada, por nos auxiliarem a vencer dificuldades. Passamos de assistentes a assistidos. Eis tudo. Você tem o exemplo mais vivo disto na pessoa do seu avô, que está sob os cuidados de um corpo médico e de enfermeiros, dando emprego a muita gente.

— Desculpe ter provocado a senhora. Vejo que está lúcida e consciente dos atos de toda uma vida dedicada a um ideal.

— Que os nossos guias e mentores espirituais consigam enxergar a nossa existência por esse prisma. Com certeza, irão facilitar-nos o reingresso no círculo mais adequado do umbral para darmos prosseguimento à nossa evolução.

— Se bem estou entendendo, quando meu avô falecer, a senhora não irá derramar uma única lágrima, consagrando o pensamento e as emoções às superiores teses filosóficas de que está impregnada.

Engrácia olhou muito séria para a jovem, querendo perceber algo além da simples consideração tão bem ponderada. Veio-lhe à mente uma inspiração, logo transformada em palavras:

— Você está falando sob impulso, sem um momento de reflexão, ou seja, não está reproduzindo ideias que amadureceram em seu cérebro. Isto caracteriza a mediunidade. Sugiro-lhe que assista às aulas de desenvolvimento mediúnic, para ter a certeza de que pode tornar-se uma trabalhadora a serviço das comunicações dos amigos da espiritualidade que desejarem trazer recados para o mundo dos vivos. Quanto a

chorar pela morte de seu avô, saiba que já verti muitas lágrimas agradecidas pela vida feliz de alguns poucos anos que estivemos juntos. Foi uma verdadeira bênção este matrimônio. Aliás, eu o devo a você.

— Como assim?

— Um dia você descobriu os seios na frente dele e ele voltou a se entusiasmar pela vida. Eu estava no caminho...

Naquele instante, o aparelho denunciou uma parada cardíaca. Correram os enfermeiros de plantão, chegando em seguida o médico do atendimento à unidade de terapia intensiva.

Rosalinda pensou que se projetariam sobre o corpo do velho, fazendo massagens torácicas ou utilizando o desfibrilador. Ao contrário, o médico desligou os aparelhos, recomendando que liberassem o leito o mais depressa possível, que havia outro paciente à espera da vaga.

A jovem sentiu faltar-lhe o chão, pela primeira vez perante o fenômeno da morte. Coube a Engrácia ampará-la, levando-a para o corredor, dizendo-lhe palavras de conforto e de confiança da misericórdia do Senhor.

## 14. FREDERICO

Acomodados numa saleta dos fundos do centro espírita, conversavam Rosalinda e Frederico, enquanto no salão principal um bom orador desenvolvia sua palestra para o auditório lotado.

Dizia a moça:

— Meu caro, você está com mais de quarenta, enquanto eu mal completei vinte e cinco. Eu sei que isto não significa muita coisa, quando as pessoas estão apaixonadas. Mas fiquei pensando que, um dia, eu teria quarenta e cinco e você, mais de sessenta, e isto não me agradou.

— Eu acho que a questão da idade deve ser mera desculpa para a nossa separação. Você está é com medo de conviver com uma pessoa cheia de problemas materiais.

Rosalinda lembrou-se da revelação da doença que levou o amigo a uma contagem muito pequena de espermatozoides no plasma seminal, o que lhe causou muito medo de magoá-lo, caso se referisse à verdadeira causa da deliberação que tomara. Em todo o caso, arriscou ser mais verdadeira:

— De fato, esses seus problemas já lhe causaram o transtorno de um divórcio.

— Mas minha mulher era uma ignorante. Hoje em dia, é muito comum as pessoas no meu caso conseguirem engravidar a esposa com a ajuda da Medicina. A inseminação artificial é largamente praticada. Eu acho que não foi isso que assustou você.

— Não foi. Mas você precisa de algo mais do que uma mulher compreensiva e carinhosa. Você precisa de ajuda especializada de um psicanalista ou psiquiatra. Eu sei que esse tratamento é demorado e muito caro, acima de suas posses, mas eu não quero ficar na expectativa de uma melhora ocasional.

— Mas você viu que eu tenho bom desempenho sexual. Pelo menos nos dois primeiros meses...

— Mas sua insistência em *transar* sem camisinha me revelou que está desejando um filho. Não é isso o que você mais quer na vida? Não é exatamente essa a sua frustração?

— Rosalinda, você fala com tal frieza...

— Estou sendo absolutamente sincera. Eu gosto muito de você. Quase tudo o que sei a respeito da doutrina espírita foi você quem me ensinou. Vou ficar com essa dívida para sempre. Mas você conseguiu esfriar o nosso relacionamento. Perdi a conta das vezes em que, por me recusar a *transar* sem proteção, você murchou e a gente ficou...

— Não fique falando as coisas tão diretamente aqui no centro que pode acontecer de aparecer alguém e não entender que a nossa intenção é a mais respeitosa possível.

— Só se for alguém hipócrita, como algumas pessoas...

— Não faça este tipo de crítica, por favor. Guarde as suas opiniões para você mesma.

— Está bem. Mas eu vou dar-lhe mais um conselho.

— Você está arrebatando comigo.

— Desculpe, meu bem. Mas alguém precisa abrir-lhe os olhos. Você teve um problema sério e procurou amparo nos amigos do centro espírita, com evidente intuito de ser inspirado pelos da espiritualidade. Mas o seu problema, apesar das consequências mentais, psicológicas, é eminentemente físico. Foi você mesmo quem me mostrou que os espíritos disseram a Kardec que as soluções espíritas só podem ser procuradas quando as pesquisas na área da matéria fracassarem.

— Você tem razão. A gente, muitas vezes, quer esconder o sol com a peneira.

— Como você não vai conseguir um analista barateiro e não quer *dar o braço a torcer* para a realidade, por que não encontra uma mulher frígida, que se contentará com a presença de um homem em casa, de um companheiro com quem conversar e até, quem sabe, deixar-se inseminar artificialmente?

— Só depois que eu me esquecer de você.

— O que não vai demorar, porque, quando meditar sobre as coisas que estou dizendo, vai acabar ficando com raiva de mim.

— Juro por Deus que não vou. Pelo menos, sou reconhecido por toda a atenção que você vem dando-me, compreendendo o meu drama e procurando não me ofender com palavras, embora as que venha usando sejam bastante pesadas para mim.

— Eu não posso deixar de avisá-lo quanto ao fato principal que me levou a este discurso de separação. Aliás, não é bem um discurso: é uma reação instintiva e definitiva...

— Não diga definitiva jamais. Você bem sabe que nós poderemos encontrar-nos na erraticidade ou numa outra encarnação, em condições bem diferentes. Se mantivermos a nossa amizade, é certo que vamos nos entender e desenvolver ainda mais os nossos sentimentos de afeto um pelo outro.

— Bem lembrado. Então, se eu lhe disser o que me levou a deixá-lo, você não vai ficar sentido comigo.

— Eu acho que já sei: é o seu medo de arrumar um amante que a satisfaça melhor do que eu, se é que já não arrumou.

— Não me ofenda. Se eu tivesse alguém em vista, você saberia até antes dele.

— Perdão, querida.

— A verdade é que eu também estou querendo um filho, mas o meu receio é que um filho seu acabe herdando o defeito congênito, o que me causaria um profundo desgosto.

— E os nossos guias e protetores? Você acha que eles vão permitir que uma coisa dessas aconteça?

— Eu não acredito na interferência dos espíritos para anular uma lei natural. De novo, foi você mesmo quem disse que as leis cósmicas se cumprem. Nem Deus faz milagres, porque não vai abolir as leis que ele mesmo estabeleceu. Eu acho que essa ideia sua é um dos preconceitos dos espíritas. Eles metem uma coisa na cabeça e deixam de pesquisar inclusive nas obras da codificação. Faz um ano, pouco mais ou menos, que estou vindo ouvir estas palestras. Mas consegui ler três das obras básicas. Gostei muito, porque levantam problemas e dão soluções racionais. Os que vêm dar aulas aqui é que não são tão positivos...

— De novo eu lhe peço para não despertar a atenção de alguém que poderia não entender a sua consideração e pensar que você está criticando o Espiritismo.

— Eu elogiei o Espiritismo. Se levanto alguma dúvida é quanto à pureza dos corações de algumas pessoas...

— Por favor, Rosalinda...

— Está certo. Eu não vou querer comprometê-lo, já que você não compartilha totalmente as minhas ideias.

— Eu compartilho mais do que você pensa. Mas todo trabalhador da casa espírita tem sempre de *engolir uns sapos*, partindo do pressuposto que ninguém é perfeito e que todos merecem consideração por sermos filhos do mesmo Pai.

— Há certos tipos de imperfeição que devem ser cuidadas com o máximo de atenção... O ditado da maçã podre que contamina as outras pode ser aplicada aqui. É por isso que eu acho que a minha maneira de pensar ainda não se coadunou com a sua. Talvez, quando eu for mais velha, fique mais paciente e consiga ter mais comiseração pelas pessoas que você chamou de imperfeitas. Se você tem esses seus problemas, eu também tive os meus, em vários relacionamentos fracassados e perigosos. Vamos apertar as mãos, numa boa, e continuarmos amigos, apesar de tudo. O que eu não quero é ter mais nenhuma intimidade com você.

— Vamos dar um tempo...

— Até a próxima encarnação, no mínimo.

Antes que Frederico pudesse dizer mais alguma coisa, Rosalinda retirou-se, deixando o pobre com uma porção de interrogações na cabeça.

## 15. IPOJUCÃ

Naquele dia, o velho expositor ficou realmente zangado. Na qualidade de presidente do centro espírita e principal orador, Ipojuçã sentiu-se afrontado pela jovem sentada na primeira fileira.

De fato, Rosalinda não se contivera ao ouvir que Jesus era casto, que Maria era imaculada e que José era puro:

— Essas coisas são dos tempos da carochinha. O senhor me perdoe, mas isso não foi o que Allan Kardec ensinou em suas obras. Ele disse que Jesus era o modelo de perfeição do ser humano, ou melhor, os espíritos disseram a ele. Ora, o ser humano, para ser perfeito, tem de procriar. Sendo casto, deixa de ser perfeito. É o mesmo que dizer que Maria era virgem e que José não a tocou sexualmente. Ora, Jesus, pelo que está nos evangelhos, tinha irmãos. Sendo irmãos mais velhos, era sinal de que José mantivera relações carnais com uma mulher de quem enviuvou. Irmãos mais novos só poderiam provir de Maria, o que eliminaria a condição de sua virgindade material. A menos que ela fosse, como acredito que tenha sido, pura e virginal espiritualmente.

O velho Ipojuçã pigarreou, acrescentando que as teorias eram de que a sagrada família, na história, sempre foi considerada exemplo e encerrou a palestra, solicitando a todos que mantivessem o resguardo da contaminação vulgar que redundaria, caso não houvesse vigilância, em graves prejuízos para os encarnados.

Imediatamente, solicitou que se amainassem as luzes e efetuou uma prece rápida, rogando aos espíritos de prontidão que iluminassem a mente de cada pessoa no auditório.

Ficou evidente a Rosalinda que se abalara o conferencista, tomando a observação como que dirigida exclusivamente a ele. Por isso, esperou que o povo fosse receber os passes magnéticos, pondo-se atenta para surpreender o orador sozinho.

Na verdade, durante mais de vinte minutos, ele se viu rodeado de velhas frequentadoras, cujos resquícios de conversa Rosalinda mais imaginava do que realmente ouvia:

— O senhor não deve ficar aborrecido... Ela é assim com todo o mundo... Quem sabe um dia alguém também irá dar-lhe uma lição... Onde já se viu dizer que Jesus tivesse uma vida sexual ativa...

Mas até essas línguas se cansam, de modo que Ipojuçã acabou apenas sob o olhar da moça, que o encarava a distância. Então, fez um gesto a ela, para que se aproximasse:

— Vamos até a minha sala, porque eu acho que você tem alguma coisa para me dizer.

Rosalinda esperou para falar até o momento em que ambos estavam acomodados nas cadeiras do diminuto escritório.

— O senhor deve estar pensando que vou lamentar a minha intromissão na sua palestra. Ao contrário, eu tinha outras coisas para discutir. Se não pude fazer de público, vou fazer em particular.

— Minha filha, eu estou com mais de sessenta anos. Você deve ter uns vinte e oito, trinta...

— Vinte e seis. Mas isto não pesa na minha argumentação. O senhor já ouviu dizer que descobriram um evangelho escrito por Tomé, no qual se lê que Jesus era casado com Maria Madalena?

— Eu não ouvi falar nem que Tomé houvesse escrito um evangelho.

— Dizem que Maria também escreveu. De qualquer modo, todos sabem que havia mais de quarenta evangelhos, que os padres reduziram aos quatro conhecidos.

— Isto não quer dizer que a seleção tenha sido mal feita.

— O meu ponto de vista não considera a seleção nem bem nem mal feita. Esses são problemas que agora já não têm nenhum significado. É como aquela teoria que diz que Jesus tinha um corpo fluídico e não material, como o nosso. Quanto a isso, Kardec deu uma resposta decisiva, embora eu tenha lido que muita gente ligada a várias federações espíritas sigam a ideia combatida pelo Codificador.

— Eu não vou discutir o Roustaing com você. Concordo que isto não vai levar-nos a nada. Mas o que você queria dizer para o povo em geral?

— Para o povo, eu diria para tomar cuidado com certos ranços católicos infiltrados no Espiritismo, ou melhor, no movimento espírita. Diria que o mais importante é respeitar as ideias e sentimentos do Cristo, considerando-o verdadeiramente o modelo de perfeição para a humanidade, sem entrar em considerações sobre os costumes sociais que geraram inúmeros preconceitos, haja vista que Jesus salvou a adúltera do apedrejamento.

— Pelo que me consta, nesta casa, não lapidamos ninguém.

— O senhor mesmo atirou algumas pedras hoje, dizendo para as pessoas serem puras, como José e Maria, e castas, como Jesus. O senhor se esqueceu de que, para os espíritas autênticos, todos somos filhos de Deus e todos, sem exceção, iremos frequentar os jardins do Éden. Mas não se pode pedir uma perfeição que contraria as leis naturais.

— Quando comeram a maçã, Adão e Eva foram expulsos do paraíso...

— Só posso entender sua observação como uma brincadeira. O senhor não deve acreditar seriamente nessa outra história da carochinha.

— Claro que não acredito, mesmo porque Kardec analisou tal passagem do Gênesis, concluindo que se tratava de um mito, de um ensinamento sob forma de parábola, como tantas que Jesus criou.

— Pois eu acho que o discurso para as pessoas que vêm em busca de conhecimentos espíritas deveria ficar centrado na doutrina dos espíritos, na explicação das leis e dos fenômenos mediúnicos. Quando se trata dos textos de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, é bom realizar uma leitura simples, sem comentários, para que cada um tenha uma impressão pessoal do assunto, conforme seu procedimento na vida.

— Eu admiro muito a sua objetividade, querida Rosalinda, entretanto, a gente corre um risco danado de fomentar, você me perdoe citar um caso pessoal seu, a produção independente de filhos, porque não pregamos a contenção sexual antes do casamento.

— Por mais que as pessoas desejem coibir as relações entre os jovens, o que se tem visto é um crescimento efetivo do número de adolescentes grávidas. Seria preciso uma revolução social, a partir de um regime melhor de distribuição de rendas, para que todas as pessoas tivessem um mínimo de educação, para não terem filhos que não têm condição de criar. O meu caso, já que o senhor falou nele, é bem diferente. Eu quis ter a minha filha e tive meios de educá-la. O que me deixa muito preocupada e sentida é o grande número de abortos por todas as partes do mundo. E aborto é coisa que eu sei que a maioria dos espíritas condena, especialmente por se tratar da frustração de uma oportunidade de vida.

Ipojucã ouvia atentamente as palavras espontâneas da moça e ia deduzindo que fora atingida fundo pelas observações que ele fizera durante a palestra. Mas não queria deixar de dizer tudo o que pensava, de modo que precisou criar coragem para acrescentar:

— A sua maneira de encarar o Espiritismo é muito pessoal. Se você assistisse às exposições e conferências em outros centros, poderia fazer uma ideia melhor de como os oradores que representam o movimento espírita tratam deste e de outros temas.

Rosalinda impediu o presidente de continuar:

— O senhor está querendo ser delicado para dizer que me quer ver pelas costas. A minha presença aqui o incomoda, como incomoda àquelas carolas que vieram confortá-lo depois da reunião. Pois bem, eu vou aceitar o seu conselho. Passar bem e obrigado por tudo. Não se esqueça, todavia, de que as reuniões são públicas e de que eu vou voltar sempre que quiser.

— Desde que não atrapalhe os trabalhos, sempre será bem-vinda. Aliás, você poderia ter tomado um passe, para sentir-se melhor.

— Não estou me sentindo mal.

— No mínimo, está nervosa e agitada, tanto que concluiu que eu a estava mandando embora, quando a minha intenção era fazer que você tivesse outras experiências, para enriquecer seu cabedal e poder ensinar às pessoas mais tímidas do nosso círculo. Você, saindo, posso afiançar-lhe, irá ser um ponderável desfalque entre as nossas colaboradoras mais prestimosas.

Sem acrescentar mais nada, ambos estenderam as mãos sobre a mesa que os separava e se despediram, indo cada qual curtir as expressões de desabafo que há muito tempo estavam entaladas em suas gargantas.

## 16. LAERTE

Por sugestão do pai, Rosalinda passou todo o ano seguinte estudando contratos de franquias, inclusive matriculando-se num curso em que recebia aulas duas vezes por semana.

Assim, conheceu pessoas empreendedoras e ambiciosas, pequenos e grandes comerciantes interessados em expandir os negócios, sem correr grandes riscos, já que cediam marcas e fornecedores, dando treinamento e possibilitando estágios em seus estabelecimentos.

Quando abriu as portas para candidatos a usufruir a fama de seu nome de fantasia, ou melhor, do nome da loja tradicional da família, logo surgiram vários interessados, dentre os quais um senhor ainda jovem, entravado numa cadeira de rodas, mas o próprio otimismo em pessoa, desejoso de aplicar polpuda soma recebida a título de indenização pelo acidente de que foi vítima.

— Perdi o uso das pernas, disse ele ao ser entrevistado por Rosalinda, mas foi como uma bênção, porque estou utilizando, com muito mais propriedade, a inteligência.

— Qual é a sua experiência no ramo da moda íntima feminina?

— Tinha alguma antes do acidente. Faz um tempinho já que não tenho tido oportunidade de examinar tais peças de perto.

Rosalinda gostou da facécia e insistiu:

— Além do contato pessoal com alguns modelos, qual o seu conhecimento técnico?

— Sempre trabalhei com roupas masculinas. Como empregado em grande firma exportadora dos próprios produtos, tenho bom conhecimento do mercado.

— E o que o levou a pensar em que vai ter sucesso mudando de setor?

— É que agora vou ter o meu próprio negócio e acredito que poderei controlar uns poucos funcionários.

— Já leu o contrato?

— Li e mostrei a um advogado amigo, que me recomendou o negócio, dada a seriedade de sua firma.

— Está disposto a despendar a quantia estipulada, além de encontrar um ponto de venda de acordo com as especificações do contrato?

— Perfeitamente.

— Está a par dos riscos, caso seu pessoal não saiba conduzir a clientela?

— Não pretendo obter lucros no primeiro ano. Vocês falam em oito a dez meses de espera. Eu posso sustentar a loja por um ano inteiro, sem problema.

— Vejo que o senhor...

— *Você*, por favor.

— Qual é a sua idade?

— Trinta e oito.

— Acho que posso chamá-lo por *você*. Então, você aceita a margem estipulada para as vendas?

— Acredito que esteja de acordo com as normas do mercado.

— Está um pouco abaixo. O nosso interesse é tornar as lojas com o nosso nome mais populares do que esta minha. O senhor...

— Olhe lá!

— Você deve ter feito uma pesquisa antes de optar pelo nosso negócio.

— Claro que fiz. Até conversei com outras empresas abertas à franquia, mas ou o meu dinheiro era insuficiente, ou a complexidade do negócio exigia cursos muito demorados, enquanto estou buscando realizar algo imediatamente.

— Esse seu defeito físico vai impedi-lo de locomover-se dentro da loja. Então, é bom que saiba que deverá ficar exclusivamente na administração. É bom ter um espaço físico adequado para observar o que se passa no ambiente de trabalho.

— Eu não serei um patrão ausente, embora ficar o tempo todo anotando cada mínimo gesto...

— Não vamos adiantar o treinamento. Trataremos desses aspectos numa das dez aulas a que você terá de comparecer. No caso de sua dificuldade, você precisa que alguém o ajude ou consigne deslocar-se sozinho?

— Sou autônomo, até um certo ponto, porque a cidade não está preparada para os paraplégicos. Mas me viro. Isso é importante para a abertura da franquia? *Franquia* ou *franchise*?

— Franquia, em português. O termo em inglês só será usado caso haja um dispositivo de *marketing* que exija um lance exótico, para atrair a atenção, ainda mais por causa da enxurrada de estrangeirismos no nosso idioma.

— Respondendo melhor à sua pergunta, devo dizer que tenho dois sobrinhos que se alternam em me conduzir a lugares novos. Um deles está lá fora esperando.

— Vejo, na sua ficha, que você é solteiro. Mas preciso saber se não possui uma família para cuidar. Esses seus sobrinhos são pagos para levá-lo de um lado a outro?

— Que cuidado é esse? Faz parte da franquia ou tais perguntas constituem mera curiosidade?

— A gente procura fazer que as pessoas não deixem de lado nenhuma perspectiva de desvio da lucratividade. Se o franqueador achar que o franqueado não vai conseguir levar avante o projeto, é melhor frustrar logo a intenção, uma vez que está em jogo o nome da empresa.

— Não tenho gastos além dos normais com duas pessoas: eu e minha mãe viúva. Felizmente, todos os meus parentes estão bem de vida. Eu era o pobretão, embora tenha três propriedades: minha casa, um apartamento na praia e uma participação numa propriedade no interior, com meus irmãos. Aliás, vá com seu marido ao nosso sítio passar um fim de semana. Lá o ar é muito gostoso.

— Poderei ir com minha filha. Ela está na idade de ver que as vacas comem capim e produzem leite sem ser em caixinhas de papelão.

— Qual é a idade da menina?

— Vai completar dez anos.

— E nunca viu um pasto?

— Caipira da cidade grande, sem tirar nem pôr.

— Então, vamos combinar. Domingo que vem, eu passo em sua casa e levo as duas a passear.

— Com uma condição: você vai ter de assistir lá a duas aulas do curso, evitando assim o sacrifício de aqui comparecer.

— De acordo. Por que não leva também o marido?

— Estamos divorciados.

— É pena!

— Por quê?

— Eu nem sei porque falei isso. Afinal, não quero meter-me em sua vida.

Quando Rosalinda largou a cadeira de rodas na calçada, surpreendeu-se pensando em como seria conviver maritalmente com um paraplégico, admirando-se muito de haver concordado tão de pronto com o passeio.

“Será que tivemos uma empatia espiritual? Será que somos conhecidos de outra existência? Por que eu o achei tão simpático e absolutamente confiável? Será que estou confiando em que a cadeira de rodas possa representar firmeza de caráter? Ou se trata do interesse demonstrado em fazer negócio comigo?”

De qualquer modo, passou o resto da semana ansiosa pelo encontro, desenvolvendo uma a uma das intuições da primeira hora, com a evidente intenção de caracterizar que espécie de relacionamento teriam.

## 17. RUTE

Estava Rosalinda trancada no escritório, no fundo da loja, quando lhe anunciaram que Dona Rute viera visitá-la.

— Vamos entrando, por favor. Acomode-se na poltrona.

— Rosalinda, querida, vim tratar de um assunto que faz tempo está me deixando preocupada.

— A senhora não tem que ficar preocupada com nada. Eu entendi tudo perfeitamente. Seu filho exerceu o direito dele de escolha. Eu fui deixada de lado. Tudo bem. Ele preferiu outra. Que seja feliz, é o que eu posso desejar-lhe.

— O Laerte sentiu-se muito mal, quando você se retirou sem ouvir mais nada.

— E eu não tinha razão? Que ele não me amasse, vá lá. Eu até posso entender. Mas que saísse comigo, enquanto *paquerava* outra, não está certo. Ainda mais sabendo-se quem era essa outra.

— Eu acho que você tem razão em ficar decepcionada. Afinal de contas, você só demonstrou ter muito carinho por meu filho. E ele gostava muito da Beatriz.

— Parece que gostava muito mais do filho da outra.

— Quer saber a verdade? Ele detesta o rapazinho, que não o aceita e que já brigou com ele várias vezes.

— Em matéria de brigar, a Beatriz também não é flor que se cheire. Mas a senhora não precisava se incomodar em vir prestar estes esclarecimentos.

— Precisava, sim. Estou sentindo muita falta de você lá no centro. Afinal de contas, foi por sua causa que comecei a frequentar, desde que você me explicou como é que se dão as comunicações entre vivos e mortos.

— Eu não a levei lá para a senhora ter notícia de seu marido. Eu queria que entendesse por que as pessoas sofrem acidentes e ficam aleijadas. A senhora estava muito magoada por ver seu filho na cadeira de rodas.

— Eu entendi, tanto que sempre digo que ele reagiu muito bem, porque não se deixou desanimar, começando vida nova, tanto que a loja que abriu, graças a você, está indo de vento em popa.

— Abriu graças a mim, mas está indo de vento em popa por causa da Lavínia, minha melhor funcionária.

— Eu queria agradecer o presente que você, apesar de tudo, deu a eles...

— A ideia de fazer um acordo pra ela retirar o Fundo de Garantia foi aceita por meu pai, a quem ela tinha vinculada a carteira. Não se iluda: se dependesse de mim, provavelmente ela teria de assinar uma carta de demissão.

— Não acredito. Você está falando da boca pra fora. Se pensar um pouquinho só, vai ver que sua bondade e seu reconhecimento por tantos anos de serviço prestado com tanta lealdade...

— Não use o termo *lealdade*, por favor. Ela me traiu, isto sim. Se tivesse um pouco de consideração para comigo, pelo menos, teria avisado que estava de olho no seu filho. Além do mais, a tonta aqui vivia dizendo a ela que gostava muito dele e que pretendia formar uma família...

— Este é o ponto principal que está mexendo com a minha consciência.

— Não sei por quê.

— Acontece que o Laerte me consultou a respeito da escolha que deveria fazer. Eu não conhecia a Lavínia. Conhecia você. E achei que, se ele se casasse com você, corria o risco de ficar sozinho a maior parte do tempo. Com Lavínia tocando a loja e comigo cozinhando, lavando e passando a roupa e limpando a casa, eles ficam o tempo todo juntos.

— Eu já pensei que ela é muito mais conveniente para ele, até no aspecto sexual, porque seu filho está com graves dificuldades, quanto ao desempenho da virilidade.

— Eu considerarei também esse ponto, sabendo de seu passado e o quanto você é fogosa.

— Se a senhora não tiver mais nada a dizer, eu estou muito ocupada...

— Eu gostaria que você me perdoasse, não quanto ao fato de ter aconselhado que ele se casasse com a sua funcionária, mas quanto a ter afastado você do centro espírita. Desde que eles se casaram, você não foi mais lá, com certeza para não nos encontrar.

— Realmente, achei que não seria conveniente continuar uma convivência, como se nada tivesse acontecido. Eles me passaram pra trás e eu não vou, aos vinte e oito anos de idade, aceitar pacificamente fazer sala para pessoas a quem sinto profunda aversão. É um defeito de minha personalidade. O Espiritismo, ou melhor, Jesus sempre pregou que as pessoas devem reconciliar-se em vida porque, depois da morte, é muito mais complicado. Mas meus sentimentos são estes. Perdoei-os, é verdade, do fundo do coração, e, cada dia que passa, mais eu compreendo que não poderiam agir de outro modo, dada a formação de ambos. Mas não vou esquecer tão cedo, principalmente porque seu filho causou uma decepção para todos os meus familiares, que contavam com o nosso enlace.

— Eu vim avisá-la de que eles estão indo a outro centro. Se você voltar lá, vai encontrar-se só comigo.

— E com todo o povo que deve estar condoendo-se hipocritamente do meu insucesso amoroso.

— Você tem a mente tão aberta mas é incapaz de perceber que as pessoas a admiram e lhe querem bem. Na verdade, estou aqui em nome de várias amigas. Elas temem que você vá contribuir com sua inteligência e seu trabalho em outro lugar, desfalcando consideravelmente o nosso grupo. Por favor, reconsidere e volte, que ninguém está a fim de devorar-lhe o fígado.

Rute fez menção de levantar-se para abraçar a moça, mas um gesto dela fez que se mantivesse sentada na ponta da poltrona:

— A senhora deve ter ouvido tantas vezes que nada no mundo acontece por acaso. A sua vinda aqui é prova disso. No entanto, eu discordo desse preconceito espírita, sabendo que os tijolos que caem nas cabeças das pessoas não escolhem seus alvos. No meu caso, aceito que levei uma pancada imerecida, porque tudo fiz para comprovar meu afeto por seu filho, como também ele não merecia estar paralítico. Então, posso dizer à senhora, desde que me prometa não passar adiante a minha confissão, que ainda amo o Laerte, sem paixão, confiando em que, vem dia, vai dia, ainda nos encontraremos para realizarmos um objetivo existencial comum, sem oportunistas por perto.

— Quer dizer que você vai voltar ao centro?

— Quer dizer que já curti a minha *dor de cotovelo*. Quero que fique claro, porém, que não vou atrapalhar a felicidade de ninguém. Ao contrário, tenho orado bastante para que eles encontrem um motivo para viverem uma longa vida de realizações.

— Eu bem que sabia que você possui um coração maravilhoso!

— Não acredite muito nisso. O que tem conduzido os meus sentimentos é a consciência de que cada um deve fazer o melhor possível para progredir espiritualmente. Sentir ódio, raiva ou mesmo um simples desejo de contemplar a desgraça alheia é afastar-se cada vez mais dos preceitos do Espiritismo. Em todo o caso, é natural que ainda mantenha certa repugnância por uma atitude que reputo desleal. Sei que as pessoas compreendem de maneiras bem diferentes as coisas que acontecem, umas rapidamente, outras com lentidão. Mas todas acabam compenetrando-se da verdade, ou Deus não teria formulado leis justas. Ainda bem que existe o tempo para pôr uma pedra sobre todas as coisas ruins.

— Por que você não vai dizer essas coisas lá no centro? Aposto como as pessoas iriam agradecer-se muito dessas palavras honestas e profundamente sóbrias e verdadeiras.

— Quando eu lhe disse que estava atarefada, não menti. Para encerrar, portanto, quero agradecer-lhe a manifestação de amizade que me demonstrou.

— Quem agradece sou eu, por ter uma pessoa de sua qualidade como amiga. Posso contar consigo pra próxima reunião?

— Vou pensar no assunto.

— Posso ligar amanhã pra confirmar?

— Deixe que eu ligue pra senhora.

A despedida não foi efusiva, embora Rute saísse enxugando lágrimas que teimavam em escorrer e Rosalinda se deixasse abater em profunda meditação, esquecida do que estava fazendo.

## 18. ROBERTA

Um belo dia, indo discutir alguns assuntos com o pai, Rosalinda descobriu que havia certa intimidade do velho com a moça que substituíra Lavínia desde que esta a acompanhara para a sua loja.

Roberta surgiu do nada, passando para trás todas as balconistas. E não foi porque conhecesse o serviço. Ao contrário, no começo, toda vez que Rosalinda comparecia à loja do pai, estava a moça recebendo instruções do velho, que, com infinita paciência, ia levando-a pela mão a todos os setores de seu comércio.

Intrigou-se a filha com aquela presença jovem ao lado do pai, moça que beirava os vinte e sete, vinte e oito anos, alta, loira, bonita, de profundos olhos azuis, sempre com um sorriso cativante nos lábios, como se a vida lhe estivesse sendo um mar de rosas.

Mas Rosalinda não quis chamar a atenção sobre o problema do pai, buscando os serviços profissionais de uma detetive. Queria saber o grau de envolvimento deles.

Dois meses depois, chegava o relatório das observações. Ali se registrava que Roberta vivia sozinha num apartamento, onde recebia a visita do patrão a cada semana, sempre no comecinho da noite, nunca em período superior a duas horas.

De posse do endereço da funcionária, num domingo de manhã, deixou Beatriz na casa dos pais, dando a desculpa de que iria trabalhar no centro espírita. Certificando-se de que o velho não sairia, rumou para o apartamento da protegida.

No caminho, imaginou um pretexto para poder entrar no edifício, ou seja, que iria oferecer à moça a vaga deixada por Lavínia mais de um ano antes, vaga ocupada por uma pessoa que ameaçava deixar o emprego para casar-se.

Anunciada pelo interfone, o porteiro recebeu imediata autorização para conduzi-la ao apartamento, sem necessidade da elaborada desculpa.

— Que bons ventos trazem tão importante pessoa ao meu modesto lar?

— Vim saber quais são as suas intenções com o meu pai.

Roberta percebeu que Rosalinda sabia mais do que poderia deduzir das visitas à loja. Mas não quis abrir o jogo, preferindo aguardar pelas revelações da outra:

— Eu não sei exatamente a que você se refere.

— Sabe, sim. O velho tem vindo regularmente visitá-la. Eu quero saber se você pretende escorchá-lo o quanto puder, inclusive causando um problema muito sério para a nossa família.

— Você está pensando que sua mãe vai separar-se dele?

— Entre outras coisas.

— Não seria o caso de perguntar a ela?

— Mas aí eu é que estaria levantando a lebre. O meu interesse é preservar a paz de espírito dela.

— Se eu lhe disser que Rodolfo vem visitar-me como um pai visita a filha, você vai acreditar em mim?

— Pois ele faz muito tempo que não vai me ver.

— É porque você está a toda a hora levando sua filha para a casa dos avós. Ele não precisa ir vê-la.

— E por que precisaria ver você?

— Para saber se está tudo bem comigo.

— Sobre isso vocês podem conversar de patrão para empregada na loja.

— Lá os nossos assuntos são todos relativos ao serviço.

— E eu não vi que ele estava abraçando-a e beijando-a, há uns dois meses atrás?!...

— No dia do meu aniversário, ele fez questão de me agradar, inclusive dando-me um precioso presente. Eu gosto muito dele. Sem ele, eu estaria na rua da amargura. Foi ele quem me deu este apartamento e é ele quem me orienta na vida.

— Estou vendo que você é finória, minha cara, com esse rostinho lindo, esse corpinho de bailarina e esse trato de primeira.

— Por favor, Rosalinda...

— Dona Rosalinda, pra você.

— Não me obrigue a revelar os meus segredos. Eu acho que Rodolfo não iria gostar disso.

— Você fala o nome dele com uma intimidade que simples funcionária não teria.

— Eu não sou uma simples funcionária. Eu sou, como ele mesmo me chama, a Robertinha.

— Você está querendo dizer que eu fiz mal em vir conversar com você? Que eu deveria ter ido diretamente entender-me com ele?

— Eu não estou querendo dizer nada. Você é quem sabe se deve ou não colocar seu pai sob julgamento, já que, precipitadamente, tirou conclusões a nosso respeito.

— Vai me dizer que ele não vem vê-la pelo menos uma vez por semana.

— Às vezes, mais de uma. Quando fiquei doente, vinha todo dia. Já que você sabe quantas vezes ele tem vindo, eu lhe pergunto se pode me dizer quantas vezes a sua mãe, Dona Rosaura, também vem ver-me.

A insinuação de que a mãe estivesse a par de tudo desconcertou a nossa heroína. Calou-se, mas seu olhar exprimia uma expectativa de resposta a uma série imensa de perguntas.

Roberta, por seu turno, deu um tempinho para organizar o que tinha em mente dizer. Por fim, vendo que Rosalinda não se desviava do objetivo que a trouxera, revelou:

— Quando você tinha um ano de idade, há vinte e oito anos atrás, eu nasci. Minha mãe, que você não conheceu, era uma funcionária da loja. Seu pai, desde aquele tempo, cuidou de mim. Minha mãe era solteira e só veio a contrair matrimônio há dez anos atrás. Meu padrasto, contudo, não me aturou por muito tempo. Decidiu levar minha mãe embora, indo morar em outra cidade, deixando-me, aos dezoito anos, sozinha neste apartamento, cujo aluguel era até então pago por seu pai.

— Se sua mãe trabalhava na loja há dezoito anos, eu deveria conhecê-la.

— Assim que se viu grávida, deixou o emprego...

— Então, eu não estou entendendo o porquê de meu pai ter tanto interesse em cuidar de vocês duas.

— Você não percebeu ainda que nós somos irmãs? O caso que você imaginou que ele tivesse comigo, ele teve com minha mãe.

— Santo Deus! E quando minha mãe ficou sabendo de tudo?

— Antes de eu nascer, seu pai contou tudo a ela.

— E ela...

— Ela obrigou-o a separar-se de minha mãe e a dar condições de sobrevivência para a filha que iria nascer.

— Foi uma séria crise no casamento. Por que eles jamais me contaram tudo isso?

— Agora, sim, eu vou sugerir-lhe que você pergunte a eles. Mas eu acredito, Rosalinda (acredito que você não vai exigir mais o *dona*), que o amor entre eles nunca desapareceu. Minha mãe foi um caso na vida de Rodolfo. Com certeza, uma paixão por carência de afeto quando seu irmão nasceu.

— Quer dizer que ficaram encontrando-se por mais de três anos...

— Eu acho que levou um certo tempo para eles desmancharem de vez. Mas essas águas faz tempo que passaram por debaixo da ponte. Infelizmente, eu não tenho nenhum controle sobre o passado. Espero que você não cause nenhum obstáculo ao meu futuro, ainda mais agora que estou namorando firme e pretendo casar-me. Uma certeza você pode ter: não serei eu quem irá causar nenhum transtorno à sua família.

— Pelo que entendi, seu padrasto levou sua mãe embora com medo de nosso pai. Eu não acredito...

— Vejo que você está encafifada. Quer ver o nosso álbum, para conhecer a minha mãe?

— Não quero mesmo. Já basta aquela foto ali sobre o móvel de vocês dois rosto a rosto, que você se esqueceu de esconder. Meu irmão sabe de sua existência?

— Não que eu saiba.

— Minha mãe pode ter contado a ele.

— Se ela não lhe contou, menos ainda ao filho. Quem deve estar a par de tudo é o confessor deles, mas sacerdotes não contam. Quanto a mim, mantenho o segredo o melhor que posso, mesmo que muitas pessoas pensem o mesmo que você. Até que é bom ter um mistério desses na vida.

— Roberta, eu não sei como devo reagir diante de tudo isto. Devo fazer de conta que não sei de nada? Gostaria de ficar a par de seus objetivos de vida. A minha religião determina que as pessoas devem sempre fazer o máximo para não criar inimizades.

— Eu também sou espírita. Foi esta doutrina que deu forças à minha mãe. A gente pode encontrar-se nas reuniões a que compareço lá na sede da federação. Que tal? Ali eu conheci meu namorado. Talvez nós possamos ligar-nos por laços de sangue, conhecendo-nos melhor e respeitando-nos.

A conversa seguiria nesse mesmo tom ainda durante uma boa meia hora, até que Rosalinda percebeu que estava na hora de sair.

Na porta do prédio, cruzou com um rapaz atlético que entrava e que a cumprimentou dando mostras de conhecê-la. Mas a visão não se fixou na mente da moça, ainda atarantada com a descoberta das estrepolias do pai.

## 19. LAURA BEATRIZ

Rosalinda vinha observando as transformações físicas e intelectuais por que vinha passando a filha, que entrava na puberdade. Não quis antecipar uma conversa mais aberta a respeito de sexualidade, preferindo esperar pela primeira menstruação.

Mas as coisas se precipitaram quando a própria menina a procurou, preocupada com o fato de a mãe vir encontrando-se com diversos homens, sem escolher alguém que assumisse a responsabilidade de tornar-se chefe da pequena família.

— Mãe, você não acha que está dando um péssimo exemplo, *transando* com vários homens?

A pergunta pegou a moça de surpresa. Pensou em jogar contra a filha um “o que é que você tem com isso?”, mas conseguiu perceber a tempo que essa seria uma observação a lhe ser devolvida em muitas circunstâncias de futuras reprimendas. Deliberou concordar:

— Você tem toda a razão. Se você começasse sua vida sexual *dando* para vários rapazes, eu não iria ficar satisfeita.

— Que prazer você tira desses pobres que não têm capacidade sequer para uma conversa adulta? Eu me lembro do Laerte. Aquele, pelo menos, tinha ideias na cabeça e era bastante animado. Esses mais novos parecem que não saem de um círculo restrito de ficar vendo jogos na televisão ou algum filme policial tolinho, em que os bandidos levam vantagem e os mocinhos ficam com a cara no chão.

— Nem todos que eu contato pela Internet são exatamente aquilo que afirmam ser. Os do centro espírita têm medo de mim, porque vou dizendo logo tudo o que penso. Mas você não deve me acusar de levar todos para a cama. Calma lá! Neste último ano, desde que a sua tia torta brigou comigo por eu ter tentado roubar o namorado dela, fiquei de quarentena.

— Ficou nada. Mas eu não quero falar mais nada, porque você deve saber o que está fazendo. Não tenho o direito de censurá-la, mas também não posso elogiá-la como gostaria. Você está sabendo que muitas colegas se afastaram de mim por causa de seu comportamento?

— Como é que elas podem saber o que eu faço ou deixo de fazer?

— As mães delas estão de olho em você. Quando eu falei em exemplo, foi porque ouvi exatamente esse tipo de comentário.

Rosalinda tentou abraçar a filha, mas esta se esquivou. Não queria perder o elã. Complementou:

— Pois existe uma outra coisa que está acontecendo e que você precisa ficar sabendo: os meninos acham que comigo vão se dar bem, que eu vou fazer exatamente como você.

— Eles que se atrevam.

— Eu é que não deixo. Eu sei me defender. Mas as colegas que têm um pai ou irmão mais velho para defendê-las são bem menos assediadas.

— Você, não procurando os rapazes, eles vão acabar desistindo.

— Aí é que está. Eu também tenho o direito a *azarar* alguns no *shopping*. Você já me contou que, na minha idade, passeava muito e saía com vários, um não sabendo do outro.

— Você diz as coisas como se tudo na minha vida se resumisse em *paquerar* e *transar*. Ainda bem que você sabe o quanto progredi na área das confecções e do comércio das peças femininas e o quanto tenho dado duro no centro espírita, inclusive nas palestras para adolescentes, para grávidas e mães solteiras. Além do mais, o trabalho para conseguir ajudar os carentes me leva bastante tempo.

— Você está encarando a minha observação de maneira distorcida.

— Onde você aprendeu a falar com tanta propriedade?

— Estou repetindo uma frase que você mesma gosta de dizer nas reuniões. Não se esqueça que faz alguns anos que você me leva a quantas sessões de estudo de que participa.

— Sessões de estudo a que você começa a faltar, mesmo aquelas para a mocidade espírita. Está certo que você está mais adiantada, mas aprender a lidar com outros jovens, para convencê-los de que a doutrina é útil para a vida de todo dia, irá favorecer o seu crescimento moral e intelectual.

— Eu acho que já me favoreceu bastante, principalmente no que diz respeito ao aspecto moral. Você não acha que eu tenho razão em reclamar um procedimento mais moralizado de sua parte?

Desta feita, Beatriz não conseguiu evitar que a mãe a abraçasse e que lhe dissesse entre lágrimas:

— Aos vinte e nove anos de idade, estou aprendendo com a pirralhinha que nem mulher é ainda. Se minha mãe me tivesse conduzido para esses conhecimentos, eu acho que hoje, talvez, eu não tivesse a oportunidade de ter este presente tão lindo do Pai. Valeu a pena todo o sofrimento de uma juventude que ficou meio frustrada...

— Que frustrada nem meio frustrada! — exclamou a mocinha, livrando-se do abraço. — Eu não acho que representei nenhum sacrifício para você.

— Com quem você tem conversado a respeito destas coisas?

— A vó Rosaura está me sondando, achando que está na hora da minha primeira comunhão. Ela não cansa de me dizer que eu não preciso pôr aquele vestido branco. Basta aprender umas orações e ir a umas aulas de catecismo.

— Aposto que não é ela que fala a respeito de minha conduta moral.

— Eu provoço mas acho que tudo o que ela diz é por mera formalidade. Com certeza, o confessor dela está lhe instigando ainda mais a consciência, porque ela deve julgar que está cheia de pecado por não conseguir *dobrar* a filha e a neta.

— O problema, Beatriz, é que eu não posso dizer nada. Neste último ano, precisei ouvir calada a respeito da infidelidade de seu avô, porque a minha mãe tinha uma ascendência muito forte sobre mim e ele, dizendo ter perdoado a ambos, colocando-se na posição de vítima.

— Eu gosto muito da vovó. Se você não me proibir, eu acho que vou fazer de acordo com o gosto dela.

— Ao contrário, eu até incentivo essa atitude, porque vai levar você a pensar a respeito de muitos temas que estão na cabeça dos católicos que desejam entender o que seja a doutrina espírita.

— Você acha necessário que eu passe por essa experiência?

— Não acho necessário. Acho interessante, porque acredito que estamos vivendo para aprender a analisar e a criticar as coisas que não estão corretas. E isso eu sei que você vai fazer com o máximo de clarividência, do mesmo jeito que analisou e criticou a minha vida afetiva. Se vale uma promessa minha, vou procurar controlar-me. Quem sabe eu encontre um homem que corresponda a todos os meus anseios, porque, vamos falar francamente, os que têm passado pela minha vida não mereceriam uma simples atenção da minha parte.

Laura Beatriz teria mais o que dizer a respeito, mas preferiu calar-se, para que a conversa se encerrasse com a chave de ouro da promessa de morigeração dos hábitos. Ficava na expectativa, certa de que o futuro também lhe reservaria muitas surpresas desagradáveis.

Rosalinda, recolhida ao leito, demorou para conciliar o sono, impressionada com o discernimento da filha, tentando recordar-se de uma conversa que tivera com Rosaura mais ou menos com aquela mesma idade. Não se lembrou de muita coisa, mas comparou as suas expressões desbocadas com a delicadeza dos pensamentos e sentimentos de Beatriz, julgando que a filha iria trilhar um caminho bem diferente do dela. Antes de dormir, lembrou-se de agradecer a Deus e aos guias da espiritualidade, em comovente prece reconhecida.

## 20. ADAUTO

Rosalinda passou um ano esforçando-se por cumprir a promessa feita à filha. Por ocasião, porém, de seu trigésimo primeiro aniversário, alguns dias após a festinha que lhe promoveram as funcionárias, passou por uma das experiências mais desagradáveis de sua vida.

Ficara-lhe a impressão de que as mulheres a afastavam dos maridos, tanto que, tendo anunciado que levaria um bolo para o pessoal do centro, se viu rodeada tão somente das moças solteiras, das senhoras viúvas, dos rapazes e mocinhas do grupo de jovens do círculo de estudos. Compareceram alguns senhores da diretoria, idosos o suficiente para serem seus pais. Daqueles dentre os que poderia extrair um companheiro nas condições de dotar sua família de um chefe, esteve lá apenas um rapaz mais novo que ela dois anos, bem falante, disposto a fazer-lhe abertamente a corte. Mas havia um problema a ser superado: Aauto era negro, retinto.

Rosalinda quis sentir toda a extensão dos sentimentos do homem, aceitando encontrar-se com ele para combinarem, conforme Aauto lhe havia dito, o programa de ação da chapa que organizara para concorrer nas próximas eleições do conselho deliberativo do centro, de olho, evidentemente, na presidência da diretoria.

Para não darem na vista, precisaram de um local neutro, ou seja, a própria repartição pública em que o rapaz exercia as funções de zelador.

Lá compareceu Rosalinda após o expediente, enquanto o pessoal administrativo saía e a turma da limpeza se apresentava.

Aauto conduziu a moça para o saguão, para que ficassem sob o olhar vigilante dos subalternos, pois não pretendia, conforme confessou, dar motivo algum para falatórios.

— Não se preocupe por mim, disse-lhe a moça. Eu já estou calejada e mais uma difamação de meu nome não irá pesar-me.

Aauto refletiu um pouco e aduziu:

— Eu estou pensando, desculpe-me, em mim mesmo, porque, diariamente, estou em contato com este pessoal, a quem tenho trazido as ideias da doutrina. Se eu cair na boca do povo, eles não vão mais dar-me ouvidos.

Rosalinda não via como poderia alguém arrebanhar prosélitos em ambiente de tanta pobreza escolar, ciente de que o Espiritismo depende, principalmente, da leitura e discussão dos textos da Codificação. Resguardou, porém, a observação, para aplicá-la futuramente, quando da análise do programa que iriam elaborar.

Em rápidas pinceladas, Aauto descreveu-lhe as ideias principais:

— O meu objetivo é dar ao centro espírita um caráter menos elitista. Gostaria de vê-lo abrir as portas para todo tipo de pessoas, mesmo que a gente precisasse abrir mão de algumas idiosincrasias dos mais aferrados na teoria de Kardec. Por exemplo, se o povo acredita em amuletos, por que não plantar espadas-de-são-jorge em toda a extensão do muro? Assim, muita gente poderia perceber não estar sendo rejeitada. Os mais velhos colocam toalhas de todas as cores, mas, se a gente adotar toalhas brancas, muitos vão ficar contentes, porque não vão ter medo de atrair espíritos malignos. São pequenas concessões que, em tempo hábil, irão sendo desfeitas através do ensino do valores espíritas, conforme a doutrina livresca.

Rosalinda achou que Aauto estava plantando verde para colher maduro. Pensou em que as concessões pudessem ser da parte dela, aceitando a companhia de uma pessoa de outra raça. Achou graça no circunlóquio do rapaz e levou o assunto para o campo dos sentimentos:

— Você não precisa fazer tanto rodeio. Se está interessado em minha pessoa, por que não diz diretamente? Eu sei que os negros se sentem socialmente inferiorizados, ainda mais quando desempenham funções humildes. Eu sei que você não possui posses nem recursos para progredir rapidamente no setor econômico. No entanto, quem lhe disse que eu não poderia considerar uma afeição carinhosa e honesta da parte de alguém que age em prol dos necessitados, sem pensar exclusivamente em si mesmo?! Quando Jesus disse ao jovem que desejava salvar-se que deveria vender tudo quanto possuísse e distribuir aos pobres, falou aos homens, porque, naquela época, a organização social assim o determinava. Hoje, quem me diz que o Nazareno não se dirigiria também às mulheres, já que muitas adquirem bens por herança e outras através do

trabalho? Quando aceitei vir conversar com você, senti bem forte uma simpatia por um possível relacionamento entre nós. Quem sabe não seria você aquele príncipe encantado para me despertar o prazer de uma vida conjugal plena de realizações? Em suma, diga o que você tem no coração, porque o meu está disposto a se deixar envolver por uma paixão definitiva.

Enquanto Rosalinda falava, Adauto ia ficando cada vez mais sem graça. Não lhe ocorrera a ideia de uma palavra que não fosse a estrita consideração do tema que o levava a reunir-se a ela. Por isso, gaguejou, completamente indeciso:

— Rosalinda, eu jamais poderia esperar de você uma reação dessas. No centro, eu tenho ouvido dizer que as esposas estão deixando os maridos em casa, com medo de um ataque de sua parte. Eu nunca imaginei que você pudesse olhar para mim. Mas não concordo com uma coisa que você disse.

Adauto criava coragem para desabafar, uma vez que se julgou ofendido.

Rosalinda estava totalmente passada. Simplesmente balbuciou:

— Com o que você não concorda?

— Eu acho que os negros estão em plena ascensão social. Mesmo dentro do Espiritismo, onde somos considerados uma raça inferior, isso dito pelo próprio Kardec, estamos ganhando terreno, haja vista, que vários pregadores pretos estão destacando-se no movimento espírita. Por outro lado, é raro o centro espírita cujos melhores médiuns não são da minha raça.

— Você está exagerando.

— Talvez esteja, mas dizer que os brancos são castigados reencarnando em corpos de negros eu já cansei de ouvir.

— E você acha que eu compartilho dessa ideia ou desses sentimentos?

— Certamente, não. Mas, de alguma forma, pelo que entendi, você abre mão de suas regalias de mulher branca e rica, para praticar a caridade para comigo. Eu não acho que Jesus diria isso.

— Você torceu completamente o que eu disse.

— Quem torceu alguma coisa aqui foi você, pensando que eu estivesse interessado em atraí-la para um encontro amoroso.

Rosalinda não aguentou a represália. Não tendo como defender-se, porque percebeu que dera um tremendo *fora*, pediu a Adauto que a deixasse ir, desculpando-a pelas ofensas diretas e indiretas que lhe havia feito.

Adauto ainda tentou retê-la:

— Vamos esquecer tudo isto e discutir os pontos de minha candidatura.

Mas a frase morreu no vácuo deixado pela moça em sua saída apressada.

Se tivesse ficado a observar escondida, teria visto aproximar-se do rapaz uma linda jovem negra do grupo que trabalhava pesado para lustrar o chão, a qual, com extrema faceirice, puxou a orelha do rapaz, beijando-o delicadamente, fugindo-lhe ao enlace dos braços estendidos.

Rosalinda não voltou mais àquele centro, não tendo visto a derrota da chapa proposta por Adauto. Entretanto, recebeu-lhe posteriormente a visita na loja, acompanhado da noiva, para entregarem-lhe o convite de casamento.

## 21. EUGÊNIA

No transcurso do ano seguinte, Eugênia, esposa de Rodrigo, engravidou pela quarta vez, requisitando cuidados especiais, porque ameaçava abortar desde o sexto mês. Era um fato inédito para ela, que tivera três gestações absolutamente regulares e três partos normais.

Os exames de ultra-sonografia acusaram placenta prévia, de forma que, chegado ao sétimo mês, a médica recomendou repouso absoluto. De qualquer forma, ao entrar no nono mês, a bolsa arrebentou e Eugênia precisou ser internada às pressas, passando por uma cesariana.

Durante os dois últimos meses, Rosalinda apegou-se à cunhada, visitando-a reiteradamente, trocando confidências, apoiando-a com as teses da doutrina espírita, ela que se satisfazia com uma vida pacata, conseguindo trazer seu lar em harmonia, educando os filhos com muito discernimento, obrigando-os a um procedimento de todo compatível com os ideais cristãos propugnados pela Igreja Católica.

No entanto, o sofrimento inaudito causou-lhe um distúrbio na fé, porque não podia conceber que Deus pudesse retirar todo o apoio que sempre lhe dera. Para cúmulo de suas preocupações, visitou-a seu confessor, que lhe garantiu que Jó, apesar de perder todos os filhos, foi agraciado pelo Pai com outros tantos, numa inequívoca demonstração de que Deus escreve certo por linhas tortas.

Quando Rosalinda entrou no quarto da paciente, foi recebida em lágrimas:

— Querida amiga, o meu filho está na incubadora. A médica disse que está com icterícia, tendo ainda um sopro no coraçãozinho.

— Estou sabendo de tudo. Já conversei com ela e me convenci de que não se trata de nada que a ciência não consiga curar.

— O meu medo é que esta criança vá absorver toda a minha atenção, ficando os outros de lado.

— Com certeza, este também será muito amado e querido. Se for mais franzino ou se houver alguma sequela dessas moléstias, nós todos, Rodrigo e as crianças também, vamos cercá-lo de atenção. Ele não vai ser só o seu xodó mas de toda a família. Pode estar certa disso.

— Eu não sei, não. O Rodrigo sempre esteve muito presente em todos os partos e neste mal passou por aqui.

— Estou sabendo que ele está muito triste e não quer que você sinta a dor que ele está sofrendo, tanto que ele insistiu muito comigo para que viesse vê-la e ficasse bastante tempo com você.

— Meus pais ficaram de me ver às dez. Que horas são?

— Quase nove.

— Você fica comigo até eles chegarem?

— Claro! Mas não seria bom que você dormisse um pouco?

— Eu prefiro dormir à noite, quando não dá pra ficar conversando com o acompanhante.

— E sobre o que você quer falar?

— Eu estou cansada de ouvir a respeito de carmas e de mundo de provações e de expiações.

— Então, vamos falar um pouco de mim.

— Estou ouvindo.

— O meu maior problema tem sido a falta de alguém que me dê afeto, que me acaricie e me leve ao êxtase sexual. Quantas vezes por semana você e Rodrigo *transam*?

— Antes da gravidez, duas ou três vezes por semana. Depois que descobrimos o problema com a placenta, paramos de vez.

— E aí você não teve mais nenhum apetite?

— Você está querendo saber de minhas atividades sexuais?

— Se você não tiver vergonha de mim.

— Às vezes, para aliviar o Rodrigo, a gente dava um jeito pra ele gozar. Eu não fazia questão, mas, ainda assim, não era sempre, mas eu também conseguia com muito cuidado, sem penetração.

— Pois é isso o que está me atormentando. Mesmo doente, num estado perigoso, ainda assim vocês se viravam. Eu estou vendendo saúde e não tenho nenhuma compensação.

— Para mim isso é novidade. Eu sempre soube que você exercia seus direitos fisiológicos, sem nenhum pudor ou restrição.

— Eugênia, meu amor, você não está sendo vigiada pela Beatriz. Caí na besteira de prometer a ela que esperaria o meu príncipe encantado e agora estou *pastando*.

— Você não se alivia sozinha?

— Isso serve apenas pra atenuar a necessidade. O maior problema é que os desejos crescem, como se me faltasse algo essencial. Quando frequentava o centro, eu me distraía. Agora eu fico em casa. Quando muito acompanho a Beatriz a uma sessão ou outra de cinema. Na verdade, ela sai muito mais do que eu, sempre com festinhas, *azarando* uns caras no *shopping*, divertindo-se na Internet.

— E se você entrasse em alguma sala virtual...

— Eu já entrei em vários *chats*. Mas é uma *roubada*. Quando o sujeito não mente, é escolado e só deseja mesmo se aproveitar.

— Você já marcou algum encontro?

— Todos *furados*. A Beatriz tinha esperança de que eu me desse bem.

— Esqueça a sua filha. Eu acho que ela não vai aceitar nenhum padrasto. Se você não tomar a decisão sozinha, vai ter de esperar que ela amadureça por mais uns oito ou dez anos, pelo menos. Aí ela arruma alguém, vai embora e você vai passar dos quarenta. Você sabe quanto é difícil arrumar emprego depois dessa idade. Quanto menos casamento.

— Eu já abri mão do casamento.

— Não faça isso. Você está com trinta e dois. É capaz de procriar mais alguns rebentos. Não espere pela menopausa.

— Acho que você não entendeu toda a extensão de meu drama.

— Entendi. Você está querendo dizer que o primeiro que aparecer vai levá-la para a cama sem mais aquela. E aí vai colher mais uma decepção no espinheiro de suas desditas.

— Para quem está passando por um problema tão sério, até que você está bem humorada.

— Enquanto estamos conversando, as dores ficam atenuadas e esqueço um pouco as preocupações. Eu compreendi que você desejou que eu percebesse que todas as pessoas sabem onde aperta o sapato e que existem problemas bem mais sérios do que o meu, apesar de meu filho estar passando por um péssimo início de reencarnação, como você gostaria que eu dissesse.

— Vejo que as noções que lhe passei criaram raízes. O principal é saber que Deus é pai de misericórdia e jamais desampara as suas criaturas, por mais que pareçam sofrer no presente. O futuro e o esquecimento constituem uma dívida superior. Até Jesus afirmou que as dores do parto se esquecem com a alegria do nascimento. Lembre-se disso e aceite o pequeno desconforto desses doloridos pontos no ventre. Como imaginei, você entendeu que eu trocava de lugar com você, apesar de tudo.

Eugênia ia agradecer as palavras da cunhada, quando chegaram os pais, para uma sessão de lágrimas.

Desgostosa com a reação dos velhos, Rosalinda, sem se despedir, foi embora. No caminho, refletiu que Eugênia estava por demais sensibilizada para não se deixar envolver pelos sentimentos alheios. Ocorreu-lhe escrever essas ideias, compondo um texto para publicação ou para uma palestra. Atalhou, contudo, sua vontade, refletindo que não haveria leitor ou auditório espírita para os pensamentos lúbricos que vinham atenuando-lhe a paciência. Assim se perderia para sempre uma página que lhe parecera ter trazido alguns ensinamentos.

## 22. PAULO

Rosalinda conheceu Paulo num dos muitos desfiles de moda íntima que vinha patrocinando. Lançou o nome de sua casa no mercado exterior, onde lhe foram exigidas certas condições de *marketing* de massa, com o devido apoio da mídia. Para isso, precisou lançar mão do recurso dos desfiles, já que há algum tempo abrira uma fábrica de confecções. Contratou, então, os serviços de agência de modelos e entrou em contato com organizadores de eventos de moda.

Foram tantos os trabalhos e preocupações que, no dia de primeiro aniversário do sobrinho mais novo, estava envolvida na organização dos planos para levar o que ela denominava de *enxoval*, para mostrar ao público nova-iorquino.

Mandou um presente através da filha e a promessa de que o próximo final de semana estaria passando com toda a família, desejosa de comemorar o sucesso dos empreendimentos.

Paulo era editor de modas em importante revista local. Acompanhava de perto cada evento no setor, destacando as novidades e as qualidades dos jovens empresários.

Foi assim que se apresentou a Rosalinda, propondo-lhe uma entrevista para reportagem ilustrada, logo após haver percorrido todas as instalações da confecção e duas das principais lojas da rede.

Duas semanas depois, estavam ambos viajando juntos para Nova Iorque, ela para prevenir que tudo corresse a contento e para se fazer conhecida; ele para cobrir o evento.

No hotel, de volta da cansativa jornada, ambos muito satisfeitos com o andamento dos negócios fechados em dólares, antes de se despedirem, combinaram um encontro para a manhã seguinte, em que comemorariam a vitoriosa realização.

Assim que trocaram beijos protocolares, buscaram assento à sombra de frondosa árvore no *Central Park*, ignorando o grande número de frequentadores.

Coube a Paulo a iniciativa da conversa:

— Rosalinda, você é uma mulher maravilhosa. Por que se tem esquivado de todas as minhas tentativas de aproximação?

— Gato escaldado, meu filho, tem medo de água fria.

— Eu já lhe abri de par em par a minha vida. Tenho um passado, mas quem não tem? Você deveria, mais que qualquer outra, compreender isso. Não é verdade?

— Em nome deste meu passado, que você conhece apenas em parte, é que estou me resguardando de entregar-lhe meu coração.

— Comigo, minha querida, é pão, pão, queijo, queijo. Sou muito positivo nas coisas que pretendo conseguir.

— Pois eu estou num beco sem saída: gostaria de acreditar que você é sincero e que me faria feliz. Mas também tenho muito medo de perdê-lo para sempre, porque me simpatizei com sua figura, com sua inteligência e com sua cultura. Além do mais, nossos *papos* giram em torno de interesses comuns, com exceção dos temas religiosos.

— Fui criado na fé católica e me satisfazem os preceitos do Cristo. Não estou precisando dos espíritos nem dos conselhos deles. Aliás, se eu estivesse mal intencionado, não diria estas coisas. Não é verdade?

— E qual é o alcance de suas intenções?

— Quero viver com você, enquanto durar a nossa afeição.

Rosalinda desejou redarguir de imediato, refletiu, porém, uns instantes para dar resposta mais completa. Finalmente, levantou os olhos encarando o jovem senhor à sua frente, e disse-lhe com a voz mais doce que pôde:

— Você fala em afeição mas não disse uma única vez que me ama. Por certo, Paulo querido, você está com medo de repetir alguma confissão amorosa que acabou não dando certo. Sei que você é solteiro e que se apaixonou por uma mulher casada que não quis abandonar o marido...

— O dinheiro falou muito mais alto.

— Pois bem, meu caro, eu não estou no mesmo caso. Falando bem francamente, estou querendo gerar mais um ou dois filhos mas, para estes, gostaria de dar um pai. A minha experiência com a Beatriz foi

maravilhosa e não poderia querer como filha uma pessoa mais bonita externa e interiormente. Ela já está criada e tem muito mais juízo que eu, ao menos, até estes três últimos anos, quando ela me forçou a pensar muito mais na vida como...

Hesitou em enunciar um conceito de caráter doutrinário espírita. Paulo aproveitou a deixa para expor seus sentimentos:

— Quer saber a verdade? As mulheres todas que conheci, sem exceção, também queriam as mesmas coisas. Infelizmente ou felizmente, não sei, não tive por nenhuma delas a mesma atração que tenho por você, com certeza porque você expõe as ideias com muita clareza, demonstrando ser uma pessoa reflexiva, dotada de muito bom senso. Como jornalista, são qualidades essas que admiro e que exalto.

— Homem de Deus, por que você não me propõe casamento?

— Porque sou casado.

— Você me disse que era solteiro.

— Não foi uma mentira, verdadeiramente. Acontece que a mulher com quem troquei alianças está entredada, vítima que foi de um acidente tremendo, tendo uma vida vegetativa. Seria desumano desampará-la com um divórcio que a minha religião condena. Mas também é profundamente desumano ficar preso a um molambo de gente, deixando de viver uma vida de relacionamentos.

— Para você, sexo fora do casamento não é pecado?

— Tenho recebido penitências sempre maiores, mas o meu confessor sabe das condições de minha esposa e já pensou até em entrar com pedido para separação perante a Igreja. Eu é que não permito, pensando que não irá demorar para ela morrer.

— Ao menos, você não demonstra por ela um amor infeliz, como também não está condoído com o desenlace próximo. Há quanto tempo vocês vivem esse drama?

— Há um pouco mais de cinco anos. Por isso é que estou calejado. O que eu tinha de chorar, já chorei. Agora estou na fase de rezar para que Deus alivie a dor daquela criatura.

— Quanto tempo vocês ficaram casados até suceder o acidente?

— Ficamos oito anos.

— E não tiveram filhos?

— Dois.

— E onde estão escondidos?

— Deixei-os com os meus sogros. Eles me acusam de ter provocado o acidente, porque era eu quem dirigia o carro. Os dois meninos se feriram sem gravidade e eu saí completamente ileso.

— Eu gostaria de ter ouvido essa história no nosso primeiro momento juntos.

— Mas nós nos conhecemos há tão pouco tempo...

— Menos de três semanas, contudo, temos batido papo quase todos estes dias e você me fez crer que estava totalmente livre.

— E não estou?

— Não, você está comprometido com uma pessoa, a quem deve respeito e, talvez, toda consideração. E está comprometido com a sua religião.

— Que vamos fazer daqui para a frente, sabendo que gostamos um do outro?

— Vamos dar tempo ao tempo. Trate de sua mulher com muito carinho. Quando ocorrer o desenlace, se nossos sentimentos estiverem acesos, voltaremos a nos encontrar com a esperança de vivermos um amor mais maduro e responsável.

— E se ela sobreviver por mais dez anos?

— Quer dizer que não era para nós criarmos um laço importante no sentido amoroso.

— Você está dizendo que não vai esperar por mim?

— Não vou mesmo, a menos que sua filosofia de vida mude e você passe a admitir certos valores que atualmente rejeita, entre os quais, como você mesmo afirmou, os da doutrina dos espíritos. Você não percebe que está vivendo uma vida dupla? Com sua personalidade dividida, quem me garante que você venha a ser o melhor pai para os meus filhos? Quem me garante que você esteja sendo o melhor pai para os seus próprios filhos, que você deixa aos cuidados dos avós? Não me diga. Deixe-me adivinhar. Não é verdade que você não os vê há mais de ano?

Paulo não se atreveu a responder. Avaliou que não estava à altura daquela mulher adulta e vivida, entendendo que muitas de suas próprias razões de existir não passavam de sofismas, de escamoteações da verdade.

Voltaram para o Brasil em voos diferentes e Rosalinda pôde apreciar soberba reportagem do desfile, onde se destacava elogiosa referência ao seu tino comercial. Nunca mais se encontraram.

## 23. OLEGÁRIO

Demorou para Rosalinda estabelecer um vínculo de amizade com o Doutor Olegário, seu advogado e consultor jurídico.

Mais velho que ela dez anos, tendo já completado quarenta e quatro, Olegário era antigo frequentador da zona de meretrício, onde deixava quase toda a polpuda renda que conseguia extorquir da clientela. Gostava de variar, conforme afirmava aos mais chegados que lhe censuravam o perigoso procedimento. A estes, mostrava os envelopes dos preservativos, dizendo-se protegido e seguro.

De fato, somente quando ouviu dizer que vários companheiros de vida noturna tinham contraído AIDS é que passou a preocupar-se com o fato de que os pais, que o agasalhavam, estavam beirando os setenta e sendo requisitados pelos outros filhos, para saudável convivência com os netos.

Um belo dia, viu-se sozinho com os empregados, na grande casa térrea em que sempre vivera. Na verdade, mantinha uma *garçonnière* para os encontros clandestinos, onde se recolhia de quando em quando para refletir sobre os processos mais escabrosos, espécie de escritório secreto para fugir do assédio dos clientes em situação periclitante ante a lei.

Cansado da variedade maçante dos carinhos de encomenda, imaginou se não estaria na hora de dar oportunidade à vida de lhe propiciar algum conforto de caráter estável, alguém que estivesse, a um tempo, presente e ausente: presente, para o desfastio em momentos de desgaste físico e emocional; ausente, quando necessitasse de repouso e concentração. Em suma, desejou uma esposa que não o atormentasse com monótona constância. Rosalinda pareceu-lhe *a quo*, expressão latina que utilizou espontaneamente, sem notar que falava consigo mesmo.

A jovem senhora bem que havia reparado na sisudez do advogado, sempre distante e cheio de termos técnicos específicos de sua profissão, tanto que, em várias ocasiões, precisou anotar para perguntar ao irmão, que convivia com diversos causídicos.

Por isso, naquela manhã, quando ele a convidou para almoçarem juntos, ela estranhou muitíssimo, sendo levada a aceitar mais por curiosidade do que por interesse.

Deu-se, durante a refeição, a mais inusitada conversa de toda a sua vida.

De chofre, Olegário foi propondo:

— Rosalinda, eu quero que você se case comigo.

Dizia aquilo, estendendo o braço por sobre os pratos e copos do caríssimo restaurante, em busca da mão dela, onde depositou um anel, que ela não permitiu que ele lhe enfiasse no dedo.

— Doutor Olegário...

— Daqui por diante, só Olegário, por favor.

— Olegário, esse seu pedido, assim, sem nenhum preâmbulo, sem nenhuma preparação...

— Você conhece a anedota do bancário que pediu a mão da moça que não o conhecia e que, a uma observação como a sua, respondeu que há anos vinha fazendo a contabilidade da conta do pai dela? Pois é bem isso o que se passou comigo. Eu venho observando-a como empresária e como mulher faz tempo. Se não dei nenhuma demonstração de interesse, foi porque julguei que seria considerado muito mais positivo, se o fizesse de repente, sem dar-lhe tempo de pensar em investigar o meu passado. Caso queira perguntar-me alguma coisa, não se acanhe. Estou pronto a revelar-lhe tudo.

— E onde fica o amor?

— Basta-me sua amizade. Se você me quiser bem e me tolerar, tenho a certeza de que seremos excelentes companheiros. Não se esqueça de que tenho propriedades e um bellissimo escritório, com farta renda, de sorte que todo o seu dinheiro permanecerá intocado por mim, tanto que o nosso casamento haverá de ser sem comunhão de bens. Acho que estou sendo muitíssimo claro, direto e honesto.

— Supondo que eu aceite, onde iremos morar? Não se esqueça de que tenho uma filha adolescente de dezessete anos que mal está começando sua vida de relacionamento amoroso.

— Eu não vou querer ser nem pai nem padrasto para minha futura enteada. No máximo, posso fazer o papel de tio ou de avô. Perguntado, respondo. Instado, vou passar a responsabilidade para você. Ela não recebe a visita do pai?

— Mais do que eu gostaria, ainda mais agora que a mesada dela está mais gorda e ela tem como patrocinar almoços e jantares para ele e para os outros filhos menores. De quebra, ele sempre vem acompanhado da atual esposa.

— Tudo indica que ela se sente à vontade de perguntar qualquer coisa a ele, mesmo porque, se perguntar a mim, talvez eu não tivesse presença de espírito para responder à altura.

— Agora você está querendo enrolar-me. Com toda essa lábia de advogado, está querendo dizer que não teria palavras...

— Conforme o assunto, eu mal sou capaz de movimentar a cabeça com um *sim* ou um *não* meramente abonatórios. Mas você está estendendo por demais o tempo que lhe dei para a minha resposta. A sobremesa está chegando e eu ainda não senti aquele gostinho doce de seu *sim*.

— E se eu disser *não*?

— Deixo de pôr açúcar no café para manter o gosto amargo na boca.

— Já que você vem propor-me casamento sem nenhum gesto meu de aprovação prévia...

— Eu pensei que você não iria opor-se, já que lhe ofereço continuar com sua inteira liberdade de ação, podendo até, respondendo à sua pergunta anterior, continuar residindo no seu apartamento. Disse-lhe que desejava uma companheira, não uma esposa, propriamente dita. Uma pessoa com quem eu possa manter uma conversação deste caráter, sem tédio, sem sentimentalismos gosmentos, sem palavrinhas pegajosas, dessas que os namorados trocam na falta de coisa mais séria para falar.

— Quanto a filhos, você vai querer tê-los?

— Isto vai depender de você. Quem eu acho que deve determinar se deve ou não passar por longos períodos de gestação é a mulher. Eu estarei de acordo com o que você decidir.

— E vai querer ser pai de seus próprios filhos?

— Se eu criar amor por eles, o que me parece absurdo não acontecer, é claro que me esforçarei por dar-lhes a melhor criação e educação.

— E carinho e afeto e companheirismo, naturalmente...

— Naturalmente, é uma boa palavra, ou seja, seguindo o curso da natureza.

— E vai levá-los ao culto, à igreja...

— Essa parte eu acho que cabe à mãe, mas, se você achar que eu preciso exercer...

— Olegário, querido, você está sobrecarregando-me de responsabilidades. Assuma o seu dever integralmente, por favor.

— Não precipite conclusões. Você nem me respondeu de modo afirmativo, eu já tomei o café com adoçante, a conta foi paga, existem fregueses esperando que a mesa seja liberada, e você está acusando-me de desleixar a educação das crianças? Tem muita graça.

— Vamos continuar a conversa no carro.

— Vamos.

No caminho, de braços dados, ambos mais pareciam um velho casal discutindo sobre problemas da vida em comum do que noivinhos prestes a contrair matrimônio.

Acomodados no carro ainda dentro do estacionamento, Rosalinda disparou a questão que lhe parecia crucial:

— Como você se comporta na cama?

— Você quer saber se conheço a anatomia feminina?

— Pode ser. Aliás, eu quero saber se você conhece os requisitos para dar satisfação física à sua parceira.

— Perdi a conta das mulheres que estiveram comigo.

Para não deixar a impressão de que havia alguma a quem ficara devendo assistência, arrematou:

— Nunca me deixei enrabichar por nenhum rabo de saia, como se dizia antigamente. Todas as minhas conquistas foram meramente financeiras.

— Então, você achou que, ficando comigo, ainda que com papéis passados, poderia manter o mesmo ritmo de vida sexual, com a diferença de que terminava com a variedade, mas tinha a segurança de uma companheira saudável e voluntariosa, capaz de lhe propiciar o mesmo prazer apressado das aventuras de uma hora?

— Se eu lhe ofendi, queira perdoar-me. Não quero que você me responda agora. Devolva-me o anel. Vamos encontrar-nos mais vezes, onde e quando você estabelecer e continuaremos a expor nossos pontos de

vista, até o momento em que você compreender que estou oferecendo-lhe uma vida sossegada a dois, ou eu entender que a sua maneira de ser impede que haja uma empatia sentimental entre nós.

De fato, nos três meses seguintes, encontraram-se amiúde, em almoços e jantares íntimos, até que Rosalinda acedeu em conhecer a *garçonnière*. Foi lá que ela colocou o anel no anular da mão direita, prometendo que o usaria até estarem diante do juiz de paz.

## 24. DÉBORA

Na quinta sessão de psicanálise com a Doutora Débora, Rosalinda chegou ostentando a gravidez de quatro meses num vestido apertado.

Foi recebida com alegria pela psiquiatra, que logo a colocou à vontade:

— Muito bem, querida, vejo que as nossas entrevistas vêm surtindo um efeito admirável. Como vai a vida?

Antes de responder, a paciente acomodou-se no divã, preparando-se para o repouso de uma hora.

— A vida está maravilhosa. Aquela tensão passou completamente, tanto que, pela primeira vez, estou disposta a não repetir o estresse em que lhe contava o que considerava as minhas desventuras.

— Conversou francamente com Olegário a respeito dos problemas que ele vinha causando?

— Tivemos um bate-papo adulto, onde expus tudo quanto pensava a respeito do nosso relacionamento.

— Você não quer ir contando sem o roteiro de minhas questões? Vamos passar pela fase das livres associações, para você prosseguir revelando sua maneira de ser, enquanto vou anotando as observações que julgar importantes para comentar ao final e arquivar.

Rosalinda, que vinha mantendo a médica em seu campo de visão, deitou-se de costas, não tendo mais como reger seus pensamentos pelas reações fisionômicas da outra.

Começou:

— Tudo quanto eu lhe disse a respeito de Olegário se confirmou. Quando dizia que ele não me amava, tinha razão. Em nossa conversa, ele me lembrou de que desejava um companheirismo baseado na amizade. Eu disse que ele me havia proposto casamento e ele me jogou na cara que eu o recusara da primeira vez e que colocara a aliança de noivado com o intuito de justificar-me perante os outros. Precisei concordar com isto, mesmo porque, assim que me vi segura e confiante em que tinha logrado um marido, a primeira coisa que fiz foi inscrever-me num centro espírita, fazendo questão de evidenciar às mulheres casadas que não constituía nenhuma ameaça a seus matrimônios.

— Você disse isso a ele?

— Tintim por tintim. Ele me agradeceu e se dispôs a rever sua opinião quanto a considerar a minha pressão para o *conjugo vobis*, palavras dele, como uma aspiração natural de quem deseja reequilibrar a vida.

— E quanto às censuras que você desejava fazer?

— Doutora, a senhora está demonstrando mais do que simples interesse profissional.

— Desculpe-me. Prossiga como quiser.

— Eu é que lhe devo desculpas, mas, considerando que lhe abri completamente o coração e tendo a senhora ido tão fundo em meus refolhos d'alma, expressão que colhi no livro de autoajuda que vinha lendo antes de conhecê-la, acho que não existem mais segredos para serem revelados.

Rosalinda calou-se a ver se recebia alguma resposta. Desta feita, o silêncio ameaçava avançar, o que a preocupou no sentido de faltar tempo para relatar tudo quanto acontecera em seu relacionamento com Olegário. Continuou:

— Escancarei as portas e soltei a cachorrada pra cima do coitado. Falei a respeito de minha mágoa por estar sendo tratada como uma daquelas mulheres com quem ele *transava* e ele se condeou, ou melhor, ele sentiu a agulhada, porque sempre me afiançou que elas nada representaram em sua vida. Aí, eu disse que não era bem assim, porque ele não se esforçava para me dar satisfação sexual. Aliás, eu usei outras palavras bem menos polidas, o que não vem ao caso. Ele não me respondeu logo. Eu deixei que meditasse um pouco e, como demorasse, fustiguei-o de vez, dizendo-lhe que ele não buscava o amor por puro egoísmo, por ter medo de perder as regalias de uma vida sem compromissos pessoais. Nesse ponto, ele abaixou a cabeça e eu aproveitei para falar tudo o que pensava, inclusive fazendo referência ao pouco caso que ele fazia dos clientes que não obtinham sucesso junto às barras dos tribunais. Percebi que ficou meio assustado. Então, mostrei a ele que a companhia que pretendia que eu fosse tinha necessariamente de oferecer-lhe um espelho em que ele pudesse mirar-se de corpo inteiro. Se ele se ofendesse, deixei claro, estaria renegando tudo quanto me propusera desde que me pediu em casamento no restaurante. Quando conseguiu articular algumas palavras, pediu-me que o perdoasse, que iria procurar emendar-se e que fora, realmente, muito infantil

quando me convidou a participar de suas fantasias sexuais, no caso do amigo que ele queria trazer para transar comigo, enquanto ficava olhando. Eu acho que ele foi espontâneo mas, na hora, aproveitei para descarregar toda a minha raiva, sem gritar nem agredir verbalmente. Fiz que entendesse que me havia permitido ter uma ascendência moral sobre ele e perguntei se era essa a base ideal de uma convivência mais ou menos de marido e mulher, dado que a minha gravidez estava a exigir uma definição da parte dele. Aí, sim, achei que ele não iria assumir a criança. Mas eu estava preparada, conforme a senhora me esclareceu, e despachei-o, afirmando que ele não merecia sentir o prazer da paternidade, uma vez que não queria enfrentar as alterações psíquicas nem sociais daquela nova condição. Nesse momento, o coitado deixou-se sensibilizar, ajoelhou-se, agarrou minhas pernas e me pediu perdão. Parecia um cachorrinho esperando a comida. Quando perguntei se havia entendido que tudo quanto eu dissera não fora produto de simples revolta movida pela raiva, mas que era a mais lídima expressão de meus sentimentos filtrados pela lucidez de minha inteligência empresarial, ele me beijou as mãos, sem dizer uma única palavra. Eu acabei ficando com dó do infeliz e prometi pensar em readmiti-lo como namorado, desde que não voltasse mais aos braços mercenários das garotas de programa. Falei da minha cunhada com meu irmão, como eles faziam para aliviar-se sexualmente durante a gestação dos filhos e como era possível a gente passar uma temporada pensando mais nos outros do que em nós mesmos. Estamos ainda curtindo o reencontro, ele, muito mais carinhoso e atencioso, e eu, bem mais compreensiva para com a ignorância machista de quem a vida toda considerou as mulheres apenas objetos de prazer. Por isso, estou achando que Olegário ainda tem a chance de vir a tornar-se meu marido, conquanto já não esteja certa de que isso possa ser o melhor para mim. Em todo o caso, voltei a usar a aliança e continuo frequentando o centro espírita, para onde levei aquele materialista empedernido em duas oportunidades, porque achei que os assuntos e os oradores condiziam com a sua cultura e o seu discernimento lógico de advogado. Nos outros dias, continuo dando aulas sobre sexualidade a mocinhas, a grávidas e a mães solteiras, tendo tido algum sucesso, tanto que algumas mulheres casadas se reuniram para formar um grupo interessado em aprender a lidar com os maridos apressados e desajeitados.

Rosalinda parou para respirar, meio perdida naquele aranhol de apreciações, suspeitosa de que a sua linha de raciocínio demonstrara à psiquiatra mais alguns pontos inéditos de sua intimidade.

Débora passou-lhe um copo d'água e um guardanapo de papel. Ela bebeu meio trêmula, percebendo que a sessão não fora completamente distensa conforme pretendia. Por isso, observou:

— Doutora, estou acreditando piamente em que estas sessões estão realmente ajudando-me. Agora mesmo estava considerando que tudo quanto eu disse me levou a suspeitar que Olegário ficou num beco sem saída, podendo, caso haja um processo qualquer de reversão psíquica, abandonar-me com o filho ainda na barriga. Fale-me sobre isto.

— Rosalinda, querida, as nossas entrevistas não devem dar-lhe a convicção de que, por dominar algumas expressões que lhe adiantei, você esteja apta a realizar sua própria análise psicológica. É claro que você deve ser levada a meditar a respeito de sua vida, mas no sentido de buscar soluções práticas para os problemas imediatos, para o que a preocupa. Deixe-me avaliar os mecanismos psíquicos para poder orientá-la mais precisamente. Por exemplo, por duas vezes você mesclou as atividades espíritas nas sérias ocorrências pessoais de seu relacionamento afetivo, amoroso. Não estou censurando, veja bem; estou apontando. Eis a minha função. A você vai caber refletir a respeito, para definir se existe algum complexo de culpa por haver abandonado a religião durante alguns anos. Será que você está transferindo para as atividades no centro a mesma sensação de pecado dos católicos que faltam à missa dominical? Fique mais esta consideração para sua meditação. Quanto à sua pergunta direta relativa à possibilidade de ser abandonada por Olegário, volto a recomendar-lhe que se desbloqueie, pondo em relevo o mais importante, ou seja, a sua felicidade na companhia de sua filha e da criança que você tem o privilégio de gerar. Você não está dando cursos? Nesses seus cursos, você não ressalta o valor da benquerença entre mãe e filho? Você não sobrepõe, mesmo para as mais miseráveis, o afeto e o carinho maternos às necessidades materiais, dizendo que Deus, sendo pai de misericórdia, vai prover-lhes a vida? Sendo assim, como você não tem nenhuma preocupação financeira, esqueça o homem que lhe forneceu o sêmen e pense, sobretudo, na bem-aventurança de ser uma criatura saudável e consciente dos valores mais altos. Na próxima semana, conversaremos mais a respeito.

Rosalinda ainda desejava esticar os assuntos, mas, percebendo que não estava firme quanto a dar respostas àquelas questões, despediu-se, sem a mesma folgazã alegria da chegada.

## 25. ESMERALDA

Rosalinda acabava de ter mais uma discussão com o marido. Olegário insistia em chegar altas horas da madrugada e, de manhã, não mais comparecia ao trabalho.

Pôs os gêmeos para dormir, deixando-os com a babá, e fechou-se no escritório, com a certeza de que não seria incomodada.

Resolveu que não iria chorar arrependida, que as lágrimas faziam mal até para as crianças, já que o leite escasseava, porque, aos sete meses, os dois meninos sugavam os fartos seios até esgotarem-se, precisando receber o complemento das mamadeiras.

Pensou em que ensinava às lactentes que a ideia de que a mãe poderia intoxicar os filhos, ao passarem por emoções muito fortes, era meramente folclórica, verdadeira credice popular, mas percebeu que ela mesma não estava totalmente isenta de pensar assim.

“Eu quero ser o máximo de positiva e racional, julgando que sou capaz de dominar os meus impulsos...”

Não conseguiu, apesar de bem caracterizar mentalmente o processo psicológico, aplicar-lhe um termo adequado. Contornou o problema:

“Se não consigo dominar os impulsos, o que me leva a crer em que possa dar nome a todos os movimentos da alma? É como se eu fosse duas pessoas: a que deseja ser eficiente, determinada, e a que não mantém um padrão elevado de realizações intelectuais.”

As palavras fizeram-na mergulhar mais fundo:

“Será que tal duplicidade não pode ser encarada como animismo? Nos livros ditos mediúnicos, a psicografia não deve passar de um recurso da mente para expressar-se sem os cuidados da censura da consciência. Talvez, com a mente desperta, a pessoa não aceitasse escrever tudo quanto seu inconsciente tenha preparado, já que as preocupações permanecem desconhecidas, ou se revelam simbolicamente nos sonhos. Se eu tivesse a certeza de que os espíritos conseguem transmitir seus pensamentos, suas intuições, seus conselhos, seus avisos, suas advertências, suas experiências, em suma, eu colocaria um lápis na mão e passaria a escrever ao léu, interessada em ler o que nem sequer me tivesse provocado a atenção.”

O lápis estava a seu alcance e, sem cerimônia, pegou-o, descansando-lhe a ponta sobre uma folha em branco. Esperou alguns segundos a ver se, mecanicamente, se punha a escrever. Não tendo obtido sucesso, largou o lápis, pensando:

“Se Jesus mandasse um de seus mensageiros e ele quisesse conversar com os seres humanos através de minha mediunidade precária, com certeza iria bater em outra porta. Estudei tantas obras importantes, com mensagens atribuídas a espíritos de pessoas famosas, mas não tenho o discernimento necessário para desbloquear a mente e aceitar um pensamento alheio que possa ser útil a mim, em primeiro lugar, e a outros leitores. Será que estou divagando para esquecer os podres de meu relacionamento conjugal? E se um mau espírito comparecer, porque não estou em estado de pureza emocional? Sempre ouvi que era preciso sintonizar as ondas da misericórdia de Deus, onde estão as frequências utilizadas pelos espíritos superiores, através de uma prece. Será que eu conseguiria a assistência de meu guia, de meu anjo guardião?”

Foi quando sentiu um impulso mais forte para voltar a empunhar o lápis.

“Se o espírito que me protege está querendo escrever alguma coisa, em nome de Jesus, pode fazê-lo agora.”

De fato, Rosalinda conseguiu escrever umas frases que se formaram em seu cérebro, sem que tivesse inteira percepção das ideias:

“Minha cara, não pense que você esteja apta a redigir a minha comunicação integralmente; não sem antes dedicar-se bastante ao trabalho de intermediação entre os planos. Meu nome é Esmeralda. Fui encarregada de dar-lhe assistência neste tipo de empreendimento espírita. Se você estiver mesmo disposta a colaborar com a espiritualidade, volte a este posto de trabalho regularmente e nós iniciaremos um treinamento secreto, algo bastante íntimo mas legítimo, sem, contudo, entrarmos no campo das revelações das vidas passadas nem dos verdadeiros laços que prendem você a cada elemento de sua família. Faremos um trabalho preliminar, sem induzir nenhuma conclusão de caráter moral, algo bastante leve e consistente, conforme os ensinamentos mais mezinhos e elementares dos livros básicos do Espiritismo. Com certeza, você irá passar por uma fase de alta desconfiança, duvidando mesmo que tais ideias, por serem muito

comuns, possam originar-se de outro espírito que não o seu. Também vai passar por sua cabeça que o espírito que lhe está ditando estas comunicações na qualidade de exercícios pretende obsedá-la, obcecá-la, exercer um domínio de possessão sobre a sua vontade. Estou dizendo tudo isto para sua reflexão. Se você achar algo que não condiga com os postulados espiritistas que vem estudando, lembre-se de assinalar, para que possamos esclarecer da melhor maneira. Fique na paz do Senhor.”

O lápis já estava sem ponta. Rosalinda pegou uma caneta, disposta a receber certas respostas a algumas perguntas que achou dever formular.

“Minha amiga e orientadora, será que terei capacidade para desenvolver a faculdade mediúnica?”

A resposta veio muito rápida, de sorte que quase não lhe foi possível escrevê-la:

“Você está querendo saber demais. Eu não lhe disse que será preciso trabalhar com afinco? Acho que você não deve preocupar-se com os aspectos materiais do relacionamento. Mesmo que venha a pensar em que você mesma é quem esteja respondendo às próprias questões, isso não nos impedirá de comunicarmos. O que poderá afastar-nos de vez, com o risco de sermos substituídos por seres menos felizes, menos...”

Interrompeu-se a linha de pensamento, porque Rosalinda concentrou-se na caracterização dos espíritos que poderiam causar-lhe algum prejuízo, não querendo escrever uma palavra que pudesse ofendê-los ou magoá-los. Dizer *espíritos baixos*, *espíritos malévolos*, *espíritos mal-intencionados*, não era de seu feitio. Lembrou-se de Olegário e de suas estrepolias e alcinhou-o de *cafajeste*, de *miserável*, acrescentando alguns termos de baixo calão. Foi quando atentou que seu respeito por entidades apenas imaginadas era muito maior do que por alguém que estava necessitando de compreensão e esclarecimento, porque capacidade intelectual tinha de sobra.

Pediu perdão por imergir nos problemas de seu dia a dia, sem saber direito se estaria ou não sendo ouvida.

Finalmente, ponderou:

“Débora diria que estou abrindo a válvula de escape da fantasia. Quando xinguei Olegário, estava ajustando-me à frustração através da agressividade.”

Percebeu que estava totalmente desperta, apta a realizar qualquer trabalho mental. No entanto, alongou os braços e as pernas, notando que estavam doloridos da ginástica com que pretendia anular os efeitos da gravidez dos gêmeos, gravidez que a obrigara a uma vida sedentária bem distante de seu padrão. Lembrou-se de que estava doze quilos acima de sua condição habitual e firmou a convicção de que suplantaria mais esse desafio, conquistando outra vitória sobre si mesma.

No dia seguinte, quando topou com a página escrita com uma letra corrida, na qual reconheceu a própria caligrafia, ficou tentada a dar uma nova oportunidade àquele espírito.

“Realmente, ninguém precisa ficar sabendo, muito menos a minha psicanalista, que pode pensar que será substituída, forçando-me a crer em que tais escritos mais não sejam do que minhas confissões subliminares.”

Riu do próprio pensamento e guardou a folha de papel numa pasta em cuja etiqueta escreveu: Esmeralda.

## 26. EDUARDO

Rosalinda recebeu o recado de que deveria encontrar-se com o editor naquela mesma tarde. Precisavam conversar.

Muniu-se da pasta com os ditados de Esmeralda, buscando acalmar-se quanto à possibilidade de ver uma obra mediúcnica sua impressa.

Exatamente às três horas, entrava no modesto escritório do moço, local que estava conhecendo naquele instante. Esperava um bulício de pessoas entrando e saindo, mas não havia sequer uma atendente. Precisou bater na porta para anunciar-se.

— Alô, Rosalinda. Vamos entrando, por favor. Pontual como sempre.

A moça esticava os olhos por todos os objetos, percebendo que havia bom gosto e moderação nos toques decorativos. Havia uma escrivaninha, na frente da qual se dispunham duas cadeiras, mas Eduardo apontou para o sofá de três lugares, discreto móvel de cor verde oliva, um tanto surrado e desconfortável.

Acomodada, Rosalinda aguardou que o rapaz de cerca de trinta anos, pelo cálculo que ela estava fazendo, moreno, de tez bronzeada, atlético, em mangas de camisa, com impecável gravata borboleta a competir com seu espesso bigode, no rosto escanhado, apanhasse o material que ela lhe havia enviado pelo correio.

— Rosalinda, li com toda a atenção os seus textos, tendo, inclusive, realizado algumas anotações, e achei de pouco interesse editorial. Veja bem, não estou dizendo que não haja um público para este tipo de literatura. O que estou dizendo é que, no máximo, iremos conseguir realizar a distribuição de uns cinco mil exemplares, sem a contrapartida da venda correspondente, podendo encalhar a maior parte dos volumes. Precisaria que seu nome fosse conhecido do grande público para aventurar uma edição maior.

Rosalinda caiu das nuvens. Imaginara que Eduardo podia recusar-se a editar a pequena obra que organizara com o material psicográfico obtido no último ano, desde que se dispusera a, regularmente, apresentar-se para os ditados de sua protetora espiritual, mas não supusera que seria tão positivo em revelar seu pensamento quanto ao fracasso editorial.

Ela, que tinha a palavra fácil, acabou emudecida, mal balbuciando:

— É tão ruim assim?

Eduardo esboçou um sorriso e confirmou:

— Não se trata, certamente, de uma obra-prima, embora ofereça algumas apreciações filosóficas consistentes. E é justamente por isso que não irá obter sucesso junto ao público. Não tem apelo popular, o vocabulário é por demais específico da doutrina espírita, não há uma sequência lógica dos temas, mistura observações psicológicas com recomendações morais, em resumo, precisa ser escoimado desses defeitos e reorganizado através do estabelecimento de um prisma ou uma linha de pensamentos que consiga unir as mensagens, dando-lhes uma diretriz que venha a culminar, de certo modo, numa espécie de conclusão que enfeixe cada um dos pensamentos isolados. Por exemplo, você fala, na introdução, de uma benfeitora espiritual que vem aconselhando-a na tomada de decisões de sua vida. Tudo bem. Mas esse tipo de texto exige, para ser compreendido, que se narrem episódios em que a participação dos espíritos se demonstre verdadeira, inclusive, com o testemunho dos acontecimentos, uma vez que não se trata de ficção. Quando ela sugere que você peça o divórcio, o leitor não fica sabendo se aconteceu ou não a separação do casal. É um momento de conflito que se resume numa tese espírita, que eu não sei se é ou não abonada pela doutrina, mas que, de qualquer modo, vai ferir a concepção de quantos achem imoral ou anti-religiosa essa instituição hoje amparada por lei.

— Quer dizer que eu precisaria situar essa mensagem no contexto de minha vida?

— Você se divorciou?

— Sim.

— Sendo assim, precisaria declarar as razões que produziram tal efeito, caso contrário, o leitor irá pensar que, só porque o espírito sugeriu, você imediatamente julgou que aquilo era o melhor a ser feito.

— Sem querer discordar de sua opinião, já que eu não tenho nenhuma experiência como autora, não está a sua atitude centrada num interesse meramente material, quando a minha modesta contribuição se volta para mostrar às pessoas que qualquer um pode receber recados dos seres de outra esfera?

— Louvável a sua intenção, mas não se esqueça de que de bem-intencionados o inferno está cheio. O comércio livreiro é altamente competitivo. Para que esse pequeno compêndio de mensagens avulsas obtivesse êxito junto ao público, além de ser assinado por um nome conhecido, precisaria de uma retaguarda de *marketing* muito forte, com o apoio de críticos que colocariam os seus nomes a serviço da divulgação. Ora, essa gente, no mercado das obras espíritas, é muito ciosa de sua reputação. Por isso, poucos se aventurariam a expor-se com a autora ao apedrejamento geral dos que não estivessem satisfeitos que alguém se propusesse com tão pouco junto aos leitores.

— Quer dizer que, como está, meu livro está fadado ao esquecimento?

— É o que eu acho.

— E, se eu fosse teimosa e, seguindo os seus conselhos, refizesse a estrutura da obra, dando-lhe um outro acabamento, aí você olharia para ela com outros olhos?

— Sem dúvida. Se quiser saber, eu digo mais: caso a sua teimosia fosse além dessa prudente decisão de seguir as minhas observações e você desejasse patrocinar a impressão e a distribuição dos livros, o que não sai barato, eu ofereceria os meus préstimos tipográficos e encaminharia a edição para as livrarias. Nesse caso, você arcaria sozinha com os prejuízos, porque eu duvido que você encontrasse alguém que desejasse entrar com você nesse barco furado.

— Vejo que você está querendo desencorajar-me completamente.

— Não tão completamente, já que você falou em reestruturar o livro. Poderia até dar-lhe assistência e indicar-lhe uma pessoa acostumada a acompanhar os escritores durante a elaboração das obras, dirigindo-os para um melhor expressar dos pensamentos. É claro que com um custo adicional.

— Posso pensar a respeito para lhe dar uma resposta mais tarde?

— É claro que pode. Sugiro-lhe, inclusive, que ofereça o livro para o exame de outros editores, já que, pelo que me parece, eu sou o primeiro a desiludi-la.

— É verdade. Eu estava justamente pensando em ouvir uma segunda opinião.

— Procure quem você queira, contudo, se desejar gastar menos e alcançar uma divulgação mais rápida dos textos que você atribui ao espírito de Esmeralda, vale pagar um desses portais da Internet voltados para a publicação das obras em caráter virtual. Você está sabendo disso?

— Estou. Já adquiri alguns livros e de outros fiz *download* gratuito. Contudo, não era isso que eu tinha em vista, porque o público da Internet está mais ligado às obras de ficção, romances e contos fantásticos, já que se trata de pessoas extremamente jovens, sem lastro cultural, muito menos espírita.

— Eu tenho mantido contato com esse pessoal e não é o que eles afirmam. Estou até pensando em abrir um *site* com o nome de minha editora, tanto que já pedi que me fizessem um estudo dos gastos e da equipe necessária para operar, de forma que se torne conhecido, quer pelo valor das obras, quer pelo dinamismo do empreendimento.

— Se você já estivesse com seu *site* funcionando, aceitaria o meu livro?

— Com as reformas que eu lhe propus, sim. Seria muito mais fácil, porque os gastos seriam ínfimos, já que, no fundo, se trata de uma simples correspondência telefônica. No entanto, fique o meu aviso: eu ainda acharia que bem poucas pessoas se sentiriam atraídas pela leitura.

— Quanto eu lhe devo?

— Você me deve precisamente a preferência pelo exame de sua próxima obra, porque, pelo que deduzi, você irá insistir em aperfeiçoar-se como escritora. Gostaria de ajudá-la a profissionalizar-se.

— Muito obrigada, Eduardo. Saio daqui preocupada mas não desiludida. Qualquer dia, eu lhe enviarei os originais. Pode esperar.

## 27. NOÊMIA

Rosalinda reformou várias vezes o seu modesto livro de mensagens. Sempre que o submetia, porém, à apreciação da autora espiritual, Esmeralda escrevia laconicamente que era preciso dar mais tempo ao tempo. Um ano inteiro de labutas intelectuais transcorreu até que voltou a apresentar o livro a Eduardo.

Com o trabalho, cresceu o nível de expectativa, dado que a autora terrena, de tanto burilar as frases, cortando, modificando e acrescentando, passou a considerar mais obra sua que daquela voz interior que lhe ditara os textos.

A decepção só não foi completa com as observações do editor, porque este a encaminhou a uma senhora acostumada a acompanhar o trabalho de criação literária dos autores novatos.

Noêmia fez questão de ler o livro antes de comprometer-se com Rosalinda. Finalmente, aceitou o trabalho, com os seguintes dizeres:

— Existe uma certa possibilidade de lançar este livro no mercado. Contudo, veja bem, o sucesso não está garantido. Desde o título até a formulação dos episódios deve sofrer radical alteração. Existe ainda a necessidade de mudar o foco narrativo, atribuindo ao plano espiritual um papel bem secundário, realçando os fatores humanos como fundamentais para que as reflexões morais e pessoais tenham valor perante o público a que você está visando.

— Não entendi direito. Você está dizendo que as redações mediúnicas devem ficar em segundo plano?

— Exatamente isso.

— Então, o que vai sobrar é o relato de minha vida?

— Não precisa ser de sua vida; pode-se construir uma personagem fictícia com os mesmos problemas, não necessariamente com as mesmas soluções.

— Em outras palavras: você está propondo que eu escreva um romance.

— Desde que acrescente outras personagens de sua rica experiência, conforme Eduardo me contou.

Aliás, as passagens em que você conta como se deu o seu casamento e sua separação podem constituir um pano de fundo excelente para propor um enredo em que a heroína se livra do péssimo relacionamento. Neste caso, vai ser preciso fazer que ela encontre um novo amor, verdadeiro, ou que termine sofrendo a desdita de um acidente fatal.

— Isso não tem nada que ver com o meu livro.

— Nós podemos dizer que a influência de seu anjo guardião se deu no sentido de protegê-la de uma condição de vida subalterna, o que vem ocorrendo no mundo das mulheres, ávidas por encontrarem outras com quem partilhar seus destinos de inferioridade neste mundo machista.

— Esmeralda jamais pretendeu orientar as minhas decisões. Ao contrário, conforme está nas mensagens, ela me atribui inteira responsabilidade por meus atos. De resto, seu principal objetivo sempre foi treinar a minha mediunidade, tanto que frequentei as aulas no centro espírita e estou participando das sessões de desobsessão, recebendo, pelo menos, uma comunicação em cada reunião, e de espíritos diferentes.

— Nós podemos pensar em amenizar o desfecho da separação litigiosa...

— A separação foi amigável, tanto que eu me encontro com o pai dos meus filhos regularmente, acompanhando as crianças nos passeios que ele patrocina, mesmo porque nem completaram ainda três anos e se sentem felizes com os mimos que ele lhes traz.

— Tudo bem para a vida real. Nós estamos imaginando um desenvolvimento fantasioso para dar maior verossimilhança à caracterização das personagens. Do jeito que as coisas estão desenrolando-se, é como se vocês continuassem casados.

— De forma alguma. O que não pretendo jamais na vida é voltar a ter as mesmas ansias e depressões por ver o meu marido sofrendo com o casamento, a ponto de fingir muitas vezes que estivera com outras mulheres apenas para causar-me uma revolta que me fizesse querer o divórcio.

— A isso eu chamo de litígio. Vocês não quiseram brigar na frente do juiz, mas nós podemos enfatizar as brigas e discussões, dando-lhe forte relevo dentro da história.

Rosalinda não se conformava com o que ouvia. Resolveu não responder de pronto, providenciando um café junto à cozinha, ela mesma fazendo questão de preparar a mesa.

Após trocarem algumas palavras a respeito da decoração da sala, elogiada bastante por Noêmia, enquanto degustavam o café acompanhado de biscoitos doces e salgados, voltaram ao tema.

Foi Rosalinda quem propôs:

— Se você me prometer que me entrega o esqueleto do livro dentro de vinte dias, eu concordarei em modificá-lo, desde que me agradem as suas ideias depois de transformadas em texto. Não pense que tirei da cabeça o formato original. Estou apenas dando um pouco de corda a vocês dois, para verificar exatamente o que vocês gostam de editar.

— Rosalinda, leia os livros da nossa editora. Não fique apenas no círculo das obras espíritas. Se nós conseguirmos encaixar alguns textos integrais que você diz ter psicografado, faremos muito pelo Espiritismo, já que a intenção é dar a obra a ler pelas pessoas em geral. Falando bem francamente: você acha que os seus textos não têm equivalentes na literatura espírita? Comparando com certas obras do Chico Xavier...

— Quer saber o que eu acho? As obras do Chico tiveram a sua época. São pouquíssimas as pessoas que leem mais de um livro dele e, assim mesmo, por recomendação expressa dos instrutores dos cursos, isto quando têm a mente aberta para outras obras além das de Kardec.

Depois de combinarem o preço a ser pago, despediram-se, cada qual imaginando quais seriam os próximos episódios daquela intrigante situação.

Noêmia ia com a convicção de que poderia escrever um romance ou uma novela, ainda que de sua própria autoria, caso Rosalinda não lhe aprovasse as ideias.

Rosalinda ficava com a intenção de manter a obra com os textos originais, suprimindo alguns e acrescentando outros mais recentes, o que constituiria um outro livro a ser lançado por outra editora.

Foi aí que lhe surgiu, no horizonte de seu tino empresarial, a ideia de aplicar os lucros das empresas na constituição de editora própria e de distribuidora. Na sua mente, cresceu a necessidade de publicar os autores novos, dada a tremenda dificuldade que ela mesma vinha encontrando. Decidiu, contudo, deixar que as ideias fermentassem, para não cair de borco no lamaçal dos perdedores.

Não gostou da imagem que formulara e apelou humildemente a Esmeralda que a ajudasse em mais aquela decisão, recebendo de imediato a intuição de que também os fracassos ensinam.

## 28. ARISTIDES

Estava Rosalinda a admirar as feições de Bianca, a netinha recém-nascida, no colo da enfermeira atrás do vidro do berçário, quando ouviu uma voz sorridente cumprimentando-a:

— Está feliz a Vovó Rosalinda?

Voltou-se pronta para responder:

— Tanto quanto o Vovô Aristides.

— Viu como os nossos filhos souberam produzir uma obra de arte?

— Ela é maravilhosa. Tem traços das duas famílias. Será que os olhos são azuis como os do pai?

— Jurandir diz que sim, mas eu, que fiz o parto, não vou pôr a minha mão no fogo. Mais um ou dois dias, e saberemos a quem ela puxou.

— Doutor, foi bom nos encontrarmos, porque eu queria muito conversar com o senhor.

— Minha cara, por favor, vamos deixar de cerimônias. Afinal, somos parentes e a pessoa importante é você, autora consagrada e empresária conhecida no mundo todo.

— Mercê de uma pequena fortuna que não paro de gastar com propaganda, entrevistas e matérias pagas. Quer vender? Tem de investir na divulgação dos produtos. Mas eu queria falar dos nossos filhos.

— Você jantou?

— Vim diretamente para cá.

— Não tem compromisso com ninguém?

— Hoje, não.

— Desculpe, eu não tive a intenção...

— Teve, sim. Mas eu o perdoo, porque aos viúvos se dá o direito de *azarar* as moçoilas descasadas.

— Estava pensando era na dupla caipira...

— Eu não gosto que chamem os gêmeos assim. Que culpa têm eles se o pai, Olegário, quis dar-lhes o nome de Leandro e Leonardo?

— Entendi: Olegário, o Leandro e o Leonardo. Foi isso?

— Foi. Eles estão bem. Mas eu queria conversar a respeito do Jurandir e da Beatriz.

— Vamos nos despedir deles no quarto.

— Eles vão mexer com a gente, indo nós dois juntos. Vá você porque eu já me despedi.

Meia hora depois, sentavam-se os dois lado a lado, à mesa de um bom restaurante, não longe da maternidade, porque o carro do médico havia ficado estacionado lá.

Enquanto esperavam o serviço, Rosalinda expôs seu projeto:

— Nossos filhos, quartanistas de Medicina, em breve estarão ganhando dinheiro. Por enquanto, as nossas mesadas têm proporcionado a eles uma vidinha confortável. Mas, com a chegada da Bianca, eu não quero que se preocupem com as acomodações, de modo que pretendia fazer que se interessassem por um apartamento maior, cujo aluguel faço questão de cobrir.

— Eu tinha pensado em contratar uma babá, melhor ainda, uma enfermeira especializada para ficar com a criança, enquanto a mãe estivesse ausente.

— Você arca com essa despesa e eu, com a outra. Se quiser, podemos somar e rachar ao meio, porque vou acabar levando vantagem.

— Admiro a sua precisão empresarial. Você deve ser honestíssima nos negócios.

— Nos negócios e fora dos negócios. Por isso, os meus funcionários só saem quando não necessitam mais do emprego.

— Por falar em negócios, como está o seu livro? Soube que se venderam, em menos de seis meses, várias edições.

— Noêmia é que foi a verdadeira autora. Eu até quis que assinasse a obra, mas se recusou, dizendo que não teria lastro financeiro para acompanhar o projeto de *marketing*. Contentou-se com uma participação de vinte por cento no meu lucro líquido.

— E a ideia de criar a editora?

— Morreu com o sucesso de vendas do livro. Aliás, deixei mais material com o editor, que o está passando pelo crivo de sua habilidade livreira.

— Outro dia, vi você dando uma entrevista tarde da noite. Confesso que fui dormir porque estava muito cansado.

— As entrevistas fazem parte do processo de divulgação. Trata-se de um verdadeiro périplo pelas emissoras, além dos horários que preciso reservar para os editores das colunas especializadas dos jornais e revistas.

— Isso deve ter seu preço.

— É algo que pode ser revertido, ou seja, existem autores que até ganham, por contrato, para receberem as equipes de reportagem. É tudo uma questão de fazer fama e dormir na cama.

— Deixe-me aproveitar esse gancho para propor-lhe...

— Veja lá!

Aristides riu a bom rir da facécia de Rosalinda, terminando por explicar-lhe:

— Eu queria referir-me a uma ideia que tive de criar um sistema de saúde bastante popular, coisa séria envolvendo muitos profissionais de minha área, para dar assistência específica às mulheres grávidas, às parturientes e às crianças, através de acompanhamento pediátrico. Mas a ideia da cama não seria de todo descartável...

Sem cerimônia, Rosalinda pôs a mão na perna do médico, perguntando-lhe ao ouvido:

— Você promete ser carinhoso?

Aristides olhou muito admirado para Rosalinda, sem saber direito o que pensar e o que dizer. Experimentou dar-lhe um beijo na face, mas foi delicadamente empurrado:

— Em local público, não, por favor. Estou cansada de ser flagrada em todo lugar ao lado de homens e as revistas de escândalos não perdoam o meu passado. Estar comemorando com o sogro de minha filha o nascimento de Bianca é uma boa desculpa para estarmos juntos. O mais vai acabar nas colunas de *fofocas*.

— Mais uma, menos uma...

— Meu bem, eu não estou pensando em mim. Você é que seria o prato principal desse cardápio suculento e apetitoso para o público ávido de novidades sensacionalistas.

Rosalinda acordou na manhã seguinte numa cama desconhecida, com o ruído charmoso de uma canção sertaneja bastante antiga, homenagem do médico aos filhos da namorada.

— Desculpe-me, querida, mas eu pego cedo no batente. Acredito que você também. Fui aprovado?

— Com louvor. Nada como um especialista para realizar o melhor serviço.

Selaram a nascente amizade com beijinhos nas faces, enquanto Rosalinda se embrulhava no lençol, com certeza para esconder as estrias que lhe ficaram do último regime.

## 29. JULIANA

Quando Rosalinda foi chamada pela senhora que presidia o centro espírita em que vinha trabalhando, logo imaginou que seria convidada a realizar palestras, dado que mal fora publicado seu segundo livro, este com várias dissertações atribuídas ao espírito de Esmeralda.

Foi logo sendo colocada à vontade, através de um abraço carinhoso e algumas felicitações:

— Parabéns, Rosalinda, pelo quadragésimo aniversário. Dizem que a vida começa aos quarenta, então, você está mal iniciando a sua carreira. No entanto, você é uma mulher de sucesso em todos os seus empreendimentos. Eu soube até que irá casar-se em breve...

O jorro de palavras se conteve de repente, entendendo Rosalinda que a outra esperava por uma confirmação. Não se fez de rogada e esclareceu:

— Na verdade, o meu divórcio ainda não se completou, que esses processos são demorados, apesar de Olegário ser advogado e estar a fim de se livrar o mais rápido possível desse vínculo matrimonial que traz a ele e a mim amarrados um ao outro.

— Mas corre à boca pequena que você vai casar-se logo.

— Depois de um ano inteiro de namoro, Aristides resolveu que devemos assumir a nossa união, indo morar juntos. Se quiser a verdade, ele é que tem insistido, porque, para mim, tudo ficaria do jeito que está, já que eu tenho a minha liberdade de levar os gêmeos para onde quiser e, com ele sob a minha responsabilidade, as viagens vão ficar na dependência de suas folgas, já que ele não pretende aposentar-se tão cedo.

— Ele já passou dos cinquenta...

— Cinquenta e quatro.

— Está na hora de aproveitar mais a vida. Em geral, os médicos sacrificam a mocidade e até a idade madura, para só se dedicarem ao lazer depois dos sessenta ou dos setenta.

— Aristides não vai parar tão cedo, principalmente agora que está iniciando o negócio dos planos de saúde para as pessoas da classe média assalariada. É um empreendimento de largo fôlego, já que os valores são baixos para os conveniados, mas altíssimos quanto aos tratamentos. Ele está contando com clientela bastante numerosa e com internações curtas. Em todo o caso, os colegas não estão acreditando que o projeto vá durar muito tempo, vaticinando que as parturientes irão deixar de pagar logo que ganharem os bebês, correndo para o serviço público gratuito em busca da assistência pediátrica.

— O que você acha?

— Eu acho que ele está fazendo, mais ou menos, o que os centros espíritas fazem para os necessitados, ou seja, dão assistência, buscando recursos no voluntariado dos homens e mulheres de boa vontade.

— O doutor é um filantropo.

— É e não é, porque está resguardado por cláusulas que obrigam ao cumprimento dos contratos, o que promete algumas lutas judiciais. Além do mais, há uma companhia de seguros dando cobertura para que a empresa não venha a quebrar por completo. Mas os prêmios são muito elevados.

— E se não der certo, Rosalinda, você estará ali para garantir que ele não abra falência...

— Se eu e minhas empresas não formos juntos...

— Deus há de ajudá-los. Mas eu a chamei para conversarmos a respeito de seu interesse em realizar exposições para o público em geral. Em primeiro lugar, gostaria de saber se isso não irá prejudicar as suas aulas às gestantes e mães solteiras.

— Penso que não, mesmo porque eu já divido essas aulas com outras três companheiras, comparecendo apenas uma vez por mês.

— Quantas vezes você deseja apresentar os seus temas?

— Semanal ou quinzenalmente, conforme a programação da casa e a recepção do público.

— Você já tem alguma experiência?

— Nenhuma.

— Mas se considera habilitada?!...

— Gostaria de expor alguns tópicos que julgo do interesse dos que estão começando suas leituras espíritas.

— Quanto aos temas, isso deverá ser tratado com o pessoal responsável pelas palestras.

— Quer dizer que, se eles aprovarem, eu posso desenvolver os tópicos da doutrina?

— Antes de encaminhá-la ao Departamento de Cursos e Exposições, precisamos levantar um ponto delicado, já que os que assumem esse posto perante os que se apresentam ao centro para aprender, assumem também a responsabilidade de representar o próprio centro espírita e seu corpo diretivo.

Rosalinda estava estranhando muito o tom formal que estava tomando o discurso de Juliana. Pôs-se na defensiva:

— Eu me comprometo a respeitar todos os princípios da casa, em especial os da moralidade superior contidos nas obras da codificação.

— Longe de mim, querida, querer ofendê-la, censurá-la ou magoá-la, mas é preciso que a gente esteja bem atenta para possíveis observações das pessoas a respeito de sua conduta na vida particular. Não que elas tenham qualquer coisa a ver com isso. Mas, como se trata de um público que está sendo atraído para o estudo da doutrina e para ler Kardec, com o fito de viver Jesus, é preciso evitar todo comentário depreciativo.

— Para dar as aulas às adolescentes grávidas, eu sirvo. Para tratar com pessoas adultas, fazem-se restrições?!...

— Sua experiência como mãe solteira e como mulher separada aproxima das alunas. Agora, os seus hábitos de mulher livre podem causar espécie entre os mais severos cultores da moralidade.

— Juliana, você está expondo um preconceito dos outros ou está manifestando um temor baseado em suas próprias prevenções? Não seria melhor deixar acontecer, para sabermos toda a extensão do problema?

— Rosalinda, querida, não me leve a mal. Mas fique sabendo que fui alertada para o fato por diversas pessoas com quem conversei, pessoas que a conhecem desde mocinha, até colegas de escola...

— Inveja e maldade. Mas não serão essas criaturas infelizes que me farão desistir de expor os princípios básicos da doutrina que espousei e que sigo rigorosamente. Quer dizer que, para elas, o passado me condena?!...

— Você vai manter essa atitude de desafio perante os confrades e confradeiras?

— Eu jamais poderia imaginar, por tudo quanto tenho feito para esta casa e para os assistidos, que iria ser repudiada como a adúltera que Jesus salvou da lapidação. Aliás, é bom que você saiba, para dizer às suas amigas, que eu nunca botei chifre na cabeça de homem algum.

— Ora, Rosalinda, sua filha nasceu de uma união com um homem casado.

— Não terá sido ele quem adornou a testa da esposa? Depois, eu era até menor de idade e poderia muito bem processá-lo. Ao contrário, Beatriz acabou significando a configuração social de laços matrimoniais já rompidos na intimidade do lar. Mais ainda: o nascimento da criança concedeu liberdade ao casal, que pôde formar, cada qual de seu lado, dois novos lares.

— Pode-se dizer que, quanto a Lauro, foram mais três ou quatro. É justamente esse o ponto nevrálgico da questão. Você defende com unhas e dentes a separação dos que acham que não estão mais apaixonados ou amando. Inclusive, nas obras que você vem publicando, a gente encontra mensagens de sua guia e protetora que aplaude essa iniciativa.

— Vocês estão com a ideia de proibir a leitura dos meus livros aqui no centro?

— Nós achamos que cada um pode ler em casa o que bem entender. No centro, evidentemente, as suas obras não merecerão ser estudadas, como de tantos autores espíritas de muito maior repercussão.

— Juliana, você me desculpe, mas estou entendendo que vocês ficariam aliviados se eu me retirasse desta casa...

— Não nos entenda nem nos queira mal. Não é isso. É a sua projeção que está implicada em fatos de sua vida particular. A sua mediunidade é boa e você tem demonstrado um coração aberto à caridade. Nós ficaríamos muito sentidos se você esbarrasse num repúdio declarado da parte do nosso público, da mesma forma que existem muitos comentários na imprensa a respeito de suas aventuras.

— Juliana, eu lhe agradeço muitíssimo essas suas palavras de advertência. Estou vendo que vocês estão agindo com prudência e senso comum. Parabéns. Quanto a mim, desde já, peço demissão de todos os encargos que vinha assumindo. Passe bem.

Rosalinda voltou as costas para a dirigente, que não fez nenhum movimento para retê-la. Naquela noite, como há tempos não acontecia, Aristides precisou enxugar-lhe as lágrimas do desgosto de ter sofrido a incompreensão dos companheiros. No fundo da consciência, acusava-se por toda uma vida de insucessos amorosos por causa de sua maneira aberta de encarar a sexualidade.

### 30. NILCE

Quando Rosalinda recebeu o convite para comparecer à clínica de terapia de vidas passadas da Doutora Nilce, convite que ocorreu em pleno jantar oferecido pelo marido ao transcurso de seu quadragésimo primeiro aniversário, ao qual compareceram muitos médicos e empresários, jurou que atenderia ao pedido dela apenas por curiosidade, porque não acreditava que aquele projeto daria certo. Foi a primeira coisa que ela lhe confessou:

— Nilce, eu vim para testemunhar, no entanto, se precisar de fé, não vou salvar-me, porque não acredito que, neste consultório eminentemente profissional, em que os terapeutas são remunerados, possa ocorrer uma sessão mediúnica para a qual sejam atraídos espíritos de boa evolução moral.

— Rosalinda, querida, eu só posso agradecer-lhe a imensa boa vontade de atender à minha solicitação. Se você veio, é que alguma coisa a atraiu, no mínimo a saudade de lidar com a espiritualidade superior, já que faz um ano que você deixou de frequentar as casas espíritas.

— Mas, três vezes por semana, religiosamente, com perdão de tão mau emprego da palavra, registro os ditados de Esmeralda e de alguns outros companheiros dela.

— Eu sabia que os espíritos de boa intelectualidade nunca agem sozinhos.

— *Nunca*, minha cara, é peremptório demais. Mas que eles preferem atuar em grupos, isso é sem dúvida nenhuma.

— Eu preciso adverti-la de que o principal não é dar vazão às comunicações oportunas de guias ou de entidades vinculadas ao paciente. O que nos interessa é curar os males físicos através de indícios de problemas cuja origem se situe em vida ou vidas anteriores.

— Quer dizer que, enquanto o cliente fica em estado letárgico ou semi-hipnotizado, o médium pode ou não entrar em transe, para escrever alguma mensagem de interesse direto para o tratamento?

— Você entendeu perfeitamente. O que objetivamos, minhas sócias e eu, é ativar o plano da espiritualidade para compartilhar conosco o trabalho de auxiliar o paciente a se livrar dos problemas que o afligem. Nós discutimos muito e entendemos que, de uma certa forma, quem evoca o passado de outras encarnações, está exercendo a mediunidade chamada anímica, porque a pessoa começa a intermediar o plano da consciência profunda, sem saber exatamente o que está fazendo, passando ao clínico as informações que ele vai concatenar, para evidenciar quais as causas remotas das crises ou dos traumas psicológicos atuais.

— Vocês já tentaram com outros médiuns?

— A bem da verdade, trouxemos quatro médiuns de incorporação, vamos dizer assim, médiuns que transmitiram mensagens por via oral...

— Psicofônicos...

— Exatamente. Eles, porém, mais confundiram a gente do que auxiliaram, porque interferiam no processo regressivo que estávamos executando. Por isso é que convidamos uma psicógrafa, porque irá trabalhar em silêncio.

— Vocês estão planejando que eu esteja na mesma sala, ouvindo o relato do paciente, ou preferem que me isole em outro cômodo?

— De preferência, se não houver nenhum problema de alcançar o transe mediúnico, gostaríamos que o médium ficasse na mesma sala, discretamente ouvindo as declarações, para concatenar as ideias que lhe forem sendo passadas, segundo um roteiro coerente com a história apresentada.

— Se estou bem entendendo, seu projeto é muito mais ambicioso do que mera experiência. Vocês estão querendo incorporar ao grupo mais essa figura, crendo que o auxílio espiritual possa ocorrer de maneira regular, tornando as entidades, mais ou menos, colaboradoras diretas do grupo dos encarnados.

— Veja bem. Do jeito que você está colocando, vai parecer que nós estamos acrescentando à equipe dois ou três espíritos do círculo de nossos guias ou protetores. Não se trata, em absoluto, disso, porque, então, sim, haveria um compromisso que o próprio Kardec condenou, ou seja, de evocar espíritos a tanto a hora. O que imaginamos é que, como cada pessoa possui pelo menos um anjo guardião ou alguém que vele por ela a partir da espiritualidade, ainda que seja rejeitada pelo encarnado, a essa entidade seria dado um

ensino valioso para expressar seus sentimentos ou sua orientação, em função das revelações que forem sendo feitas.

— A minha pergunta tem uma razão prática. Acontece que, para mim, esse trabalho irá constituir-se em simples experimento, porque não tenho como ficar à disposição de vocês tantas horas por dia.

— Nós sabemos disso. A razão de convidá-la é a seriedade de seu desempenho. Nós lemos os três livros de mensagens que você colocou na Internet e concluímos que se trata da mais pura manifestação da espiritualidade. Como não podemos recorrer ao saudoso Chico Xavier...

— Se vivo, ele teria mais de cento e vinte anos de idade...

— Temos de confiar, portanto, nos médiuns que conhecemos. Se der certo o que pretendemos, teremos base para trazer para o nosso grupo outros médiuns escreventes, terminando por compor um quadro de auxiliares prestimosos.

— Nilce, sabe que você conseguiu convencer-me? Acho que o seu projeto é bastante viável. Mas ainda tenho um conselho ou uma advertência a fazer.

— Seus conhecimentos da matéria só nos vão ajudar a melhorar a nossa *performance*. Diga tudo o que sente e pensa, por favor.

— Vocês estão preparadas para analisar as mensagens escritas e descobrir se existem nelas insinuações maldosas ou francamente prejudiciais ao paciente?

— Conversamos muito sobre isso. Caso o protetor do grupo não esclarecer, comentando o ditado falacioso, estaremos resguardadas dos efeitos perniciosos, já que não pretendemos fornecer os textos aos pacientes. Quanto a isto, pode ficar bem sossegada, uma vez que você não irá perturbar ainda mais a mente que estivermos tratando.

— Vamos marcar um horário para a próxima semana.

— No seu caso, você determina os melhores dia e hora, enquanto nós marcaremos com o cliente depois. Mais uma coisa: você vai precisar que nós preparemos papel, lápis etc.?

— Eu tenho, em casa, apanhado os ditados datilografando diretamente no computador. No centro, eu usava lápis ou caneta, indiferentemente.

— Vamos providenciar um computador e também papel, lápis e caneta. Na hora, você decide qual o melhor sistema.

— Nilce, querida, falta apenas a parte dos direitos autorais. Tudo quanto eu escrever aqui, gostaria de poder examinar e, se for o caso, publicar.

— Podemos fazer uma sociedade. Você entra com as mensagens e nós com os casos, desde que os clientes aceitem a divulgação de seus problemas íntimos.

— Tanto para os textos, como para os relatos, vai ser preciso que eles deem sua permissão por escrito, para não sermos processadas depois.

— Deus nos ampare, Rosalinda, porque estamos com a melhor das intenções, procurando realizar tudo de modo o mais honesto e moral possível. Você não acha?

— Deus sempre me amparou, querida, porém, às vezes, eu preciso refletir muito para encontrar o caminho utilizado por ele. Ultimamente, depois que me vi rejeitada no próprio centro espírita a que eu destinava o melhor de mim, tenho procurado separar o que provém dos seres humanos daquilo que significa a bênção do Pai. Acredite: não é fácil, porque existem os sorrateiros, os que fingem ser o que não são. Eu já cheguei a agradecer a Deus certas palavras traiçoeiras, sem atinar com a maldade delas. Só muito depois é que voltava a agradecer, não mais as palavras, mas o entendimento de que não visavam ao meu bem. Você está entendendo-me?

— Claro, querida. Foi por tiradas como essas que nós a escolhemos para nos auxiliar.

Marcaram para a semana seguinte e Rosalinda, após meditar bastante, chegou à conclusão de que todo aquele serviço nada mais era do que o convite indireto para voltar a emprestar sua mediunidade aos espíritos desejosos de comunicar-se.

### 31. ATANÁSIO

Atraído pela leitura fácil das obras editadas por Rosalinda, desejou Atanásio, membro importante da Federação Espírita do Estado, diretor do Departamento de Publicações, tratar com ela, para firmar, caso fosse do interesse de ambos e da doutrina, um compromisso de cessão de direitos autorais de algum livro, para as obras realizadas sob os auspícios da entidade.

Conversaram por telefone e marcaram um encontro nas dependências do prédio da Federação.

Ora, fazia um ano que Rosalinda vinha anotando as mensagens apanhadas por ocasião das sessões de regressão da Doutora Nilce, material que, reunido aos relatos dos episódios extraídos das vidas passadas de diversos pacientes, dava para excelente obra de divulgação do processo de cura de várias doenças psicossomáticas.

Quando Rosalinda comunicou à médica que iria à entrevista para acertar a publicação do trabalho, também definiu a necessidade de abrirem mão dos direitos autorais, em prol da difusão do trabalho que realizavam. Nilce aceitou a condição, entusiasmando-se mesmo com a possibilidade de divulgação de sua especialidade e do nome da clínica.

— Sente-se, por favor, Dona Rosalinda.

— Só Rosalinda, por favor. Obrigada.

— Eu gosto de ir diretamente ao assunto: estou querendo, como lhe adiantei pelo telefone, publicar uma obra sua. Entrei em contato com seu editor, Eduardo, e ele me falou a respeito da colaboração que lhe dá Dona Noêmia. A bem da verdade, tendo entrado em seu *site* na Internet, fiquei bem mais voltado a imprimir textos inteiramente psicografados, podendo até ser do mesmo estilo do espírito Esmeralda, sua protetora. Ocorre que, tendo a senhora realizado todo um trabalho junto à mídia, tendo esgotado várias edições e vendido para mais de seiscentos mil exemplares, se computarmos todas as obras, inclusive as da Internet, em pouco mais de quatro anos, está em condições de nos ceder o prestígio de seu nome, para que obtenhamos uma fonte de lucro para as obras que realizamos.

— Atanásio — posso chamá-lo assim?

— Por favor.

— Eu tenho destinado quase cem por cento de minha participação das vendas a diversas casas espíritas, porque tenho merecido forte assistência dos protetores espirituais, no sentido de obter muito sucesso nos empreendimentos industriais e comerciais.

Prossigui Rosalinda falando a respeito do trabalho pioneiro ao lado da Doutora Nilce, explicando minuciosamente como se dava o tratamento, com a ajuda dos infalíveis textos que vinha redigindo toda semana. Concluiu:

— Caso não haja pressa, poderemos burilar a obra, dando ênfase ao procedimento clínico, colocando a parte mediúnica como subsidiária para a ciência médica. Tenho para comigo que se trata de algo novo, com certeza de interesse dos espíritas e também dos psicanalistas, psicólogos e psiquiatras.

— Quais têm sido os resultados desse tratamento?

— Os melhores possíveis. Os pacientes se dizem curados e poucos voltam para cuidarem-se de outros males.

— Fiquemos assim: vocês dão um bom acabamento ao texto e me passam, para que eu o submeta à aprovação da diretoria.

— Conheço bem essa história. Antes de publicar, levei vários passa-fora de diversas editoras espíritas, inclusive aqui da Federação. Quando ficam sabendo que trabalho em casa, logo me acusam de animismo.

— Nós temos uma linha rígida de pensamento, ou seja, se as considerações doutrinárias não forem consentâneas com as diretrizes das obras de Kardec, preferimos não correr nenhum risco de sermos acusados de desleixo. Depois eu lhe mostro os livros que estão sendo examinados, para que você tenha uma noção da péssima qualidade da grande maioria. Os seus constituem uma verdadeira contribuição para a divulgação da doutrina, muito embora adotem o estilo das narrativas. Estou referindo-me aos impressos. Quanto aos virtuais, trazem o sinete da prudência e da reflexão moral mais pura. Era o ponto a que eu queria

chegar. Procede você a uma rigorosa seleção dos textos que psicografa ou tem aproveitado todos, ajustando-os aos cânones doutrinários?

— Atanásio, a sua questão visa a decifrar o mistério de minha mediunidade. Mas não vou regatear a verdade, fique tranquilo. Você já sabe que recebo a contribuição da Noêmia. Pelo que entendi, você está referindo-se às mensagens que estão na Internet...

— Isso mesmo.

— Pois tais textos passam por exaustiva avaliação gramatical. Contratei um professor que cuida dessa parte. Quanto ao conteúdo propriamente dito, pelo menos em relação aos três últimos livros, tenho recebido a colaboração de alguns amigos espíritas, para quem dou os textos a ler e que fazem os reparos devidos, no que concerne às assertivas doutrinárias. Uma só observação que coloque o texto sob suspeita já é motivo para eu desfazer-me dele, tantas são as comunicações que venho recebendo.

— Com que frequência você tem posto de lado os textos?

— A cada dez ou doze, um se perde.

— Não fica com remorso por desfazer-se da contribuição espiritual?

— Pelo que eu entendo, os espíritos recebem assistência dos grupos de socorristas que cuidam deles, em sendo menos evoluídos ou estando sob tratamento. Existem alguns que comparecem com o intuito de aprender a comunicar-se. Outros tentam expor poética ou melodramaticamente os sentimentos. Eu recebo a todos sem restrições, a não ser quanto à lisura das intenções e à pureza da linguagem. Por exemplo, palavras de baixo calão são repudiadas no mesmo instante em que me vêm à cabeça, já que mantenho conscientemente o controle do que vou escrevendo. Perco a noção de conjunto, mas me asseguro sempre de que as frases tenham sentido. Ao final, repasso o ditado, anulando as falhas mais grosseiras, aquelas que sou capaz de perceber. Depois, caso eu mesma não encontre motivos para me desfazer deles, dou-os à crítica dos amigos. Tenho a certeza de que os autores dos rejeitados merecem dos mentores explicações técnicas cujo alcance eu não conseguiria divisar.

— Parabéns, caríssima confreira. Eu não conseguiria jamais imaginar que você estivesse tão impregnada dos conceitos espíritas, a ponto de me esclarecer de maneira tão definitiva. Era o que eu desejava ouvir de todos os que me procuram trazendo composições para eu examinar. Vou ficar aguardando com alguma ansiedade, porque você me passou a certeza de que o trabalho é sério e absolutamente compatível com os princípios que adotamos aqui na Federação.

— Apenas mais uma coisa. Todos os nomes serão fictícios, para não ferirmos a intimidade de ninguém. Estou dizendo isso, porque nós vetaremos qualquer notícia, mesmo em notas de rodapé, que revele a identidade dos pacientes, como lemos em muitas obras de mensagens pessoais. O nosso interesse estará centrado no processo terapêutico e na contribuição da mediunidade para ele. De acordo?

— Inteiramente.

## 32. NATANAEL

Na quinta vez em que lhe foram solicitadas modificações na obra, Rosalinda resolveu ir conversar diretamente com o presidente da Federação Espírita. Ia indignada porque nenhuma das alterações pretendidas, realmente, tinham para ela um maior significado.

Atanásio, coitado, estava envergonhadíssimo, porque aprovara o texto sem pôr reparo nos defeitos apontados pelos colegas. Com os três primeiros concordara, muito embora, no fundo do coração, não julgasse que haveria necessidade de suprimir as expressões consideradas indignas, principalmente porque eram a legítima maneira de falar das personagens em litígio. Com o quarto analista, discutiu longamente, aceitando, afinal, que um dos casos fosse retirado, já que o paciente declarava que, em vida anterior, exercera cargo de ministro em determinado governo, sem referendar a assertiva com dados históricos convincentes. Quando o quinto examinador requereu os manuscritos dos textos psicografados, tendo sido informado de que Rosalinda trabalhara diretamente no computador, simplesmente julgou o procedimento irregular, já que não havia como analisar a caligrafia nem a ortografia original de cada manifestante, concluindo que se deveriam suprimir as partes mediúnicas. Diante do absurdo da solicitação, Atanásio nem se indispôs com o crítico, enviando a solicitação deste para Rosalinda, com um pedido de perdão pelo incômodo, chegando a sugerir-lhe que reintegrasse o texto, conforme o que lhe fora apresentado em primeiro lugar, buscando outra editora, de preferência leiga.

Natanael, o presidente, que encaminhava a correspondência com as solicitações dos analistas sem ler a obra, assustou-se com a impetuosidade da autora, que o surpreendeu em plena atividade profissional, em seu escritório, na firma de importação e exportação de que era sócio.

— Não sei se o senhor me conhece, mas deveria, porque me solicitou as alterações do meu livro contidas nos pareceres de seus diretores. Vim para que o senhor me responda francamente se a Federação deseja publicar a obra ou se pretende reescrevê-la a seu talante.

Ato contínuo, Rosalinda retirou da bolsa um volume encadernado com espiral e colocou-o com certa violência sobre a mesa do atônito chefe federativo, já desacostumado com atitudes menos polidas e cortesias. O velho senhor limitou-se a indicar uma poltrona, solicitando timidamente:

— Sente-se e acalme-se, por favor. Nós havemos de nos entender.

Sentou-se a autora sem abrir o bico, deixando ao interlocutor a iniciativa das declarações.

Passaram-se vários segundos em que o ruído dos veículos lá da rua se ouviam distintamente.

— A senhora aceitará uma chávena de chá ou uma xícara de café? Um copo d'água, talvez?

— Estou bem assim.

Natanael pegou o volume, descobrindo as cartas que enviara atrás da página de rosto. Disfarçou, pôs os óculos dependurados ao pescoço e demorou-se a ler as reivindicações contidas em cada correspondência, a ver se se lembrava das razões de cada examinador, aquelas que lhe haviam dito ao pé do ouvido e que não se registraram nas missivas. Dos três primeiros não se recordou, mas dos dois últimos foi capaz de ir às minúcias.

— Quero crer, minha querida confreira, que a senhora não esteja satisfeita com os pedidos que lhe fizemos.

Rosalinda percebeu que ele desejava um diálogo em que pudesse orientar-se pelas palavras dela. Então, calou-se, sem acrescentar mais nada ao que havia dito.

— Pois bem, prosseguiu Natanael, eu acho que Atanásio apadrinhou o seu texto, mesmo antes de recebê-lo de suas mãos. Achou que se comprometera com a senhora, mas reservou-se o direito de atender às solicitações dos colegas, tanto que não veio discutir comigo as exigências que lhe foram feitas.

Rosalinda ficou com vontade de responder que Atanásio desejava uma obra que desse aos federados condições de realizar as tarefas concernentes à assistência social. Considerando, porém, que tal observação desviaria os interlocutores do centro da discussão, resolveu engolir os pensamentos, amargando os sentimentos da frustração.

— Percebo que a senhora está zangada e com razão, porque as modificações que lhe foram solicitadas descaracterizam o objetivo inicial da obra. A bem da verdade, devo-lhe explicar que não li o livro.

Aí Rosalinda não se aguentou:

— Não leu e não gostou, como diria o escritor Oswald de Andrade.

Natanael o que mais queria era um gancho, aproveitando-se daquele:

— A senhora deve compreender que as funções que exerce o presidente de Federação Espírita de caráter estadual não lhe permitem ler os textos que lhe são enviados, cerca de dez ou mais semanalmente, a maioria dos quais de sofrível confecção. Atanásio deve ter-lhe falado a respeito.

— Falou e mostrou. Deveras, muitos dentre os que compulsei eram meras compilações de Kardec ou de Chico Xavier, mal alinhavadas e pretensivas. Se o senhor tivesse lido o texto que tem em mãos, saberia que se trata de um trabalho de cunho científico e muitíssimo sério. Atanásio não lhe falou a respeito?

— Ele atribuiu nota dez ao livro, conforme já lhe expus, com certeza movido pelo entusiasmo dos sucessos alcançados pela senhora nas obras de ficção.

— Não é o que me consta. O que ele me afirmou é que desejava um livro de mensagens psicografadas do tipo das que publiquei através da Internet.

— Lembro-me de que ele me falou algo a respeito. São três ou quatro obras, pois não?

— Já são seis.

— Mas não se encontram em *sites* de nenhuma entidade espírita...

— Vejo que sua memória é extraordinária.

— Por favor, vamos deixar as sutilezas da ironia fora de nossa conversa. Quero pedir-lhe desculpas pela preocupação e pela perda de tempo que involuntariamente lhe causamos, mas devo dizer-lhe que, sem as modificações pleiteadas, a Federação não irá subscrever esta obra.

Natanael levantou-se, indicando que não desejava prosseguir a conversa.

Rosalinda ainda tentou exprimir seu desagrado:

— Eu estava crente de que a Federação só teria a ganhar com a divulgação de um trabalho tão intimamente ligado ao Espiritismo. Vejo que me enganei.

— A senhora sempre será bem-vinda. Traga outro texto de pura psicografia, cujos autores possam ser reconhecidos por meio de seus estilos inconfundíveis, que nós iremos examinar com todo o cuidado, dizendo desde logo se vamos publicá-lo ou não. Isso eu lhe prometo.

Não houve como não apertar a mão que Natanael lhe estendia.

No caminho de casa, não se conteve e ligou para Nilce, precisando ouvir-lhe uma censura:

— Eu não lhe disse para ligar o desconfiômetro? Quando se trata de livros, a Federação e demais entidades espíritas dão preferência a autores consagrados pelos críticos amigos do movimento ou pelos que fazem parte da instituição: diretores, frequentadores e demais cupinchas da panelinha. Quem se arvora certa liberdade de ação, ainda que se submeta a um procedimento rigorosamente fundamentado na ciência acadêmica, precisa arcar com os ônus de uma produção de caráter independente.

— Não faz mal, Nilce querida. Este trabalho vai estar nas prateleiras das livrarias de todo o Brasil dentro de, no máximo, dois meses, mesmo que eu tenha de pagar pela impressão e pela distribuição.

Não precisou. Um mês e meio depois, sem que Noêmia tivesse contribuído para o texto, Eduardo festejava uma noite de autógrafos concorridíssima, prometendo esgotar-se a primeira edição de quinze mil exemplares em um mês.

Quinze dias depois, estavam as impressoras da tipografia ultimando outros trinta mil exemplares, a toque de caixa.

### 33. NEIDE

Desde que conversara com Natanael, Rosalinda, nas preces que realizava antes de começar os trabalhos mediúnicos, adquiriu o hábito de rogar que comparecesse algum espírito cujo nome fosse respeitado, algum gênio da literatura ou da ciência, alguém que pudesse oferecer comprovação de identidade pela forma de expressar-se. Fazia-o não mais movida pela curiosidade, mas impelida pelo desejo insatisfeito de poder levar à Federação Espírita um calhamaço de mensagens autênticas e insofismáveis.

Durante o transe, não se cansava Esmeralda de adverti-la quanto à necessidade de aceitar a colaboração de entidades sem muito brilho intelectual, porque, afiançava-lhe a protetora, as obras-primas iriam exigir dela cabedal muito maior de conhecimentos, ao mesmo tempo em que lhe abria à lembrança as observações que lera em Kardec a respeito do instrumento como meio de consecução mais perfeita da virtuosidade.

Respondia mentalmente a médium que muitas das obras apanhadas por Chico Xavier eram de superior quilate redacional, sem que o portentoso médium tivesse tido esmerada educação escolar. Recordava-se, então, de que o humilde mineiro possuía a faculdade de escrever mecanicamente, deixando que o comunicador assumisse o comando da escrita.

Esses debates íntimos cresceram durante um ano inteiro, até que surgiu, na fímbria do desenvolvimento de uma das intuições, a ideia de que muitos dos espíritos cujas mensagens ela transcrevera morreram analfabetos, precisando, portanto, de suas habilidades linguísticas e escolares, para deixarem uma composição escrita.

Finalmente, cansada de assinalar nomes inócuos, Paulos, Marias e Joões sem vínculos com a realidade histórica do planeta, começou Rosalinda a duvidar da intermediação, como se sua mediunidade mais não fosse do que um processo mental comandado pela própria inteligência, fenômeno de animismo, sem mais nem menos, acabando por considerar até Esmeralda como o nome que seu inconsciente escolheu para identificar as mensagens provindas das profundezas do *ego*.

Foram escasseando as oportunidades em que se dispunha a escrever. Certa noite, porém, em que se viu sozinha em casa, tendo Aristides levado os gêmeos para se aborrecerem num congresso médico, sentiu forte comichão mental para registrar a comunicação de um espírito cuja presença ao seu lado começava a perturbá-la.

Orou como sempre e, de lápis em punho, esquecido o computador para possibilitar ao mensageiro a oportunidade de grafar o texto com sua própria letra, se pôs à disposição dos guias, para que trouxessem a tal personalidade, ansiando para ser atendida em seu pedido mais veemente.

Quando começou a escrever, brotou-lhe na consciência o nome de Neide, a falecida esposa de Aristides. Concentrou-se Rosalinda no trabalho, na expectativa de ser informada de uma série de acontecimentos que lhe fossem desconhecidos.

Após escrever meia hora, não percebendo nenhum fato concreto de que não estivesse ciente, a médium suspendeu o trabalho, travando um diálogo íntimo com a mensageira.

— Se você é, de veras, a esposa anterior de meu marido, por que não estabelece diretriz de pensamentos que ele possa reconhecer como sua, ao invés de ficar desenvolvendo o tema da amizade perpétua que criam os seres que um dia se apaixonaram e se separaram, sem que para isso tivesse contribuído uma rusga, uma desavença ou uma briga efetiva?

— Você está propondo-me um problema para cuja resolução não tenho resposta. Para aqui fui trazida com o fito de desenvolver tema absolutamente consentâneo com minha capacidade intelectual e moral. Pediram-me que declinasse meu nome e que registrasse quem sou, com o objetivo, conforme Esmeralda está esclarecendo-me, de oferecer-lhe a segurança de estar tratando com um elemento reconciliado com a existência, após vários anos de insubordinação aos ditames das leis de Deus.

— No entanto, minha cara, pelo que me disseram a seu respeito, em vida, você não teria condições de expressar-se de maneira tão clara, precisa e, mesmo, elegante. Aristides me garantiu que você era muito inteligente, tanto que Jurandir a lembra pelas tiradas oportunas, tendo eu mesma surpreendido o pai a enxugar lágrimas emocionadas, que atribuí à saudade que sentia de você. Contudo, quanto ao cabedal de

conhecimentos, você estava restrita ao que aprendeu no curso de segundo grau, não sendo dada a grandes leituras.

— Estou extraindo de seu repertório os termos de que necessito para expressar-me, ainda mais porque estamos apenas conversando e eu devo mostrar-me à altura de seu magnífico acervo léxico.

— Então, é como se eu estivesse conversando comigo mesma, perguntando e respondendo. Você não está adiantando-me um passo na senda de minha evolução.

— Ao contrário, estou dando-lhe a oportunidade de fugir ao ramerrão das mensagens comuns. É pena que se tenha recusado a escrever este debate, através de cuja transcrição, mais tarde, você e seus companheiros espíritas poderiam avaliar o grau de adiantamento que possui.

— Você acha que isso iria bastar-me? Todos os meus escritos têm esse mesmo destino, qual seja, o de atilada pesquisa de intenções e de fundamentações doutrinárias.

— Eis o ponto a que eu estava visando, segundo a orientação que recebi do grupo interessado em despertá-la novamente para a importância de seu trabalho, exatamente como vinha sendo feito. Se você está atribuindo a si mesma as inúmeras composições que escreveu, como irá explicar todo o interesse que vêm despertando os trabalhos publicados, no seio do movimento espírita e até fora dele? Será que os textos que acompanham os relatos médicos dos pacientes da Doutora Nilce foram todos inventados pelo seu inconsciente? É muito fácil argumentar depois que se organizou o trabalho, porque a mente se habituou com as razões levantadas e com os raciocínios expendidos. Agora que terminei de dizer o que disse, você bem poderá afirmar ser capaz de construir silogisticamente os mesmos pensamentos. Está claro? Antes, porém, de se dispor a atender à solicitação que intuía, não tinha a menor ideia do que lhe iria ser dito, sendo incapaz, consequentemente, de pressupor os rumos que seriam dados à nossa manifestação.

— Por favor, trata-se mesmo do espírito da Neide, ex-mulher de meu marido?

— Que importância tem um nome quando o tema de que estamos tratando apresenta grande importância em si mesmo? Se não soubessem o nome do descobridor da penicilina, os encarnados deixariam de utilizá-la para seu benefício? Não insista nesse ponto, porque você irá envergonhar-se por haver duvidado de suas próprias intuições. Volte a cooperar com os espíritos saudáveis que a equipe de Esmeralda lhe tem trazido. Que Deus nos abençoe a todos!

Rosalinda ainda perguntou, mais como um ato reflexo do que por empenho no que dizia:

— Se eu quiser redigir este diálogo, você me ajudaria a memorá-lo?

— Dependendo de sua vontade, sempre estará presente um companheiro que lhe dará condições de remontar o inteiro teor do que conversamos, talvez através de palavras mais expressivas do que as que se utilizaram. Com certeza, todavia, se você persistir desconfiando, o resultado sempre haverá de parecer-lhe bem mais pálido do que a vívida impressão que lhe causamos.

Rosalinda demorou mais de duas horas para refazer a discussão, desistindo, por fim, por julgar que o cerne da comunicação lhe impregnara a mente, parecendo-lhe que a pretensão de evidenciar o contato primoroso que mantivera com uma entidade de escol não passava de vão orgulho e ufana vaidade.

Reteve para si mesma a clara demonstração de afeto e amizade que recebera de um ser do círculo existencial do marido e passou a oferecer suas melhores prendas mentais aos amigos da espiritualidade que passaram a procurá-la. A partir daí, foi crescendo o nível evolutivo dos mensageiros, até que compareceu um escritor que, sem declinar o nome, começou a escrever um romance por seu intermédio.

### 34. DAVI

Meditava Rosalinda sobre os sucessos daquele ano em que falecera Rodolfo. Via-se apaniguada pela felicidade de ter os filhos e netos afastados dos vícios, gozando de perfeita saúde, ela mesma assistida pelo marido. Não compreendia como é que o pai se deixara empolgar por um câncer insidioso que lhe carcomera a coluna, quando até a substituição das vértebras era tão comum.

Sopesava os momentos de dor e de paz espiritual, sendo capaz de amenizar, segundo seus cálculos, em noventa por cento o efeito traumatizante da morte do progenitor. Ao mesmo tempo em que refletia a respeito, elevava agradecida prece aos mentores e demais amigos da espiritualidade, por lhe propiciarem total segurança na concepção de que a vida prosseguia em outra esfera, segundo novo padrão vibratório, mas dando continuidade aos sentimentos que são transportados para lá, de acordo com as obras.

Estava absorta em tais reflexões, quando deu de si, tendo diante dela um homem encorpado, bem vestido, de tez achocolatada, o qual, com voz mansa, lhe disse:

— Dona Rosalinda, não se assuste com minha presença no recesso de sua firma. Assim que eu lhe explicar a que vim, a senhora haverá de ficar tranqüila. Penso que me reconheceu...

Retirou ele os óculos escuros, dando a ver um par de olhos azuis escuros, translúcidos, com que a fixava, cenho franzido, intimando uma resposta.

Rosalinda gostaria de não estar certa quanto a ter visto aquela figura nas reportagens policiais. Mas não podia mentir:

— Estou perante o chefe do tráfico de drogas da região?

— Meu nome é Davi. Sou o subchefe.

Fizeram-se uns instantes de silêncio, enquanto, sem cerimônia, o recém-chegado, indicando uma cadeira à médium, se acomodou na poltrona atrás da escrivaninha, assegurando-se rapidamente de que não havia outra entrada além daquela por onde passara.

Rosalinda admirava-se com a postura atlética e gestos corteses do rapaz, calculando uma idade entre vinte e oito a trinta e dois anos. O que mais lhe chamou a atenção foi a pele do rosto, absolutamente lisa, como se recebesse o tratamento dos melhores cosméticos. A cor dos olhos lhe pareceu artificial, produzida por lentes de contato. Mas precisou concentrar-se no que poderia ter atraído aquele marginal, estranhando que não se perturbara com a surpresa nem com a atitude impositiva que adotara.

— Não possui a senhora nenhum aparelho de escuta nem acionou o alarme, pois não?

— Não guardamos valores aqui. Os negócios, como o senhor sabe, são todos realizados de conta para conta...

— Não vamos perder tempo, por favor.

A tonalidade incisiva contrastava com os termos da polidez.

Davi continuou:

— Não vim por iniciativa própria. Meu chefe é quem determinou que viesse fazer-lhes algumas perguntas. Gostaria que respondesse do modo mais prático possível.

Rosalinda assentiu com um gesto.

— A senhora teve a honra de ter alguns livros lidos por ele. Contudo, não ficou muito claro se o que a senhora chama de mediunidade é um processo involuntário, que a põe em transe, ou se a senhora finge que conversa com os espíritos.

— Eu não finjo. Eu escrevo o que me vem na cabeça, sem ter pensado no assunto previamente.

— Tudo bem. Existe alguma comunicação pendente, ou seja, que esteja esperando que a senhora a escreva?

— O senhor quer saber se sou eu quem determino a hora de escrever?

— Eu quero saber se a senhora é capaz de invocar um determinado espírito, para fazer-lhe algumas perguntas, tendo certeza de que as respostas sejam verdadeiras.

— Sempre que invoco um espírito pelo nome, obtenho uma resposta. No entanto, nem sempre ela é dada por aquela entidade, mas por algum guia ou protetor interessado em não me deixar na mão.

— Se eu lhe der um nome agora, a senhora é capaz de entrar em transe, para eu poder conversar com ele?

— Eu sou médium escrevente e não estou acostumada a empregar a linguagem oral.

— Não tem importância a maneira de comunicar-se. Vamos tentar?

— Podemos tentar, mas é preciso que eu lhe diga que meus protetores não trabalham dessa maneira. Quando invoco algum espírito em especial, eu o faço depois de ter a certeza de estar sob a guarda deles. Caso eu me atreva a ficar exigindo a presença dos espíritos, podem comparecer entidades menos sérias, capazes de vir brincar com a nossa arrogância. Posso ser ainda mais positiva?

— Por favor.

— Suponho que o senhor esteja acostumado a mandar e a desmandar. A sua vontade deve ser lei entre os seus subordinados. Exatamente como atendeu a seu chefe, deve esperar que as pessoas façam tudo o que o senhor lhes determinar. Com os espíritos de quaisquer categorias, essa condição não existe. Pode ocorrer, entre eles, que os mais adiantados arrebanhem os mais atrasados, para beneficiá-los com certas providências de caráter altruísta. Essa coerção é feita com amor e consideração, resguardando-se os inferiores ao direito de não compreenderem toda a extensão da boa vontade dos outros, o que vai fazer que muitos se furtem à influência positiva dos mais evoluídos. É como os alunos que fogem da escola. Gostaria de saber se estou sendo clara.

— Estou entendendo que a senhora vai recusar-se a atender ao meu pedido.

— De forma alguma. Vou atendê-lo no que o senhor está pedindo-me e mais ainda, porque estou pondo-o a par de tópicos importantes da doutrina espírita.

— O nome do espírito é Antenor. Queira concentrar-se nele. Quando ele chegar, avise-me.

Rosalinda estava antevendo o instante em que seria eliminada pela fúria do homem que iria ser desafiado pelas potências etéreas. Mas fechou os olhos, começando a realizar uma prece de evocação em voz alta. No entanto, Davi recomendou-lhe:

— Eu pedi que se concentrasse. Não precisa dizer nada. Basta elevar o pensamento com o propósito aludido.

A médium percebeu que não valia a pena tentar envolvê-lo no trabalho mediúnico. Com certeza, seus amigos do etéreo estavam criando uma bolha de vibração favorável ao contato mediúnico, consoante sua fé em estar constantemente sob proteção. Imaginou o atropelo que deveria estar ocorrendo na erraticidade ao redor, porque não seria possível que o bandido estivesse cercado por entidades benignas, e rogou que as respostas às questões que seriam propostas fossem coerentes com o alto espírito de solidariedade que eles sempre lhe demonstraram.

Estranhamente, apesar de toda a tensão do momento, Rosalinda sentiu profunda sonolência, perdendo a noção das coisas. Sentiu que se faziam perguntas e que se davam respostas. Houve demorado lapso de tempo em que se fez silêncio, estando sua mão a trabalhar. Poderia ter aberto os olhos, mas não o fez, crente de que o melhor seria permanecer em transe.

De repente, sentiu que lhe agitavam o braço. Era Davi que a acordava, dizendo:

— Vou levar o que a senhora escreveu para o meu chefe. Vou dizer a ele que acredito em sua mediunidade. Isso vai ser bom também para os seus negócios e para a sua família.

Surpreendentemente, Davi fez questão de cumprimentar a médium, levando-lhe a mão a oscular.

Permanecia ela ainda zozna, quando tocou o telefone. Era a secretária querendo saber se ela estava bem e se deveria ligar para a polícia.

— Pode entrar, querida. Vamos esclarecer umas coisas.

Demorou para a funcionária entender, considerando que estivera sob a ameaça das submetralhadoras dos guarda-costas, que Rosalinda estava confiante na ascendência moral exercida pelos mentores espirituais e que a atuação deles poderia ter um efeito mais abrangente do que se a polícia estendesse um cordão de isolamento em torno da empresa.

Naquela noite, foi difícil de convencer o marido de que ela não estaria mais correndo perigo. Aristides queria afastá-la até do país, imaginando uma temporada na Europa. Rosalinda, impressionada por haver trabalhado de forma quase inconsciente, mesmo porque não tinha noção do que se perguntara e escrevera, começou a imaginar-se de novo e repetidamente na mesma situação, afastando o traficante da cena, evidentemente.

## 35. ADÉLCIO

Duas semanas após completar quarenta e seis anos, Rosalinda viu a mãe desencarnar. Rosaura morreu em consequência de um tumor no colo do útero, cuja extração se deu tardiamente, quando já todos os tecidos adjacentes estavam comprometidos.

Tendo submetido a mãe a diversos tratamentos de caráter espiritual, Rosalinda deixou-se intrigar pelo fato de tal recurso não ter alcançado sucesso. Inquirida a respeito, previamente, Esmeralda pareceu-lhe dar certa esperança, afirmando:

“Embora a ciência esteja de mão dada há bastante tempo com formas alternativas de cura, ainda não compreende como se conduzem os assessores da espiritualidade para proceder à intervenção no plano da realidade material. Se eu lhe dissesse ser fatal a doença de sua progenitora, estaria incidindo no pior de todos os defeitos da criatura: a falta de confiança ou de fé. Jesus não disse que a fé é que havia curado várias das pessoas atendidas por ele e que a fé remove montanhas? Através deste princípio, qualquer ser humano lúcido deve entender que a vida se amplia após a morte, não representando esta senão uma passagem do plano material para o espiritual.”

No velório, Rosalinda puxou para um canto o facultativo que havia operado a mãe, indicado por Aristides, por insistência dela, em virtude de ser espírita e aplicar também métodos não convencionais de tratamento.

— Doutor Adélcio, veja se entendi direito. Minha mãe não conseguiu a cura porque o câncer demorou para ser diagnosticado. É isso?

— Kardec interrogou os espíritos a respeito da trajetória de um projétil, recebendo por resposta que a atuação dos guias pode dar-se antes de o tiro ser disparado, provocando um resguardo para a possível vítima. Uma vez disparada a bala, vai seguir as leis naturais e atingir o que estiver em seu caminho. No caso de Dona Rosaura, o câncer se havia espreado. Mas você deve levar em conta que as reações orgânicas variam de pessoa para pessoa.

— O senhor está me dizendo que o tumor pode aparecer e desenvolver-se, em certas pessoas, de um dia para o outro?

— É o que tenho constatado. Contudo, sempre que é descoberto em seu início, pode ser curado, já que, além da especificidade do tratamento, também se recomendam aos pacientes diversas alterações nos hábitos de vida, quer quanto à alimentação, quer quanto aos exercícios, sendo muito importante acabar com os vícios do fumo, do álcool e de tudo o mais que represente um exagero de elementos estranhos sendo incorporados no organismo.

— O senhor está falando em tese, porque minha mãe não fumava, nem bebia, nem abusava da comida, caminhava vários quilômetros todo dia e mantinha-se atenta quanto a providenciar todos os exames indicados pelo médico da família a cada seis meses.

— Estou a par de seu quadro clínico.

— Então?!...

— Então, faleceu aos setenta e três anos. Você deve agradecer a Deus que ela teve uma vida feliz, com filhos formados e trabalhadores...

— Por favor, Doutor Adélcio, poupe-me desse discurso. Esse tipo de consolação eu mesma aplico nos velórios a que tenho comparecido cada vez com maior assiduidade. Fale-me a respeito do insucesso do tratamento espiritual.

— Você tem muito melhor condição de ensinar a mim do que o contrário.

— Quero saber do senhor quais as várias teorias em voga entre os médicos para explicação de como se dá a intervenção dos espíritos no plano material.

— Falo por mim. Eu acho que uma explicação científica jamais será dada, segundo os princípios da observação, da experimentação e da comprovação, uma vez que a esfera de atuação dos espíritos se situa em um campo de vibração ou de energia a que os encarnados não têm, materialmente, acesso. Nós sabemos de concreto que existe a auto-sugestão e que as pessoas que se enchem de fé desencadeiam reações biofísicas e bioquímicas capazes de alterar o panorama geral de sua saúde. Com certeza — os estudos comprovam —,

vários elementos se criam ou se transformam, atuando sobre os cancros ou prevenindo a infestação virótica dos tecidos.

— Não me leve a mal, mas devo concluir que minha mãe, neste aspecto, não manifestou um nível de fé compatível com sua exigência de cura. No entanto, era uma criatura dada à religião, não faltando à missa, orando nos cultos da noite, visitando e animando pessoas doentes. Pelo que o senhor disse, o corpo dela não se deixou afetar pelos estímulos da auto-sugestão.

— Você está me deixando sem jeito.

— Ninguém está nos ouvindo. Eu não levantaria esses problemas para os meus auditórios. Ao contrário, estou sendo tão incisiva porque estou pretendendo organizar uma palestra sobre o tema, do ponto de vista espírita, naturalmente.

— Peça ajuda ao Aristides.

— Aquele coitado não tem tempo para nada. Mal passou por aqui, deu os pêsames aos meus parentes e desembestou atrás de resolver certos problemas legais levantados por advogados inescrupulosos, quanto a questões de atendimento através do seu plano de saúde.

— Tais planos, desde que foram criados há mais de sessenta anos, só têm gerado atritos de interesses, quase sempre por ganância dos meus colegas ou por oportunismo dos clientes. Nessa eu não entrei...

— Só mais uma pergunta, por favor.

— Baixe a bola, para que eu possa chutar.

— Por que o senhor diz que estava na hora de minha mãe morrer? Significa que estava escrito no seu código genético?

— Médicos materialistas se restringiriam a dizer que sim. Eu vou acrescentar algo mais. Abrindo o jogo, sem as cerimônias da circunstância de estarmos num velório, você deve levar em conta que seu pai faleceu há pouco mais de um ano e meio. Apesar de sua mãe ter do que se queixar do velho (sua irmã está aí para comprovar o que estou dizendo), ela se sentiu sozinha, desamparada, em sua realidade de vida. Antes que você cite toda a vida familiar e social que lhe restou, devo insistir no ponto do significado do apoio do cônjuge, mui especialmente quando a mulher dependia dele para tudo, não tendo de ganhar seu sustento nem de cuidar da casa. Se sua mãe tivesse tido um ou mais amantes, fosse uma mulher dada a cultivar o espírito, estudando uma ciência qualquer...

— Já entendi, doutor. Rosaura morreu de saudade... Mas não posso admitir que a salvação das esposas que perdem os maridos seja a infidelidade.

— Rosalinda, querida, dê um forte abraço em Aristides e diga a ele que eu gostaria de vê-lo mais vezes de calção lá no clube. Ele vai entender o recado. Quanto à doença de sua mãe, os espíritos haverão de cuidar para que não se instale no perispírito.

Rosalinda mais tarde iria perguntar-se se estendera ou não a mão para despedir-se de Adécio, tão entretida ficou com a possibilidade de contaminação do corpo por uma moléstia do perispírito e vice-versa.

### 36. HARMONIA

Desde que falecera a mãe, Rosalinda procurou entrar em contato com ela, oferecendo sua pena inúmeras vezes para que se comunicasse. Vãs tentativas, sempre respeitadas, contudo, pelas informações que lhe eram passadas por um espírito que assinava Harmonia.

Exatamente um ano após o passamento de Rosaura, sob o pretexto de homenageá-la, Rosalinda insistiu, fazendo questão de escrever uma série de perguntas, com a ideia de preparar o momento mediúnico tão esperado.

Deixou o questionário pronto na tela do computador, realizou as orações com que se desligava das preocupações da vida material e pôs-se à disposição dos guias para a recepção das respostas. De fato, uma a uma, foram todas respondidas, conforme o roteiro estabelecido.

Pergunta: Seria possível trazer o espírito de minha mãe para conversar comigo?

Resposta: Seria possível trazer algumas das respostas que ela daria.

P.: Em caso afirmativo, seria demais pedir-lhe que comprove a identidade?

R.: Por mais específicas que sejam as informações, sempre existe a possibilidade de outros espíritos terem conhecimento dos fatos que apenas você e ela vivenciaram. Não se esqueça de que tudo o que acontece no mundo material pode ser testemunhado a partir da realidade espiritual. Sendo assim, não haveria como você comprovar a identidade do mensageiro, principalmente quando não se trata de um ser muito especial, mas de uma dona de casa de nível de aspiração bastante comum.

P.: Em caso negativo, poderiam explicar-me o porquê desse fato?

R.: Quem está a responder-lhe é Harmonia. Não tenho nada a acrescentar à informação de que Rosaura continua sob cuidados especializados de uma equipe médica. O que você deseja saber, na realidade, é a razão de não serem conectadas mente a mente, desconfiada de que suas ondas não sejam capazes de harmonizarem-se, sendo incompatíveis, portanto. Isto está ocorrendo, mas não é definitivo. Você precisa aceitar o fato de que sua mãe vive ainda mentalmente a fantasia de que a morte dos que recebem a extrema-unção os livra do inferno, amenizando os sofrimentos purgatoriais. Ela se julga hospitalizada no orbe.

P.: Mamãe, você levou de mim a recordação de algum sofrimento que eu lhe tenha causado?

R.: Os sentimentos dela se embaralham ainda, contudo, eu posso afiançar-lhe que as más impressões de sua juventude foram sublimadas em vida, quando percebeu que a filha soube superar os problemas sentimentais, trabalhando com afinco para constituir as empresas e para projetar o nome no seio da comunidade espírita. Pergunte a Beatriz se não é verdade que ela andou lendo algumas de suas publicações.

P.: Qual foi a sensação quando você descobriu que Rodolfo a traía?

R.: Esta questão nem ela mesma poderia responder-lhe, porque envolve outras personalidades e os espíritos que buscam agir sob os auspícios da moralidade inspirada nas lições de Jesus evitam julgar, para não serem julgados.

P.: Qual é o seu relacionamento atual com meu pai?

R.: Seu pai acompanhou o desenlace da vida da esposa, autorizado pelos anjos guardiães de ambos. Entretanto, teve as emoções constrangidas para não prejudicar o ambiente de paz que se formou através da influência dos guias a quem toda a parentela rogou. Rosaura, além de antigas inimizades causadas por sentimentos mútuos de inveja e ciúme, não sofreu assédios que não pudessem ser anulados pela força dos benfeitores.

P.: Você é capaz de perceber se o mal que a levou de nós estava entranhado no perispírito ou fora simplesmente orgânico, corpóreo?

R.: Ela tem delírios em que se vê libertando-se de presilhas antigas. Sente-se, porém, tolhida por alguns males que não conseguiu eliminar na carne. Para isto, precisaria direcionar a inteligência para a compreensão de como se dá a lei de causa e efeito. Tinha em vida a intuição de que deveria purificar-se, tendo orado e trabalhado para isso. Como não adquiriu, todavia, o conhecimento consciente dos ditames das diversas leis de Deus, conforme descritas em *O Livro dos Espíritos*, vai ficar imersa em si mesma até compreender que apenas requerer o perdão das faltas e exercer o altruísmo com o interesse da satisfação

pessoal, sem completa doação aos necessitados, bastam para merecer a ajuda dos socorristas, mas não constituem salvo-conduto para atuar livremente em busca da bem-aventurança.

P.: Quando nós oramos por você, a bênção de Deus se faz sentir?

R.: Sempre existe um alívio provocado pela sinceridade das preces. Esta questão visa a descobrir se Rosaura está bem. Sendo assim, está prejudicada pelas respostas anteriores.

P.: Existe subjacente em seu espírito algum sentimento de culpa por falhas na educação dos filhos?

R.: Quem está arguindo a consciência alheia mais não faz do que submeter a própria a um exame correspondente ao interesse no outro. Vamos deixá-la a ver navios. Você já se perguntou como é que vem educando seus filhos?

P.: Há alguma revelação que deseje fazer?

R.: Com certeza, Rosaura, assim que despertar, irá perceber quais os problemas que ficaram pendentes em relação a todos os seres de seu relacionamento. Nesse momento, começará a envidar esforços para desfazer todos os pontos negros, a partir do aperfeiçoamento de sua própria condição espiritual. Como todos os seres, ela também necessita dar tempo ao tempo. O que você deveria ter perguntado é em que esfera as revelações serão feitas. Aí, eu lhe responderia que as revelações são íntimas, porque não adianta que sejam feitas se a pessoa que as recebe não evoluiu o suficiente para entender.

P.: Para finalizar, você seria capaz de dizer por que fiz questão de redigir previamente as perguntas?

R.: Você, minha cara, quis evitar uma discussão que a levaria a desconcentrar-se no apanhado mediúnic. Desejou também obter um texto passível de ser trabalhado e oferecido a seus leitores. Entretanto, muitas intuições que esclareceriam outras dúvidas vão ter de ficar registradas apenas em sua mente, uma vez que a linguagem escrita é extremamente mais pobre que a captada diretamente pelo cérebro. Fique com Deus! Harmonia.

Quando Rosalinda estudou as respostas, não ficou satisfeita. Mesmo assim, levou-as à consideração dos colegas expositores, onde foram debatidas, havendo quem se admirasse da precisão das ideias e quem julgasse que todas as considerações deveriam ser aprofundadas.

Depois de tudo, concluiu que Rosaura havia progredido em sua encarnação, passando Rosalinda a preocupar-se mais com o lema espírita e cristão do *vigiar e orar*.

### 37. LEANDRO

- Mãe, eu preciso pedir uma coisa. Eu não quero mais ir visitar meu pai.
- Que aconteceu?
- Ele fez uma coisa que não devia e eu não quero ir mais lá.
- Então, a coisa é grave. O seu irmão não me disse nada.
- A gente não vai junto. Na minha semana, eu não vou mais.
- Santo Deus! Que é que o Olegário aprontou?
- Eu não devia falar, mas, se ele fez o mesmo com o Leo, é bom você ficar sabendo.
- Desembucha logo.

— A última vez que estive lá, ele me perguntou se eu sabia o que era o *bar mitzvah* dos judeus. Eu disse que sabia, porque já fui a várias cerimônias, convidado pelos colegas. Ele me falou que se tratava de um rito de passagem, o que eu já sabia, porque o professor de História fez questão de ensinar que certas religiões mantêm tradições milenares. Ele me falou que não era só um ato religioso, mas também que o jovem passava para a ala dos adultos, deixando de ser criança.

Rosalinda começou a ficar preocupada, antecipando a conclusão da história. De qualquer modo, admirava a eloquência do filho e a ordem lógica com que narrava os acontecimentos. Via nele o reflexo de seu próprio modo positivo de ver as coisas, estranhando apenas que ele estava fazendo um rodeio do assunto muito circunspecto. Não deu qualquer outra demonstração de impaciência, deixando que o pirralho fizesse o discurso que, agora, ela via que preparara com cuidado.

Leandro, que fizera uma pausa ao ver a mãe pensativa, continuou:

— Naquele dia, havia uma convidada que almoçou com a gente e que conversou muito comigo. Queria saber se eu tinha namorada, se gostava de alguma menina, se já tinha visto certos filmes na televisão. Filmes eróticos ou pornográficos, conforme você já nos havia explicado. Depois do almoço, meu pai disse que estava com sono e se trancou no quarto. Foi aí que a mulher se aproximou de mim, querendo que eu tocasse nela, chegando a abrir a blusa, mostrando os peitos. Você já viu aonde ela queria chegar.

— Agora você já sabe o que é uma meretriz, uma garota de programa. Por que você ficou tão bravo?

— Eu pensei em tudo o que Aristides me ensinou, a respeito dos cuidados com as doenças venéreas, e me lembrei de que, no seu primeiro romance, o rapaz queria casar-se virgem, terminando por encontrar... Você sabe.

— Que aconteceu, afinal? Vocês transaram?

— Eu não fiquei com vontade. Fiquei preocupado com o meu pai, que não me respeitou. Eu achei uma grosseria sem tamanho.

— Ele estava querendo iniciar sua vida sexual.

— A minha vida sexual faz tempo que começou.

— Em nossas conversas, você nunca mencionou nada disso.

— Mas eu contei para o Aristides.

— Ele não me disse nada.

— Eu pedi que não falasse nada com você.

— Mas, filho, essas coisas são importantes.

— Eu também acho, por isso conversei com ele. Mas a minha raiva já passou. Eu não volto mais lá, pelo menos por um bom tempo, e as coisas não se repetem. Quanto ao Leo...

— O que ele lhe contou?

— Ele disse que foi bom. Por isso é que estou avisando você. Agora ele vai querer ir sempre lá e pode se enroscar, porque o pai não está nem aí com os devidos cuidados.

— Você estava sem camisinha?

— Ela me mostrou várias, dizendo que não transava sem. Pois nem sem nem com.

— Você ficou envergonhado?

— Eu acho que me acanhei.

— E ela queria que você se assanhasse.

— Você não está dando importância nenhuma ao fato.

— Ao contrário, estou ouvindo com muita atenção e já estou com vontade de tomar algumas providências.

— Aí, o Leo vai cair em cima de mim.

— Não vai, não. Eu vou é falar com seu pai. Depois eu trato com o Leo, dizendo que o Olegário me contou tudo.

— Posso fazer uma observação?

— Você não gostou que eu mentisse?

— É isso aí.

— Mas que desculpa eu posso dar que evite imiscuir você no problema? Se eu falar a verdade, você vai ficar no meio da roda de fogo.

— Vou precisar *tirar de letra*.

— Onde você aprendeu essa expressão?

— Significa *com um pé nas costas*. Eu também leio o dicionário.

— Fale a verdade.

— Estava num texto lido na aula de Português.

— Veja que você também, sem querer, tentou passar-me uma peta.

— Peta?

— Mentira. As relações entre as pessoas, como você está aprendendo, mesmo entre os adultos, faz que se escondam muitas coisas. Por exemplo...

— Já entendi. Não precisa explicar.

— O que eu acho que você não entendeu direito foi a minha reação, com certeza pensando que eu estivesse de acordo com seu pai. Eu acho que você deve ter suas experiências sexuais. Se não tiver agora, vai ter mais tarde. Mas o que não pode acontecer é que sejam traumáticas, quer dizer, que lhe tragam problemas de adaptação à realidade de sua própria natureza material. Não vou dizer-lhe tudo, mas posso adiantar-lhe que um dia você irá entender melhor o porquê de ter procurado Aristides, ao invés de vir conversar comigo.

— Isso me lembra que eu estava querendo saber por que, desde que a gente era pequeno, você sempre fez questão de comprar coisas diferentes para nós dois, não nos pondo sequer na mesma escola. Será que você estava com medo de criar dois filhos exatamente iguais?

— Este é outro ponto difícil de explicar, sem que você possua os conhecimentos que eu tenho da doutrina espírita. Mas vou adiantar que cada um é um espírito diferente, com histórias próprias e problemas específicos. O que pode haver é certa semelhança no processo evolutivo anterior à reencarnação. Em todo o caso, o que é mais importante é que vocês gostam um do outro, tanto que nunca brigaram para valer.

— Mas eu gostaria de estudar Inglês com a professora do Leo. Ele já me falou que queria o meu professor de História.

— Por isso é que vocês têm um professor que os acompanha em casa no mesmo horário, para que um ouça as explicações dadas ao outro.

— Se a gente fosse à mesma escola, nem iríamos precisar desse professor.

— Nem teriam sabido que existe um bom professor de História ou uma excelente professora de Inglês.

Leandro abraçou a mãe, insistindo:

— Veja se o Leo não se complique.

— Vou fazer o possível.

Ficando só, Rosalinda não teve como não lembrar-se de seus quarenta e oito anos: uma palpitação fez que o sangue subisse à cabeça, avisando-a de que estava em plena crise de menopausa.

## 38. CLAUDIONOR

Conhecido de Rosalinda desde os tempos dos primeiros desfiles, Claudionor, um dia, voltou dos Estados Unidos, cheio de projetos para lançamento de coleções de lingerie.

Após instalar-se com a família em belo palacete, procurou os empresários do setor, oferecendo-lhes os seus serviços.

Rosalinda interessou-se, combinando com ele que, caso os contatos com a mídia se demonstrassem efetivos, poderia fechar um contrato por três meses, dando-lhe exclusividade para a divulgação de uma nova marca que consignava vários produtos, incluindo, no catálogo, joias, bijuterias, perfumes e *prêt-à-porter*.

Claudionor surpreendeu-se com o dinamismo da empresária, quando realizou a obrigatória pesquisa de seu nome no mercado. Aos quarenta e nove anos de idade, detinha ela para mais de quarenta por cento dos negócios, enfrentando de igual para igual os produtos estrangeiros, sem contar as exportações. A nova marca era a ponta do *iceberg* que escondia quatro parques fabris e dois laboratórios.

À vista dos primeiros resultados positivos, Claudionor ofereceu-lhe uma recepção em sua residência, convidando ou patrocinando, conforme o caso, cobertura completa dos órgãos de comunicação, recepção que teve o brilho das grandes festas particulares dos milionários empenhados em ampliar o lucro das empresas.

Naquela madrugada, ambos exaustos, saíram ao pátio a espairecer, desejosos de olvidar um pouco os aspectos comerciais de seu relacionamento.

— Patroa, espero que tenha ficado satisfeita com o meu desempenho.

— Você está valendo cada centavo que estou aplicando.

— Posso dizer de minha admiração pelo seu faro industrial? Tudo em que você tem tocado transforma-se em ouro. Sinto-me lisonjeado por colaborar...

— Você tem um jardim maravilhoso. Assim todo iluminado, os matizes de coloração das árvores e das flores se destacam...

Coincidentemente, as lâmpadas se apagaram, permanecendo acesas apenas as que ladeavam a alameda por onde caminhavam.

Riram os dois e se calaram por algum tempo, até que Claudionor se atreveu a perguntar:

— Você está vendo algum espírito ao nosso redor?

— Eu não. Por quê? Você está vendo?

— Às vezes, eu tenho a impressão de estar sendo observado.

— São as câmaras da equipe da segurança. Aposto que todos os muros estão sob vigilância e que ninguém entra sem que a presença seja notada.

— É verdade. Aliás, nem nos Estados Unidos eu via tanto cuidado com os ladrões.

— Nesta cidade, o controle das quadrilhas é regulamentado em lei.

— Não entendi.

— As cidades estão divididas entre bandos de malfeitores, em equilíbrio cada vez mais estável. Eles exercem o domínio de sua área a poder das armas. Houve um tempo em que havia uma polícia corrupta participando dos lucros e de algumas perdas, até que os chefões do crime organizado resolveram, lá pelos idos de dois mil e vinte, que seria bem melhor se demarcassem cada território, respeitando o comércio da droga, do sexo e das armas, estabelecendo taxas para permitirem o tráfico em seus domínios. Cada vez mais essas verdadeiras aduanas foram ganhando personalidade, de modo que, apesar de não haver contrato lavrado em cartório, também não se tentava um contrabando que só teria péssimas consequências para todos. O povo aceitou essa forma de governo, tirando proveito da paz reinante entre as gangues, desprovido o poder público de autoridade sobre a região. A juventude é que tem sofrido os piores reveses, porque são muitos os que se intoxicam, muito embora o poder dos psicotrópicos tenha sido diminuído no próprio interesse de quem vende. É bem diferente dos Estados Unidos, que precisaram cercar todas as fronteiras, abatendo os aviões e afundando os navios que se aproximavam clandestinamente.

— Rosalinda, lá existe uma verdadeira ditadura do dinheiro. Neste segundo quartel do século, os testes de odor não só determinam a existência de qualquer droga, como sua densidade e pureza. Eles não colocam nos jornais, mas todos sabem que pequenos consumidores são deixados livres. Está se passando como no tempo em que o cigarro começava a ser combatido. Primeiro, foi a exigência de cada vez mais baixos teores de nicotina e de alcatrão, até que houve a inclusão obrigatória dos produtos de eliminação orgânica dos ingredientes prejudiciais à saúde. Hoje, qualquer um pode comprar cigarros e até maconha, mas não vai obter prazer nem vai aliviar a depressão. Aliás, o tratamento dos estressados vem apresentando crescente queda, já que os campos de júbilo e de recreação estão por toda a parte, podendo até os que trabalham dezoito horas por semana, que é o máximo, reservar para todos os dias sessões com psicoterapeutas e instrutores de condicionamento físico, sempre com acompanhamento médico.

— Por que você fugiu de lá?

— Porque lá a riqueza não pode concentrar-se nas mãos das pessoas, como aqui. Se todos vivem bem, pouquíssimos alcançam possuir uma residência como esta.

— Mas você falou em ditadura do dinheiro.

— Com certeza, a ditadura é de quem emite as moedas, ou seja, o poder público. Como o povo está satisfeito com o sistema, faz trinta anos que mantém no governo o mesmo partido.

— Aqui também!

— Como?!...

— As pessoas mudam mas o espírito é sempre o mesmo.

— Rosalinda, isto me lembra a minha pergunta. Não é esse o espírito a que eu me referia.

— Eu não sou vidente como médium. Eu sou escrevente. Que base doutrinária espírita é a sua?

— Eu li um dos seus romances. Pela metade.

— Não ficou curioso como terminaria?

— Li do meio para o fim. A minha experiência diz que ler desde o início é perda de tempo.

— Mas, ao menos, não folheou o começo para obter informações?

— Duas ou três vezes. Não mais que isso.

— De qualquer modo, seus conhecimentos são precários. A doutrina dos espíritos é por demais complexa, tanto que o povo que comparece aos centros espíritas para lá vai atrás dos fenômenos, em pleno terceiro milênio. De resto, século vinte e um, vinte ou dezenove, tudo depende do nível de educação das pessoas, porque os escritos da codificação passaram pelo crivo da inteligência, da sensibilidade, dos conhecimentos e das intuições superiores de um homem (Allan Kardec) orientado por espíritos evolucionados.

— Se eles realizassem sua obra hoje, a fariam diferente?

— Nenhuma chance. Os fundamentos são imperecíveis. Mas não pense que eles estejam dormindo em berço esplêndido, como se registrava no antigo hino. Eles prosseguem orientando os encarnados, tanto que as obras mediúnicas editadas passam de cinquenta mil títulos.

— Quais as que você me recomenda?

— Existem alguns extratos do chamado pentateuco kardequiano. Se você não consegue ler sequer um romance...

— Diga um título, por favor.

— Eu vou mandar-lhe um exemplar de *O Livro dos Espíritos*. Se você gostar e se interessar, mande-lhe *O Livro dos Médiuns*, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, *O Céu e o Inferno* e *A Gênese, os Milagres e as Predições Segundo o Espiritismo*.

Dois meses depois, Claudionor foi assassinado dentro de casa por invasores pertencentes a uma quadrilha que buscava fixar seu território naquele local. A polícia apurou que havia gravações de conversas na Internet nas quais a vítima se recusava a ser extorquido.

### 39. JURANDIR

Um dia, Jurandir apareceu no escritório da firma, com ares de profunda preocupação.

Foi recebido por Rosalinda, que disfarçou a curiosidade por tão inusitada visita:

— Com que então, o Doutor Jurandir, meu mui estimado genro, resolveu dignar-se a visitar o meu ambiente de trabalho. Que bons ventos o trazem?

O médico foi logo acomodando-se na cadeira que puxou para a frente da escrivaninha, expondo francamente o seu problema:

— Meu pai está caducando. Está com ideias de abrir mão do convênio médico que construiu com tanto custo. Quero saber se você está a par dos negócios que ele vem fazendo.

— O que eu sei é que, desde que assassinaram o Claudionor, há uns sete ou oito meses atrás, ele vem sacando de nossa conta conjunta quantias cada vez maiores. Sobre isso, eu conversei com ele, mas ele me pediu que tivesse paciência, pois era para cobrir duas ou três sentenças de indenização. Perguntei se a firma dele estava no vermelho, e ele me afirmou que todos os contratos se acham em dia e que a companhia seguradora vem dando cobertura aos inadimplentes.

— Como ele explicou as indenizações?

— Disse que se tratava de casos em que as parturientes faleceram, por imperícia dos médicos conveniados.

— Estou refazendo toda a contabilidade da clínica e não encontrei nada relativo a tais processos. Aliás, todos os processos em que se implicava o nome do convênio resultaram inócuos, tendo os pleiteantes que arcar com as custas.

— Pois o que eu sei é o que lhe disse. Se for outra coisa, ele está mentindo pra mim.

— Com certeza, está. O que consegui apurar é que ele mantém várias clínicas, em diferentes bairros, com atendimento gratuito para a população carente. Tenho um relatório que me fez um detetive em que constam frequentes encontros com representantes do crime organizado.

— Jurandir, como sabemos, você melhor do que eu, essa gente costuma assumir as despesas, no máximo explorando os profissionais, que obrigam a trabalhar de graça.

— Acho que não é o caso. Eu mesmo já fui chamado a tratar de familiares de chefões, chefes e chefetes, nunca, porém, sem ser remunerado regamente.

— Com relação aos familiares, é diferente. Estou falando da assistência médica à população em geral, justamente a que fica sob a proteção das quadrilhas.

— De acordo, mas quando se trata de sistema de saúde sob o auspício da bandidagem, pelo menos, os postos médicos ficam em prédios próprios. Meu pai está arcando com as despesas de aluguel e com o pagamento de todos os funcionários. Acho que está praticando caridade, curando como se fosse uma bênção de Deus ou um milagre de Jesus. Mas, se for isso, logo se verá sem dinheiro e até com dívidas, já que está procedendo a retiradas de sua conta.

— Agora que você está expondo essa faceta do problema, estou lembrando-me de que, no meu último romance, havia uma personagem que acabou imergindo nas trevas em profundo sofrimento, tudo porque, profissionalmente, agia com frieza, sem dar nenhum afeto à clientela, altamente interessado nos emolumentos. Você leu essa obra?

— Você sabe que tenho muito pouco tempo. Sempre que me vejo em casa, fico com Bianca, já que Beatriz alterna comigo muitos horários de trabalho.

— Diga a verdade: você não lê porque a minha filha não deixa entrar em casa nenhuma de minhas publicações.

— Isso é também verdade. Mas ela não tem como proibir-me de seguir nenhuma linha filosófica ou religiosa de minha convicção. Mas eu li muito pouco do que você escreveu, principalmente mensagens de consolação e apoio moral, as de autoajuda que estão na Internet.

— Voltemos a Aristides. Eu posso ter uma conversa com ele, mas seu pai costuma fazer um exame rigoroso de cada situação que enfrenta, diagnosticando sempre os males e receitando os remédios, isto para tudo o que faz na vida. Neste ponto, eu concordo com você em que ele esteja caducando. Mas é o jeito dele, desde que o conheço.

— Eu não vim trazer-lhe apenas um problema. Vim sugerir-lhe uma solução. Como ele já passou dos sessenta e vocês estão muito bem de vida, proponha-lhe a aposentadoria. Se ele sair de cena, não vai cair nessa esparrela de trabalhar sem lucro.

— Como ficariam as clínicas que você disse que ele mantém do próprio bolso?

— Correção: da sua bolsa...

— Ou isso.

— Eu assumo a responsabilidade de cumprir os objetivos dele, com a condição de que ele não interfira em nada.

— Mas você não vai querer ficar no prejuízo...

— Não tenho recursos para substituir a benemerência oficial. Então, vou combinar com aqueles chefões, chefes e chefetes para que *futurem* politicamente a assistência em seus bairros, conservando a estrutura original dos postos de saúde.

— Isso lhe parece correto?

— O que não pode é o povo ficar na mão, já que o poder constituído não promove tais serviços em áreas dominadas pelas organizações criminosas. Enquanto isso, as moléstias tendem a tornar-se endêmicas ou epidêmicas, pondo em risco toda a população.

— E se eu aplicasse minhas reservas, oficializando e subsidiando o plano clandestino de seu pai? Você teria algo contra?

— Desde que ele se aposente, não. Pelo que pude sentir, é muito alta a taxa de estresse do velho...

— Não chame seu pai de velho. Eu o que sou?

— Desculpe-me, querida sogrinha...

— Você me chamava de mãezona...

— Não brinque. Vim tratar de um tema sério, que é a saúde de meu pai. Se ele não se consulta comigo nem com nenhum colega nosso, quer dizer que não sabe exatamente a quantas andam suas taxas glicêmicas, seu teor salino, seus fluidos e plasmas sanguíneos...

— Em suma, doutor, Aristides está pela hora da morte...

— Eu só não lhe dou uma resposta malcriada, porque sei que você costuma disfarçar suas preocupações, jamais deixando de tomar as medidas cabíveis, em tempo oportuno. Saio com a consciência aliviada, mas continuo temeroso. Só vou ficar satisfeito, quando souber que sua entrevista com ele houver redundado em atitudes positivas de preservação da vida.

— Dê um abraço na Beatriz e passe-lhe o meu *site* na Internet. Você está sabendo que tenho um com meu nome, onde se acham todos os meus livros psicografados e através do qual converso com espíritos de todo o mundo?

— Quem me deu seu endereço foi Bianca. Ela admira muito a avó. Outro dia me perguntou se os espíritos não lhe ditam obras infanto-juvenis. Eu não soube o que dizer.

— Pode deixar que vou responder a ela por *e-mail*.

— E eu lhe prometo que vou ler aquele seu romance. É o mínimo que posso fazer para corresponder ao seu empenho junto ao meu pai.

Seis meses depois, todas as clínicas estavam registradas sob o nome de uma empresa só, exercendo Rosalinda o controle acionário, aplicando os dividendos segundo a lei. Aristides foi eleito presidente do conselho deliberativo e Jurandir passou a presidir a diretoria. Entretanto, corria à boca pequena entre a população que os narcotraficantes estavam lavando dinheiro, tendo em vista as significativas doações que a benemérita instituição contabilizava.

## 40. BIANCA

— Vó, vc. 'taí?

Bianca buscava contato com Rosalinda, via ICQ.

— Fala, Bi...juzinho!

Imediatamente, ambas adquiriram a imagem da outra no monitor.

— Preciso conversar com vc.

— O canal está aberto.

— Sem áudio.

— Tudo bem.

— Não tem ninguém na janela?

— Exclusividade pra vc.

— Menstruei.

— Parabéns, querida. Mas isso é uma coisa natural. Por que o segredo?

— Pensei que pudesse estar grávida.

— Como *pensei*?!...

— Transei sem camisinha.

— Já falamos a respeito. Vc. quer pegar uma doença?

— Se esqueceu que tomei a vacina?

— Nunca se sabe. Acabaram com a AIDS, mas só depois que ela acabou com muita gente.

— Isso é coisa do século passado.

— Deste século, até um pouco antes de você nascer.

— Foi com o Wanderley.

— Aquele moreninho que conheci no teu aniversário?

— Até parece que te apresentei mais alguém...

— Ele me pareceu efeminado.

— Só pras mães e pras avós...

— E se vc. ficasse grávida?

— Punha o teu nome nela.

— Vcs. fizeram a seleção espermica?

— Brincadeirainha!...

— Aposto que está armando comigo...

— Foi só uma ideia. Lá eu vou querer brincar de boneca?

— Vc. está *brincando* muito.

— Mas é tão gostoso!!!!

— Deixa tua mãe saber disso.

— Foi ela quem me explicou tudo e com os nomes certos.

— Ela é médica, mas não ia aceitar um neto tão cedo.

— Ia é me internar.

— Por que vc. está achando que eu não vou contar a ela?

— Porque vc. é muito legal e já enfrentou tudo na vida.

— Cuidado com o desrespeito!!!!

— Vó, eu te amo!!!!

— Bajuladora.

— É verdade.

— Que vc. me ama ou que é bajuladora?

— As duas coisas.

— Falando sério: vc. não acha o Wanderley muito imaturo pra assumir a responsabilidade de ser pai?

— Isso importa?

— A criança que não tem pai gera uma série de problemas na cabeça.

- Vc. criou a Beatriz sozinha.
  - Quem cuidou de sua mãe foi sua bisavó. Mas o pai dela, vc. sabe muito bem, até agora a visita.
  - O *cara* é professor aposentado. Vem com uma mão na frente e outra atrás.
  - Não diga *cara* pro seu avô.
  - O Lauro é muito folgado. Como é que vc. *deu* pra ele?
  - Boca suja! Isso lá é termo que se use?
  - Vc. foi quem me contou que era desbocada na minha idade.
  - Era mesmo. Reconheço. Mas agora eu sei que existem muitas coisas mais importantes na vida. Falar bobagens é perda de tempo. Vc. gostou do meu último romance?
  - Sério demais. Eu só fui até o fim porque queria saber como os três ex-maridos da heroína iriam dar-se depois de mortos.
  - Vc. não achou o desenlace emocionante?
  - Puro... Ia dizer *deboche*. Mas vc. não ia gostar. Então, eu te pergunto se essa solução de todos os espíritos continuarem com seus amores, relembrando os fatos da vida, não é imoral.
  - Imoral seria se eles se odiassem.
  - Vc. acha que o pai de Beatriz vai aceitar o pai dos gêmeos e também o Aristides?
  - Isso é o de menos. Como é que as outras mulheres deles vão me aceitar?
  - Bem faz minha mãe, que só transou com meu pai e vai poder ficar com ele pra sempre.
  - E as encarnações anteriores?
  - Eu não posso ser nem um pouquinho romântica?
  - Ser romântica é bom pra sonhar com o Wanderley. A vida aperta os laços existenciais...
- Desculpe!!!!
- Eu li muitas histórias infantis que as pessoas desejam um amor eterno.
  - Nas histórias infantis, as personagens são idealizadas. Pra quem vem dizer que, aos treze anos, está transando numa boa, a realidade está chegando bem cedo.
  - Vc. não aprova?
  - Eu previno. Esse Wanderley deve estar indo com outras.
  - É bom mesmo, porque eu não vou ficar com ele pra sempre.
  - Contradição: não era vc. que desejava um amor eterno?
  - Nos livros, vó. Só nos livros...
  - Pois nos livros é que é bonito a mocinha engravidar. Eu passei a vida toda trabalhando com mães solteiras e vi quantos dramas precisam ser superados. Faça o favor de não cair nessa.
  - Vc. está parecendo minha mãe falando.
  - As experiências da vida são intransferíveis. Por isso é que existem pais e mães, avós e avôs, professores e pessoas mais velhas: pra impedir que os jovens sofram antecipadamente.
  - Porque sofrer todos vão...
  - Nem todos. Mas na loteria, poucos bilhetes são premiados. E eu não acho que o Wanderley mereça o prêmio.
  - Vc. não gostou dele.
  - Não sou eu quem tem de gostar.
  - Tem gente querendo entrar. Tchau! Depois a gente conversa mais.
  - Tchau! Bi...

Quando Rosalinda desligou, estava tremendo. Via a neta batendo a cabeça vida afora, até encontrar um viúvo que lhe dava serenidade e segurança. Mas precisou acrescentar à visão uma criaturinha de treze anos decidida a enfrentar os dissabores e as vicissitudes, porque acreditava que essa nova personagem poderia ser ela mesma, necessitada de vencer defeitos e de curar feridas.

## EPÍLOGO

Quinze anos depois dos últimos acontecimentos, após ter Aristides partido para o além, Rosalinda bruscamente se viu às voltas com uma desencarnação difícil, vítima de acidente aeroviário.

Lutou com unhas e dentes a ver se se mantinha de posse dos despojos materiais, sem dar-se conta de que lhe era impossível restaurar o princípio vital.

Finalmente livre das amarras fluídicas, sentiu-se transportar por regiões de incrível variedade de manifestações espirituais, verdadeira festa de cores e sons, em que o desespero da passagem se diluía em sentimentos de paz e compreensão do momento.

Foi quando perdeu completamente a noção de si mesma, reavivando toda a sua última jornada terrena, ao mesmo tempo que impregnava os pensamentos de preces agradecidas ao Senhor pela assistência espiritual que era capaz de reconhecer em cada pequenina reação desequilibrada.

Voltou a si consciente de haver progredido, satisfeita por ser recebida pelos familiares e amigos que a precederam, ligando uns aos outros, perguntando, enfim, por alguns poucos ausentes. Quanto aos que se haviam valido de sua mediunidade, recebeu os agradecimentos de milhares de mensageiros cuja existência cruzara com a sua apenas naquela circunstância.

Esmeralda aguardou serenamente que Rosaura e Rodolfo se desprendessem do demorado abraço, para apresentar-se na figura de uma jovem cujos traços, aos poucos, foram fazendo-se familiares, até que Rosalinda descobriu neles a fisionomia de uma antiga rival contra quem nutrira sentimentos de ódio.

— Por Deus, querida protetora, queira receber os eflúvios de minha mais profunda admiração e respeito.

— A vida ensina, minha cara, que as diferenças entre as criaturas vão desfazendo-se à medida que formos entendendo e praticando a sacratíssima moral evangélica. Quando aplicamos os princípios básicos da doutrina espírita aos atos reflexos, acrescentamos ao coeficiente de moralidade superior do Cristo o entendimento das leis de Deus, sendo capazes de eliminar os vícios ruins que trazíamos incrustados na personalidade. Conscientes da própria necessidade, enxergamos melhor as dificuldades alheias, passando a agir em consonância com o novo padrão existencial. Cada vez mais iremos distrair-nos com as tarefas altruístas, terminando por exercer, no etéreo, funções de mentores e guias, integrando-nos em grupos de socorristas de mesma extensão vibratória e mesmo teor evolutivo. Você está recebendo todo o influxo da amizade e do amor dos seres com quem se relacionou durante a existência carnal e este contato a mantém com a mente aberta para compreender as informações que lhe estamos passando. Entretanto, querida, todos nós, quando aqui aportamos, uns mais, outros menos, sentimos forte a vocação de emendarmos o que estamos sendo ao que fomos, em busca de nos identificarmos. Esse há de ser o seu próximo passo, no que será auxiliada por quantos se sentirem capazes de contribuir para o sucesso do empreendimento. Vai bater-lhe a saudade dos que ficaram a lamentar-lhe a partida, contudo, seu forte coração irá preservá-la de preocupações, porquanto os conhecimentos da efetiva misericórdia de Deus irão constituir-se em escudo contra possíveis arremessos nas áreas obscuras dos tempos em que houve falta de fé. Deixo-a agora, asseverando-lhe que seus descendentes estão trilhando, cada qual a seu modo, o caminho da redenção. Fique com Deus!

Antes que pudesse efetuar uma só das infinitas perguntas que a mente formulava, Esmeralda desapareceu.

Rosalinda, numa reação instintiva, olhou ao redor de si, como a rogar pelo amparo das criaturas presentes. Mas foi apenas um gesto, imediatamente substituído pela sensação de que estava segura e agasalhada. Perpassou-lhe pela memória a lembrança de quando nascera, que se unia aos fatos que envolveram os filhos ao dá-los à luz, podendo cotejar as impressões com a atual, tomando consciência de que nunca antes estivera na mesma condição de vigor e domínio sobre si mesma.

Foi quando tomou a decisão de romancear a vida, eivando a realidade crua com seu grau de confiança no poder da natureza humana de superar os defeitos e de vencer as crises. Escreveria episódios e os designaria com os nomes dos seres com que convivera, sem esconder nem interpretar-lhes as personalidades, a não ser com a visão correlata da performance vital da época dos acontecimentos.

Tendo percebido que não auxiliaria os mortais situando as personagens no passado, projetou as cenas no futuro, sem temer esbarrar em inverossimilhanças relativas à realidade em construção. Um dia, autorizada pelos mentores, que lhe forneceram as diretrizes do trabalho, compareceu junto à mesa do médium para ditar-lhe o resultado de seus esforços.

Deus nos abençoe a todos!

Indaiatuba, de 31.07 a 26.09.00.